



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

GUSTAVO SENA DE ALMEIDA SANTIAGO

**SANKOFA:
RETOMADA AOS VESTIGÍOS DA PAISAGEM DE ITAPUÃ**

Salvador – BA
2022

GUSTAVO SENA DE ALMEIDA SANTIAGO

**SANKOFA:
RETOMADA AOS VESTÍGIOS DA PAISAGEM DE ITAPUÃ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, com requisito final para obtenção de título de Mestre Acadêmico em Urbanismo.

Área de Concentração: Urbanismo.

Linha de pesquisa: Processos urbanos contemporâneos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gabriela Leandro Pereira.

Salvador – BA
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio impresso ou digital, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

S235

Santiago, Gustavo Sena de Almeida.

Sankofa [manuscrito] : retomada aos vestígios da paisagem de Itapuã / Gustavo Sena de Almeida Santiago. – Salvador, 2022.
180 f. : il.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2022.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gabriela Leandro Pereira.

1. Sociologia urbana. 2. Comunidade urbana - Itapuã (Salvador, BA). 3. Memória coletiva. 4. Urbanização - Itapuã (Salvador, BA) - Séc. XX. I. Pereira, Gabriela Leandro. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 316.334.56(813.8)



ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado EM ARQUITETURA E URBANISMO DO MESTRANDO
GUSTAVO SENA DE ALMEIDA SANTIAGO

Ao sexto dia do mês de julho de dois mil e vinte e dois, reuniu-se por convocação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, a comissão composta pelos Professores Doutores Gabriela Leandro Pereira, Fábio Macêdo Velame, Kênia Cardoso Vilaça de Freitas, José Eduardo Ferreira Santos, sob a presidência da primeira, na qualidade de orientadora, para proceder ao exame do trabalho apresentado pelo mestrando **Gustavo Sena de Almeida Santiago** intitulado “**Sankofa: Retomada aos vestígios da paisagem de Itapua**”.

O ato teve início às 09:00 horas, tendo sido concedido ao mestrando cinquenta (50) minutos para exposição resumida dos conteúdos do seu trabalho. De acordo com as normas que regulam a matéria, cada examinador fez suas observações e levantou questões, que foram respondidas pelo candidato.

Concluído o exame, os professores atribuíram as seguintes indicações:

Profa. Dra. Gabriela Leandro Pereira	APROVADO COM DISTINÇÃO
Prof. Dr. Fábio Macêdo Velame	APROVADO COM DISTINÇÃO
Profa. Dra. Kênia Cardoso Vilaça de Freitas	APROVADO COM DISTINÇÃO
Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos	APROVADO COM DISTINÇÃO

Com o que se julgou o mestrando **APROVADO COM DISTINÇÃO**, sendo recomendado ao Colegiado de Curso deste Programa de Pós-Graduação que seja concedido a **Gustavo Sena de Almeida Santiago** o grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Salvador, 06 de julho de 2022

Profa. Dra. Gabriela Leandro Pereira
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora
PPG-AU/FAUFBA

Prof. Dr. Fábio Macêdo Velame
Membro da Banca Examinadora
PPG-AU/FAUFBA

Profa. Dra. Kênia Cardoso Vilaça de Freitas
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos
Membro da Banca Examinadora
PPGFSC/UCSAL

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação de mestrado é o resultado de uma longa trajetória, que foi escrita em meio ao cenário catastrófico da Pandemia do Convid-19, em momentos bons e ruins. Onde a esperança e o desejo de concluí-la foi também um dos amuletos que me ajudou a enfrentar esses dias. A elaboração desse trabalho, se tornou possível graças ao apoio das pessoas que me inspiraram, acreditaram na importância desta investigação e compartilharam as suas sabedorias.

Agradeço especialmente a minha avó materna Maria Guimarães, a minha mãe Ednalva Almeida e a minha tia materna Conceição Almeida, que sempre zelaram pela minha vida. Inclusive dando suporte para eu me dedicasse aos estudos. A meu irmão Thiago Santiago pelo companheirismo e interesse para conversar sobre o tema. A minha noiva Rani Lima, por todo suporte e incentivo que me apoiou em não desistir dos meus objetivos. A minha enteada Dandara Salgueiro, por me ajudar a não esquecer da potência da imaginação das crianças. A meus sogros Sônia Lima e Adroaldo Lima, por proporcionarem uma rede de apoio ao longo de todo processo. A meu avô materno Crispim, pelas boas ações feitas nos momentos que pode ser presente na vida de nossa família e pelas referências construídas enquanto mestre obras. Esta conquista é nossa, sem vocês ela não teria sido possível.

À arquiteta Roseane Souza e ao historiador Manoel Souza, amigos e vizinhos de bairro, por todo conhecimento compartilhado sobre Itapuã.

À minha orientadora Gabriela Pereira, por ter aceito encarar comigo esta investigação, por acreditar em minhas inquietações, por partilhar os seus conhecimentos e por todo incentivo para continuar rompendo barreiras. À Fabio Velame, José Eduardo e a Kênia Freitas pela compreensão com os contratemplos ocorridos, pela leitura atenta e compartilhamento dos seus saberes. As orientações foram fundamentais para que a pesquisa se consolidasse.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro, sem o qual não teria sido possível concluir este trabalho.

À todas amigas e amigos do grupo de estudos Corpo, Discurso e Território pela rede de apoio, fundamental para enfrentar sobretudo o tempo da pandemia.

À Fernanda Reis, Aislane Nobre, Silvia Pimenta, Karina Matos, Isadora Scheffler, João Pena, Robson Basílio, Lilian Farias e Thaís Rebouças por todo conhecimento compartilhado e por despertarem em mim o desejo de ser também professor.

“... a descolonização da imaginação é o mais perigoso e subversivo de todos os processos de descolonização.” (IMARISHA, 2016, p.04).

RESUMO

SANTIAGO, Gustavo Sena de Almeida. **Sankofa** [manuscrito]: retomada aos vestígios da paisagem de Itapuã / Gustavo Sena de Almeida Santiago. – Salvador, 2022. 180 f.: il. Cópia de computador (*printout(s)*). Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2022. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Gabriela Leandro Pereira.

O território de Itapuã é atravessado pelas práticas cotidianas herdadas da população indígena e negra que habitaram este local em períodos anteriores e que vem sendo reformuladas por seus descendentes ao longo dos tempos. A intensificação do surgimento de novas ocupações e as intervenções urbanas promovidas pelos órgãos governamentais, ocorridas a partir da segunda metade do século XX, gerou mudanças significativas na paisagem e conseqüentemente nas relações socioespaciais que os moradores tinham neste território. Sendo assim, esta dissertação tem como objetivo contribuir com o debate urbano, por meio da investigação sobre a presença dos afro-indígenas e seus descendentes na formação e na organização espacial de Itapuã. A elaboração deste trabalho, tem como inspiração para a realização da coleta e análise de dados os fundamentos da Metodologia Afrodescendente em Pesquisa e emprega na sistematização das informações a junção dos princípios das Ficções Visionárias e das Afrofabulações. Esta investigação permitiu identificar formas da construção deste espaço urbano e as reexistências de vida elaboradas pelos Itapuãzeiros geradas em meios as diversas mudanças.

Palavras-chave: Afrofuturismo; Cidade; Ficção; Memória; Produção do Espaço Urbano; Relações Étnico Raciais.

ABSTRACT

SANTIAGO, Gustavo Sena de Almeida. **Sankofa** [manuscrito]: retomada aos vestígios da paisagem de Itapuã / Gustavo Sena de Almeida Santiago. – Salvador, 2022. 180 f.: il. Cópia de computador (*printout(s)*). Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2022. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Gabriela Leandro Pereira.

The Itapuã territory is crossed by the daily practices inherited from the indigenous and black population that inhabited this place in previous periods and that have been reformulated by their descendants over time. The intensification of the emergence of new occupations and urban interventions promoted by government agencies, which occurred from the second half of the twentieth century on, generated significant changes in the landscape and consequently in the socio-spatial relations that the residents had in this territory. Thus, this dissertation aims to contribute to the urban debate by investigating the presence of Afro-Indians and their descendants in the formation and spatial organization of Itapuã. The elaboration of this work has as inspiration for the collection and analysis of data the foundations of the Afrodescendant Research Methodology and employs in the systematization of information the junction of the principles of Visionary Fictions and Afrofabulations. This research allowed us to identify ways of building this urban space and the reexistence of life elaborated by the Itapuãzeiros generated in the midst of several changes.

Keywords: Afrofuturism; City; Ethnic Racial Relations; Fiction; Memory; Production of Urban Space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da Nova Conquista de Itapuã.....	13
Figura 2 - Mapa da localização de Itapuã.....	14
Figura 3 - Andikra Sankofa	23
Figura 4 - Ednalva, durante a gestão de Gustavo nas dunas do Abaeté	26
Figura 5 - Um dos registros do Fort Pierce, projeto que integra o BlackFlorida - A Living Archive	27
Figura 6 - Uma das fotografias estereoscópicas da exposição Filha Natural	36
Figura 7 - Cláudia Mamede na varanda da casa grande, da fazenda de Ubá	37
Figura 8 - Casa e o jardim da avó Maria	38
Figura 9 - Registros sobrepostos das casas de Maria	39
Figura 10 - Avó Maria indo para a praia trabalhar	45
Figura 11 - Planta do Quilombo do Buraco do Tatu	46
Figura 12 - Fotografia aérea da década de 1959 da região do bairro de Itapuã.....	47
Figura 13 - Comparativo entre a Nova Conquista (1959) e o Quilombo do Buraco do Tatú ..	48
Figura 14 - Comparativo entre a Nova Conquista (2019) e o Quilombo do Buraco do Tatú ..	49
Figura 15 - Os deslocamentos entre as casas de Maria	54
Figura 16 - Fotografia 3x4 da bisavó Maria Hosminia entre as fotos da família	56
Figura 17 - Vista da Serra da Águia a partir de Ibicoara.....	56
Figura 18 - Maria na varanda da casa da família que ela trabalhava no bairro do Barbalho em uma festa de São João. (Década de 1960)	59
Figura 19 - Dorival Caymmi e seus amigos em Itapuã no ano de 1935.....	61
Figura 20 - Trecho da primeira pista construída na orla de Itapuã em 1952.....	64
Figura 21 - Monumento da Sereia na década de 1960	65
Figura 22 - Escultura atual da Sereia de Itapuã	66
Figura 23 - Uma parte dos rochedos que chegam as praias de Itapuã. Pedra que Ronca do fundo	66
Figura 24 - Tubulação de escoamento emergida de uma das Estações Elevatórias de Esgoto ..	69
Figura 25 - Vestígios da localização da antiga vila dos Tupinambás em Itapuã.....	70
Figura 26 - Morro do Vigia na década de 1960.....	71
Figura 27 - Vestígio do cemitério dos ossos das baleias	72
Figura 28 - Cortejo da Baleia durante a Lavagem de Itapuã em 2020	72
Figura 29 - Jangada em Itapuã.....	76

Figura 30 - Uma das canoas utilizadas pelos pescadores locais.....	76
Figura 31 - Farol de Itapuã 1873	77
Figura 32 - Farol de Itapuã atualmente.....	78
Figura 33 - Mapa dos vestígios das pedras.....	79
Figura 34 - Mapa Acampamento Pirajá a Itapuã.....	81
Figura 35 - Praia de Itapuã. Destaque para as casas da antiga vila de pescadores ao fundo na década de 1970	83
Figura 36 - Casas da antiga vila de pescadores de Itapuã, na década de 1960.....	83
Figura 37 - Foto aérea das primeiras ocupações em Itapuã.....	84
Figura 38 - Paróquia Nossa Senhora da Conceição, junto às primeiras ocupações décadas de 20	85
Figura 39 - Dorival Caymmi e amigas e ruas com casas cobertas de palhas na década de 1930	86
Figura 40 - Dorival Caymmi e amigos em frente a uma das casas revestidas de palhas na década de 1930	87
Figura 41 - Construção do Terreiro Ibá Faromim em 19 de julho de 1963.....	87
Figura 42 - Dorival Caymmi e amigos a frente de uma das casas de Itapuã construída com técnica de taipa de sapo na década de 1930.....	88
Figura 43 - Bar de Jarbinha, localizado na rua do Céu em Itapuã, ainda mantém as palhas nas coberturas.....	89
Figura 44 - Casas antigas de Itapuã na década de 1930	90
Figura 45 - Peixaria São João, que pertencia ao avô de José Souza durante a Lavagem de Itapuã	90
Figura 46 - Mercado Municipal de Itapuã	91
Figura 47 - Rua Genebaldo Figueiredo, conhecida também como Rua da Direita.....	92
Figura 48 - Últimas edificações da Rua Genebaldo Figueiredo que ainda são apenas residências	92
Figura 49 - Primeira casa de Maria em Itapuã na década de 1970.....	93
Figura 50 - Croqui da segunda casa de Maria em Itapuã	94
Figura 51 - Trecho da Avenida Dorival Caymmi, antes do processo de duplicação	97
Figura 52 - Cantor Dorival Caymmi em frente a placa após a conclusão da construção da avenida.....	97
Figura 53 - Barracas de praia do trecho de Jaguaribe.....	99
Figura 54 - Mapa das ocupações de Itapuã nos anos de 1980.....	100

Figura 55 - Maria, Crispim e seus sete filhos na casa da Nova Conquista em 1976.....	101
Figura 56 - Nova Brasília de Itapuã na década de 80	102
Figura 57 - Crispim em frente a um dos condomínios que ele foi o mestre de obras no final da década de 1990	105
Figura 58 - Ednalva em frente à casa de sua família	109
Figura 59 - Localização das construções realizadas por Crispim.....	110
Figura 60 - Fotografia do primeiro momento que Gustavo chega na casa de sua avó Maria em janeiro de 1994	113
Figura 61 - Gustavo e seu irmão Thiago brincando no beco da casa de Maria.....	121
Figura 62 - Mananciais do SIAA de Salvador e SIAA do Recôncavo.....	122
Figura 63 - Fonte de água da casa de Maria	123
Figura 64 - Cartão Postal com os aguadeiros e as lavadeiras às margens da Lagoa do Abaeté	124
Figura 65 - Mapa com de localização da APA Lagoa e Dunas do Abaeté.....	125
Figura 66 - Bosque de Osun na Nigéria	127
Figura 67 - Oxum... Mãe do amor incondicional	128
Figura 68 - Lavadeiras e banhistas na Lagoa do Abaeté na década de 1980	131
Figura 69 - Lavadeiras na Lagoa do Abaeté na década de 1980	132
Figura 70 - Aguadeiro na Lagoa do Abaeté	134
Figura 71 - Lagoa da Barragem de Itapuã na década de 1970	136
Figura 72 - Chafariz que ficava na rua Aristides Milton, em frente à Praça Dorival Caymmi na década de 1960	137
Figura 73 - Registro feito por minha mãe Ednalva, enquanto eu estava brincando na varanda e a minha avó Maria tentava encontrar algum fruto de urucum para temperar o macarrão do almoço	144
Figura 74 - Região de Itapuã no ano de 1950.....	147
Figura 75 - Região de Itapuã no ano de 1960.....	147
Figura 76 - Região de Itapuã no ano de 1976.....	148
Figura 77 - Região de Itapuã no ano de 1989.....	148
Figura 78 - Região de Itapuã no ano de 1998.....	149
Figura 79 - Região de Itapuã no ano de 2005.....	149
Figura 80 - Região de Itapuã no ano de 2011	150
Figura 81 - Região de Itapuã no ano de 2022.....	150
Figura 82 - Maria e o jardim de sua casa.....	155

Figura 83 - As plantas da casa de minha avó Maria	157
Figura 84 - "Quebranto" - rezadeiras	158
Figura 85 - As plantas do jardim de minha avó Maria	159
Figura 86 - Sinalização restritiva nas margens da Lagoa do Abaeté.....	160
Figura 87 - Obra de canalização do Rio do Bispo conhecido como Beira-Rio.....	161
Figura 88 - Barraca das folhas.....	162
Figura 89 - Jardim de Maria	163
Figura 90 - Visita das ararinhas ao jardim de Maria em um fim da tarde.....	164

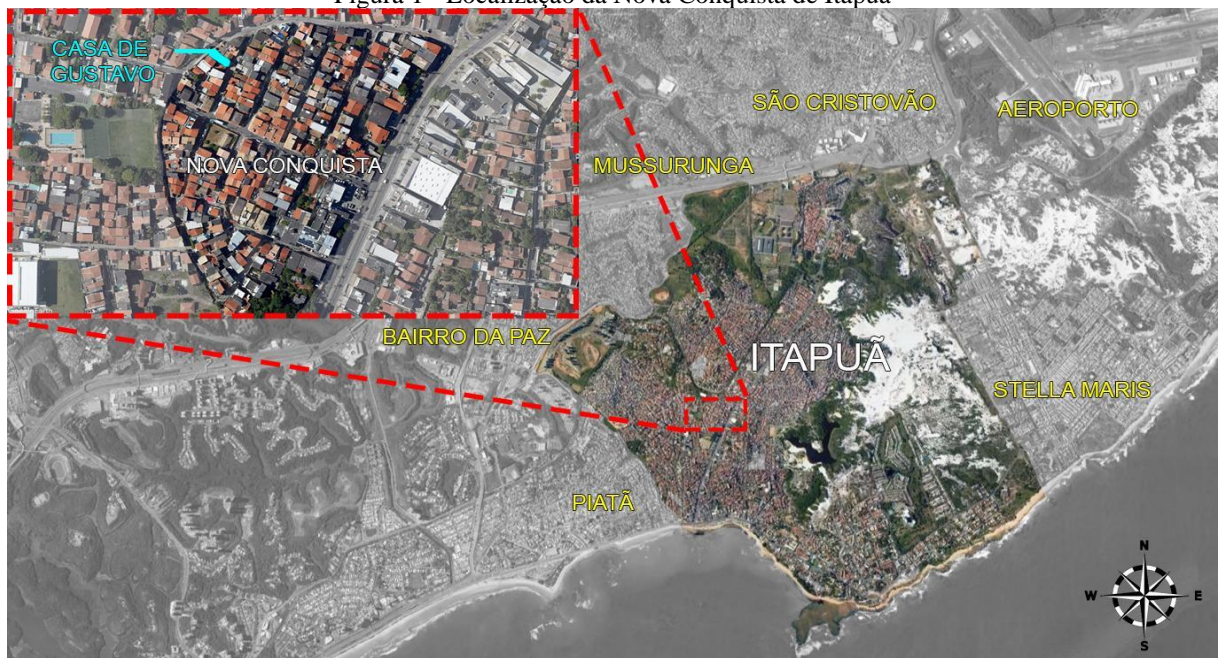
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 VESTÍGIOS DA PAISAGEM DE ITAPUÃ	38
2.1 AS CASAS.....	45
2.1.1 O conquistador de vestígios	45
2.1.2 Idas, vindas e permanências entre o interior e Salvador.....	54
2.1.3 O veraneio e o trabalho em Itapuã	60
2.1.4 Dinâmicas guiadas pelo mar e pelas pedras.....	65
2.1.5 As casas da vila de pescadores de Itapuã	80
2.1.6 As casas de alvenaria e a intensificação da urbanização	92
2.1.7 Construindo a suas casas e a sua cidade	105
2.1.8 Vislumbrando novas possibilidades para a construção do futuro.....	111
2.2 AS ÁGUAS DOCES.....	117
2.2.1 O reino dourado das águas escuras	117
2.2.2 Vestígio das águas.....	121
2.2.3 A Lagoa do Abaeté	124
2.2.4 As Lavadeiras	129
2.2.5 Os Aguadeiros.....	133
2.2.6 As Cacimbas.....	134
2.2.7 Os chafarizes e a barragem	135
2.2.8 A Casa de dona Maria da fonte.....	138
2.3 OS MATOS E OS JARDINS DOS QUINTAIS	141
2.3.1 O mateiro ancestral.....	141
2.3.2 Itapuã era tudo mato.....	144
2.3.3 Os jardins dos quintais	155
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
3.1 MAPA DO RETORNO	165
3.2 FAZENDO REGISTRO, GUARDANDO MEMÓRIAS E RECONSTRUINDO O FUTURO.....	169
REFERÊNCIAS	174

1 INTRODUÇÃO

O processo de investigação deste trabalho, surgiu muito antes do meu ingresso no mestrado, ele é um dos frutos das minhas experimentações de mundo. Desde o meu nascimento em janeiro de 1994 até o período atual que estou escrevendo este texto, sempre morei na mesma casa, que fica localizada na Rua Nossa Senhora da Angústia. A minha casa foi construída no fundo do lote onde antes era o quintal da casa da minha avó materna Maria, que tem a fachada frontal voltada para a Rua Nossa Senhora da Vitória. Apesar destas divisões internas, vivemos como se essas casas fossem apenas uma. Este terreno fica situado na Nova Conquista, uma das subdivisões Itapuã.

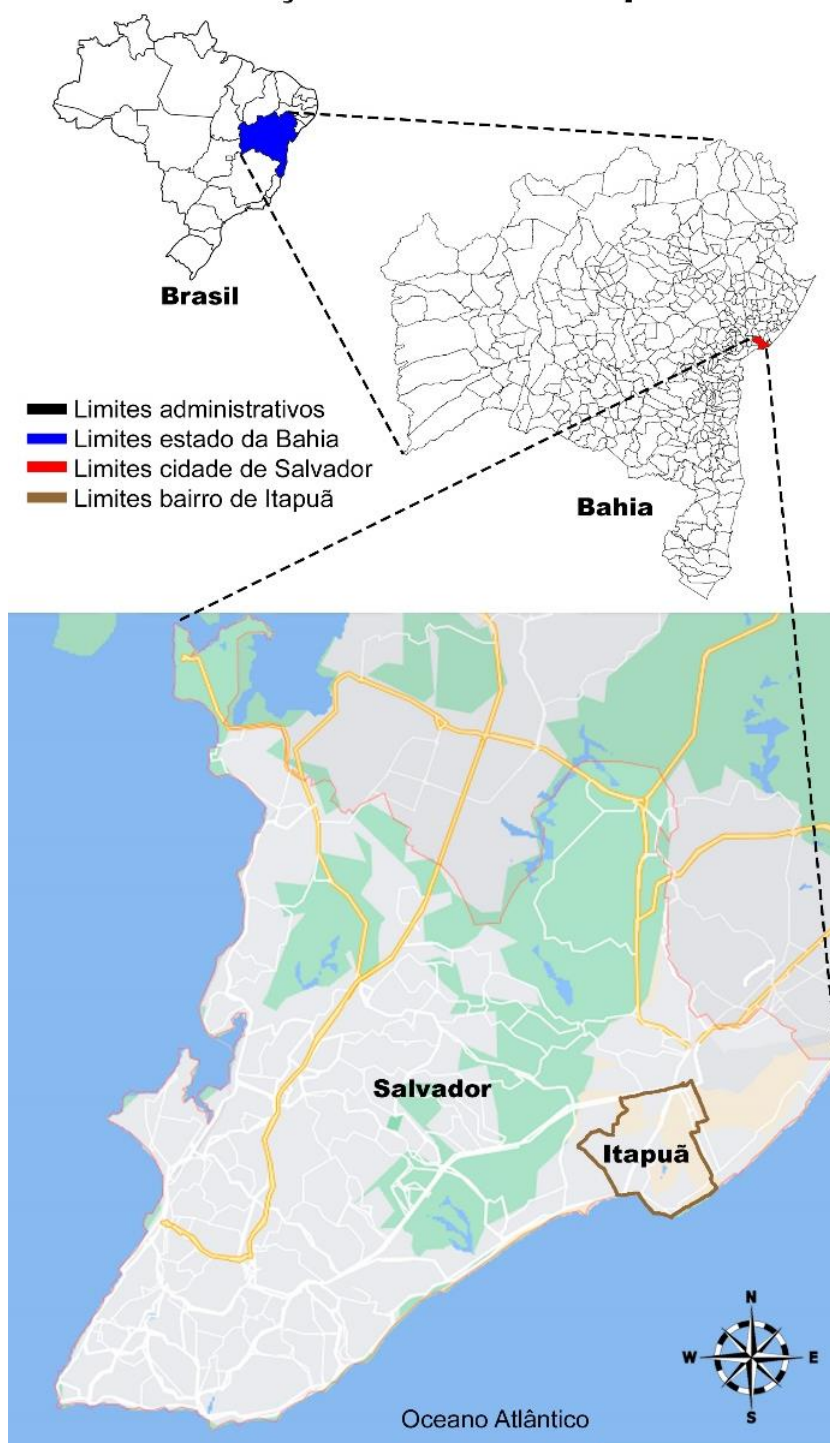
Figura 1 - Localização da Nova Conquista de Itapuã



Fonte: Google Maps / Adaptação do autor (2022).

Itapuã é um dos bairros de Salvador, situado a Nordeste da Orla Atlântica da cidade, há cerca de 15 quilômetros do Centro Histórico. Itapuã tem como limites os bairros de Piatã, Bairro da Paz, Mussurunga, São Cristóvão e Stella Maris. O município de Salvador é a capital do estado brasileiro da Bahia, localizada na Zona da Mata da Região Nordeste do país.

Figura 2 - Mapa da localização de Itapuã



Fonte: Google Maps / Adaptação do autor (2022).

A região da Nova Conquista antes de ser ocupada pela população na década de 1970, fazia parte dos territórios de Itapuã que pertenciam a Igreja Católica. Por isso os nomes das ruas são todos de santas católicas. A casa da minha família foi uma das primeiras a serem construídas neste local. O meu avô materno Crispim comprou este terreno e com suas próprias mãos ele realizou a construção do terceiro lar de nossa família. Essa residência mantém até os dias atuais, muitas relações que eram comuns no período que ela foi construída.

Viver nesta casa em Itapuã me permitiu acompanhar de perto algumas mudanças e permanências que ocorreram neste território ao longo dos tempos. Fui “menino criado com vó”. Eu passava os momentos que a minha mãe Ednalva estava trabalhando, brincando no quintal enquanto a minha avó Maria e a minha tia Conceição cuidavam das plantas ou realizavam as demais atividades cotidianas. Quintal que era ao mesmo tempo o meu playground e campo de futebol. Este espaço é até os dias de hoje o lugar onde a nossa família estende as roupas e coloca as mesas para as visitas nos dias de festa. É também o espaço que abriga um jardim, com diversas plantas que curam quase todas as dores e outras que enfeitam e perfumam a nossa casa nos dias de festas e os demais momentos do ano.

E por falar em comemoração, festa boa de aniversário era na minha época de criança. Apesar de nossa família não possuir uma boa condição financeira, a minha mãe Ednalva nunca negou esforços para que a nossa situação de vida fosse boa. Desde quando eu e meu irmão Thiago nascemos, comemorar os nossos aniversários com a mesa farta para compartilhar com a família e com os amigos, se tornou um dos sinônimos de maior alegria para a minha mãe.

Não são só as festas de aniversário que marcam as relações construídas nesta casa com a família, os amigos e os vizinhos. A casa da minha avó Maria até os dias de hoje é uma das poucas moradoras da Nova Conquista que ainda reza a trezena de Santo Antônio, faz fogueira no São João e caruru de 7 meninos para São Cosme e Damião. Estas comemorações, herdadas da tradição afro-brasileira, são permanências que não alimentam somente o nosso corpo físico.

As festividades herdadas da cultura afro-brasileira são tradições que marcam também os tempos em Itapuã. Dentre as diversas comemorações vale destacar: A Lavagem de Itapuã em reverência a Yemanjá que ocorre na quinta-feira que antecede a semana do carnaval; A Missa do Anzol celebrada no dia 29 de junho em homenagem a São Pedro o padroeiro dos pescadores; a Festa da entrega do balaio de Osúm na Lagoa do Abaeté; a Festa de São Tomé comemorada com reza e samba no dia 20 de dezembro no local onde se encontra a pedra marcada com a pegada do Zúme e o cruzeiro de São Tomé; além dos diversos sambas que ocorrem no Senzala do Samba, Água de Pote, Recanto da Soninha, Mercado Municipal de Itapuã, Coreto Rumo dos Ventos e nos diversos largos e nos bares da região.

Para além deste momento de festividade, existem também espaços no território de Itapuã que mantêm práticas herdadas da cultura afro-brasileira, reformulada ao longo dos tempos para atender algumas das necessidades atuais da população local. Dentre esses espaços temos os 31 Terreiros de Candomblé (SANTOS, 2008); as sedes dos grupos de capoeira; e a sede do Bloco Afro Malê Debalê localizado no Alto do Abaeté, que além de seus preparativos e ensaios

voltados para o carnaval, abriga também atividades sociais voltadas para a comunidade e a escola municipal de ensino primário voltada para atender as crianças da região.

Além disso, o território de Itapuã conta também com a presença dos diversos comércios de produtos da cultura afrodescendentes. Dentre eles vale destacar a prática da pesca artesanal com as canoas localizado próximo às colônias de pescadores; o comércio de rua sobretudo os vendedores de frutos do mar e de comidas regionais, que ficam próximo ao Mercado Municipal de Itapuã; a Feira de Itapuã; os pontos diversos pontos que vendem da feijoada e rabada, que ocorrem principalmente nos dias de domingo pela manhã; além das baianas de acarajé que assim como a minha avó Maria, vendem os quitutes nas praias, largos e nas portas de suas casas.

Durante a minha infância eu era aquele menino curioso que sempre queria saber o porquê de todas as coisas. Essa característica permanece comigo até os dias de hoje, ao ponto de trilhar o rumo que acabei tomando em minha vida profissional. Fui atraído a estudar Arquitetura e Urbanismo, principalmente por poder conhecer como os prédios eram construídos e como as cidades surgiram.

A primeira referência de construtor que eu tive de alguém que idealizava e construía casas foi o meu avô Crispim. Infelizmente não fomos próximos cotidianamente, mas o seu ofício de edificar, volta e meia vem à tona e a sua presença se faz viva durante as minhas caminhadas pelas ruas de Itapuã, quando estou na companhia da minha mãe Ednalva. Na maioria das vezes ela repete "olha foi papai que fez essa casa", contando em seguida alguma história sobre o meu avô e a construção, evidenciando como ele "fez muitas casas bonitas". Isto me influenciou a ter um olhar atento aos detalhes das edificações, buscando identificar como era que dava para fazer aquelas "coisas" ficarem em pé.

Por outro lado, viver desde a minha infância próximo de minha avó Maria, me possibilitou ver as articulações e as relações que ela ao longo dos tempos ia construindo neste território. Tendo pelas dinâmicas de cuidado da família e da casa, quanto pelos processos de resistência para se manter trabalhando como baiana de acarajé na praia, em meio às limitações que o estado impostas ao longo dos tempos para os comércios de rua.

Desde de a minha infância, apesar de incomodar muito, fui me acostumando a ouvir o som tocado nas casas vizinhos, principalmente nos finais de semana onde as pessoas estão de folga e acabam se reunindo. A forma como este território foi se desenvolvendo ao longo dos tempos foi aproximando fisicamente cada vez mais as casas. Dentre tantos os estilos musicais que fui me acostumando com o passar dos tempos a ouvir, o grupo de Rap Racionais MC's em especial me chamava atenção pelas letras, que questionam muitas coisas comuns do meu dia-a-dia e, ao contrário dos outros sons, não me incomodava quando o meu vizinho ouvia. Na

verdade, eu torcia para ele botar para tocar. Os versos a seguir da canção Negro Drama, em especial me fizeram perceber que as pessoas, na grande maioria negras assim como os meus avós, que constroem e mantêm o funcionamento das dinâmicas das cidades somem nas narrativas urbanas oficiais: “Não foi sempre dito, Que preto não tem vez, Então olha o castelo e não, Foi você quem fez(...)”. (ROCK E.; BROWN M., 2002)¹.

Muitas pessoas conhecem o bairro apenas através das produções dos artistas brancos modernistas, que narraram e criam um imaginário de uma vila de pescadores localizada em um lugar paradisíaco cercado de belas praias e grandes belezas. Apesar de retratarem a vida local, quem recebeu o mérito pelas canções e poemas não foram os moradores. Sempre me perguntei quem seriam os poetas de Itapuã e o que eles teriam para falar? Além disto, este imaginário que ainda permanece congelado na memória de muitas pessoas, não evidencia a estrutura urbana que se estabeleceu com o veraneio e a urbanização ocorrida na região de Itapuã, que teve como consequência mudanças significativas na paisagem e nas dinâmicas locais.

Assim, crescer em Itapuã também me permitiu perceber que a presença das heranças afro-brasileiras está expressa na complexidade do cotidiano deste espaço urbano, não se limitando apenas aos aspectos da boêmia e do veraneio. Durante o período em que eu estava cursando a graduação em arquitetura e urbanismo, entre os anos de 2013 e 2018, esta inquietação sobre a falta de reconhecimento da contribuição da população local ainda se manteve presente.

Ao longo da minha graduação, eu conheci diversos planos urbanos e a história de várias cidades de algumas partes do mundo, sobretudo as europeias, mas sempre me perguntava por que a história do bairro de Itapuã e sua formação urbana não era debatida no curso. Além disto, continuava me questionando também sobre a ausência de discussões sobre o papel da população preta na construção das cidades brasileiras, desenvolvidas por estas pessoas a partir de suas perspectivas.

O incômodo com essas ausências, me levou a desenvolver a pesquisa “A importância social da sede do Bloco Afro de Carnaval Malê Debalê para o bairro de Itapuã” orientado pela Educadora Mestre em História Fernanda Reis dos Santos, durante a minha participação no programa de iniciação científica e me influenciou também a elaborar no Trabalho de conclusão de curso intitulado “Espaço Baobá: Centro Cultural Afro-brasileiro” orientado pela Mestre em Arquitetura e Urbanismo Karina Matos de Araújo Fadigas Cerqueira. Em ambos, apesar dos

¹ Canção Negro Drama - Racionais Mcs. Disponível em: <https://youtu.be/u4lcUooNNLY>.

focos serem diferentes, eu propus desenvolver uma investigação sobre a contribuição da cultura dos afrodescendentes em Itapuã.

A partir da elaboração destas atividades, pude entrar em contato com produções acadêmicas de pesquisadores que já vinham discutindo sobre Itapuã, que até então eu desconhecia. Dentre elas vale destacar: o livro “Itapuã: da ancestralidade afrobrasileira” (2012) da doutora em Educação Narcimária Luz; e a dissertação de mestrado “A Reconstrução Cultural da Festa de Itapuã” (2012) produzido pela doutora em Educação Débora Maia. Apesar destas descobertas, eu ainda não havia encontrado respostas para diversas lacunas nas questões voltadas para as questões urbanas.

Ao ingressar no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (Ppgau Faufba), conheci autores que já vinham investigando questões raciais no espaço urbano, que até então eu também desconhecia. Isto ocorreu sobretudo, através da primeira disciplina que cursei durante o semestre de 2018.2, ainda como aluno especial, intitulada Relações Étnico-raciais e Cidade, ministrada pelo Professor Doutor em Arquitetura e Urbanismo Fábio Velame e a Professora Doutora em Arquitetura e Urbanismo Gabriela Leandro; a participação nos eventos promovidos pelo Grupo de estudos étnicos e raciais em arquitetura e urbanismo (ETNICIDADES); e o ingresso como membro no grupo de Estudos Corpo Discurso e Território.

Foi também durante este período inicial de meu ingresso no programa de pós-graduação, que eu pude entrar em contato com os estudos do Adrelino Campos, Ana de Lourdes Ribeiro Costa, Carolina Maria de Jesus, Manoel Querino e Muniz Sodré, além de outros pesquisadores que já vinham discutindo sobre a complexidade das vidas negras nas cidades brasileiras. Neste período eu reconheci que as minhas inquietações não eram questões isoladas e particulares.

Diante dessas questões que vinham me atravessando, a proposta para a elaboração desta dissertação parte da hipótese de que, em meio ao processo de urbanização intensificado em Itapuã a partir de meados do século XX, este território permanece marcado até os dias atuais pelas técnicas herdadas da população afro-brasileira que habita e habitou este local em outros tempos. Assim, delimito como objeto de investigação o protagonismo da população afrodescendente na formação desta paisagem.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: Investigar evidências que apontem para a contribuição da população afrodescendente na formação da paisagem de Itapuã. E busca como objetivos específicos: Reunir informações que ajudem a construir uma contextualização sobre os processos de formação urbana de Itapuã; analisar a relação dos moradores com as

transformações urbanas; indicar a contribuições das técnicas elaboradas pela população afrodescendente na paisagem de Itapuã.

Os diversos fatores que influenciaram a realizar este trabalho, também me levaram a pensar no seguinte desafio: Como eu, enquanto morador negro de Itapuã arquiteto e urbanista, agora neste lugar dentro da academia, poderia produzir reflexões sobre como a população local construiu este território ao longo dos tempos, sem replicar as lacunas negligências que incomodavam?

O caminho metodológico que optei seguir na elaboração deste trabalho, tem como inspiração para ponto de partida os princípios da Metodologia Afrodescendente em Pesquisa formulada pelo Henrique Cunha (2008). Esta metodologia visa debater sobre as relações das populações afrodescendentes nos territórios quilombolas, rurais e urbanos. Tendo como base o pensamento Interpretativista, esta proposta de investigação tem como fundamento as histórias e as especificidades do cotidiano da sociedade brasileira. Visando romper com a hegemonia do pensamento eurocêntrico, através do deslocamento das populações afrodescendentes da posição de objetos de estudo para a fontes ativas de produção de conhecimento.

A corrente Interpretativista surgiu no final da década de 1950, a partir dos debates promovidos por teóricos dos Estados Unidos e do Reino Unido que buscavam formular uma alternativa que abrangesse as questões ausentes na abordagem do Estruturalismo. Para os antropólogos Interpretativistas, o funcionalismo de Malinowski era considerado reducionista, pois os elementos culturais eram compreendidos como reflexo das necessidades básicas do ser humano. Estes pensadores consideravam que os sistemas formulados pelos estruturalistas, possuíam um posicionamento distanciado do campo que não conseguiam descrever com fidelidade a realidade do campo.

Contrapondo a existência dos esquemas universais e as grandes narrativas que atravessam as concepções Estruturalistas, a abordagem Interpretativista valoriza os pontos de vistas dos sujeitos dos territórios estudados. Porém reconhece que um indivíduo não representa a totalidade, uma vez que a cultura é formada pelo entrelaçamento de significados que são compartilhados entre os membros de cada sociedade.

Partindo destas concepções Interpretativistas, Cunha conceitua que a diferença entre a sua proposta metodológica e as demais pesquisas Interpretativistas se dá pelos conhecimentos prévios sobre o tema acumulados pelos pesquisadores. Cunha define que:

A Metodologia Afrodescendente tem como acréscimo o pesquisador que conhece culturas afrodescendentes e a história dos afrodescendentes. Ou seja, além de fazer parte do ambiente, ele também é parte da cultura e das visões de mundo. O pesquisador não vai aprender sobre uma cultura ou modo de vida que não lhe era familiar, do qual

não comungava anteriormente. Trabalhamos dentro de nossa própria cultura e com problemas que afetam a nossa própria existência. (CUNHA, 2008)

Permitindo ao pesquisador que já se encontra envolvido com a realidade, antes mesmo da realização de trabalhos acadêmicos, estabelecer os recortes de investigação a partir de suas experimentações de mundo. Neste sentido, não há uma separação entre o pesquisador e a pesquisa. Essa metodologia possibilita uma ruptura na hegemonia da produção acadêmica, deslocando a população negra da posição de objetos, para sujeitos e fontes ativa da produção de conhecimento.

Os estudos da bell hooks me ajudaram a reconhecer a possibilidade de potencializar as reflexões desta pesquisa, através da adoção de uma escrita situada. hooks, ao descrever o período de sua infância vivenciado em Kentuchky, aponta que “Estar à margem significa pertencer ao todo, mas estar fora do corpo principal.” (hooks, 2019, p.11). As ferrovias que margeavam e separavam essa pequena cidade, das ruas pavimentadas, dos espaços que eram restritos só para os que moravam do outro lado, a presença deles só poderia ocorrer se fosse para realizar trabalhos de criadas ou prostitutas. Assim, havia a possibilidade de entrar, porém não era permitido viver naquele mundo.

hooks (2019) argumenta ainda que mulheres negras e homens negros que vivem na periferia e transitam através da margem, acabam se situando próximo do todo, porém permanecem fora deste corpo central. Estar nessa posição possibilita focalizar simultaneamente as questões “de dentro para fora” assim como de “fora para dentro”, o que lhes permite desenvolver a partir deste limiar social uma compreensão mais complexa sobre a realidade. A margem é, portanto, “espaço de abertura” (hooks, 2019, p.149), sendo um local de abertura para resistências, e sobretudo um espaço que viabiliza a criação de discursos críticos.

hooks (2019, p.42) define que os sujeitos são os detentores do poder de formulação de suas histórias e identidades. Quando as pessoas estão limitadas à posição de objetos, as suas histórias e identidades estão condicionadas as definições estabelecidas por aqueles que ocupam a posição de sujeitos. Assim, a possibilidade de uma escrita que promove a mudança de objeto para sujeito é, portanto, um ato político de descolonização, contra as diversas tentativas de apagamentos.

Outro princípio importante da Metodologia Afrodescendente (CUNHA, 2008) que contribuiu com a elaboração deste trabalho, é a tentativa de ruptura da hegemonia dos conhecimentos eurocêntricos através do reconhecimento da pluralidade cultural e do emprego dos conhecimentos de base afrodescendentes.

Neste aspecto, vale destacar que o Sul africano Mogobe Ramose, junto a outros pensadores debatem sobre a filosofia a partir da perspectiva africana, defendem que em todo

lugar que existem seres humanos, há também experiências formuladas através das vivências, que geram saberes e formas de conhecimentos particulares, que vão sendo transmitidos e acumulados ao longo dos tempos. A Filosofia africana, não pretende invalidar nem sobrepor às demais culturas e filosofias. Ela reivindica que onde há humanidade, há também formas filosóficas. Partindo deste princípio, Ramose argumenta que:

A experiência humana é o chão inescapável para o começo da marcha rumo à sabedoria. Onde quer que haja um ser humano, há também a experiência humana. Todos os seres humanos adquiriram, e continuam a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rotas nutridas pela experiência e nela fundadas. Neste sentido, a filosofia existe em todo lugar. Ela seria onipresente e pluriversal, apresentando diferentes faces e fases decorrentes de experiências humanas particulares. De acordo com este raciocínio, a Filosofia Africana nasceu em tempos imemoriais e continua florescendo em nossos dias. (RAMOSE, 2011, p.08)

Ramose ainda questiona que o empregar da filosofia universal, sem cultura, sexo, cor, religião etc, invisibiliza as particularidades. Se opondo ao raciocínio da colonização que considera os africanos, ameríndios, dentre outros povos não europeus enquanto subumanos, Ramose defende que o reconhecimento da pluriversalidade é um caminho para a compreensão das múltiplas perspectivas, pois a natureza como um todo é diversa e plural. Sendo, portanto, uma forma de se contrapor e de se posicionar frente aos discursos epistêmicos predominantes.

Vale destacar que Milton Santos, durante o Iº Seminário de História Urbana que, aconteceu em 1990 na sua apresentação intitulada “A Cidade e o Urbano como Espaço-Tempo”, apontou sobre a necessidade de não ficarmos limitados apenas em criticar como as cidades são no tempo presente, mas que é preciso uma retomada multidisciplinar. (SANTOS, 1990)

Está indagação, foi também uma das questões abordadas por Santos, durante o IIº Encontro Nacional de ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (ENEAPEA), em sua apresentação intitulada “Da paisagem ao espaço”. Ele apontou que muitas vezes os conceitos elaborados em determinadas disciplinas acabam se tornando metáforas em outros campos de estudos, uma vez que os conceitos são aprimorados por especialistas, que buscam definir visões realistas sobre as estruturas, tendo como consequência as limitações impostas pelos objetivos de suas disciplinas. Ele ainda aponta que é necessário um trabalho interdisciplinar, para confrontar a realidade dos estudos, uma vez que: “Todos os que trabalham a realidade são confrontados, num momento ou outro, a necessitar do trabalho interdisciplinar, porque a realidade é multifacetada, tem uma origem múltipla, ainda que apareça como algo uno.” (SANTOS, 1996, p.35)

Voltando aos debates do Ramose, outro ponto importante que ele chama atenção, é o fato de que para além do reconhecimento das particularidades é fundamental reconhecermos também as demais filosofias. O ato de compreendermos estas existências, é a própria realização

filosófica pluriversal. A natureza de maneira geral é diversa e plural, somente através do exercício de reconhecimento das múltiplas perspectivas que podemos nos contrapor e nos posicionar frente aos discursos epistêmicos predominantes. Referente a estes aspectos Cunha ressalta que:

Os pesquisadores das afrodescendências estão longe da perspectiva da neutralidade científica e da separação entre sujeito e objeto da pesquisa. Mantêm uma relação de interesse, vivências e valores comuns como os territórios de maioria afrodescendente. Estes interesses comuns introduzem a possibilidade de uma visão diversa de outros enfoques metodológicos e visões científicas como forma de produção de conhecimento. (...). O pesquisador se reconhece na pesquisa, também como se modifica durante a pesquisa devido aos novos conhecimentos. (CUNHA, 2008)

Eu me percebo dentro desse “espaço de abertura” (hooks, 2019, p.149) e acredito que a adoção desta proposta, tem um grande potencial dentro dos debates urbanos. O deslocamento de objeto para sujeito, na minha escrita desta dissertação é sobretudo uma ação política, como Kilomba argumenta: “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/validado” e legitimada/o em ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (KILOMBA, 2019, p.28).

Antes mesmo do processo de elaboração desta dissertação, durante as minhas buscas por conhecimentos e referências fora da academia me deparei com Sankofa. Esta cosmopercepção africana, naquele momento já vinha me ajudando a compreender a importância de resgatar as diversas camadas de apagamento da minha história. Ao iniciar os estudos deste trabalho, o Sankofa se tornou o disparador que fundamentou uma investigação crítica, construída através da uma busca retomada da ancestralidade presente em Itapuã.

A Figura 3 representa o Sankofa, ideograma do sistema de escrita Adinkra, cosmovisão dos povos Akan, da África Central, aponta exatamente neste sentido do resgate do passado. Os Akan são formados por grupos étnico-linguístico de várias etnias, que falam as línguas nigerocongolesas, da região Golfo da Guiné, localizadas atualmente na Costa do Marfim e em Gana. Dentre os grupos étnicos estão os Akuapem, Akyem, Asante, Baoulé, Anyi, Brong, Fonte e Nzema. (NASCIMENTO, 2008).

Figura 3 - Andikra Sankofa



Fonte: Pinterest.

Andikras, são escritas gráficas que significam “adeus”. São vistos como estampas feitos por tinta vegetal, nos trajes de algodão, de líderes reais e espirituais utilizados em cerimônias fúnebres e em rituais de passagem. Cada andinkra, tem, por tanto, um significado complexo que simbolizam uma história, filosofia e normas socioculturais de seu povo. Estão presentes também em objetos como bastões de linguistas, pessoas responsáveis pelas relações entre o estado e o povo; nos gwa, que são os bancos reais e representam o símbolo de soberania; e nos djayobwe que são contrapesos de ouro. (NASCIMENTO, 2008).

O Andikra Sankofa é simbolizado por um pássaro que voa para frente, mas sempre olha para trás, representando que é impossível entender o presente sem ter consciência do passado (NASCIMENTO, 2008), possibilitando assim recuperar o que foi negado e alcançar a auto identificação, tanto individual quanto de uma coletividade. A compreensão do Sankofa possibilitou que os conhecimentos da herança não se perdessem em meio aos processos da colonização e da diáspora africana.

Há uma indagação importante, que enriquece a concepção sobre esse processo de retomada. Em uma entrevista apresentada a revista Manchete em setembro de 1976 com o título “O negro visto por ele mesmo”, a historiadora Beatriz Nascimento, ressalta que é preciso reescrever a história a partir de uma perspectiva crítica tendo o negro como sujeito das narrativas, ressignificando a história e a sociologia do negro. Ela fala que não tem o objetivo de narrar apenas os acontecimentos passados, mas procura firmar que há uma relação de continuidade entre o passado e o presente dos negros. (NASCIMENTO, 2018, p. 97-104)

Assim, guiado tanto pelo Sankofa quando por esse movimento de fazer registro para guardar memórias, busco construir através da elaboração desta dissertação, uma investigação que além de ajudar a resgatar memórias sobre o protagonismo da população preta na construção do território de Itapuã, reconheça a presença da continuidade histórica destas questões no presente e fundamente construções futuras.

Há uma frase repetida diversas vezes por minha mãe Ednalva, que me marcou muito: "é preciso fazer registros de como as coisas são, para guardar a memória". A minha mãe, assim como tantas outras pessoas ao perceber as modificações ocorridas de Itapuã ao longo dos tempos, vem buscando de acordo com suas condições, maneiras de preservar as memórias sobre este território. A elaboração deste trabalho é a tentativa de criar ferramentas para manter viva a memória. Porém preciso ressaltar que isto não é algo inédito, faz parte de uma luta que reúne esforços de muitas pessoas em muitos outros tempos distintos. Vale destacar que alguns grupos surgiram com este intuito e vem promovendo ações ao longo dos tempos para promover a preservação da cultura e a paisagem deste bairro: As Ganhadeiras de Itapuã; O Bloco de Carnaval Afro Malê Debalê; A Associação dos Moradores de Itapuã-AMI e o Fórum Permanente de Itapuã-FPI.

O movimento inicial da coleta de dados, começou com a busca pelas formas de produção de conhecimentos presentes que estão presentes em Itapuã e atravessam a minha formação enquanto indivíduo. Uma das reflexões presentes no estudo realizado pela Lélia Gonzalez junto com o Carlos Hasenbalg no livro Lugar de Negro (1982), ressalta que a literatura escrita do Brasil é marcada pela predominância dos arquivos textuais derivados da tradição retórica europeia, preservados em lugares de memória como bibliotecas e museus. Já os povos indígenas e africanos têm suas narrativas, as suas línguas e modos de apreender, permanecendo marginalizados em nossa escrita, mas que estão fortemente presentes nos repertórios orais e corporais, transmitindo e preservando os saberes. Este pensamento me direcionou a buscar as cantigas, as lendas, os ditados, e tantos outros conhecimentos que se encontram fora dos registros convencionais.

Em busca das fontes presentes no cotidiano, antes da pandemia se iniciar, pude realizar a observação participante durante as festividades locais de Itapuã. Registrado através de fotografias e anotações sobre os fatos. Pude participar dos seguintes eventos:

- Bate Papo Musicado para contar histórias. Contou com a presença de vários representantes da comunidade que contaram e cantaram histórias para o público. Contou com a presença da professora Narcimária do Patrocínio Luz, Dona Denise, Seu Pedreira, Seu Régi, Dilson Bananinha, Ulisses, Dona Salvadora, dentre outros moradores do bairro. Aconteceu no dia 16 de dezembro de 2019;
- Festa de São Tomé que, aconteceu no dia 20 de dezembro de 2019 no coqueiral de Piatã em Itapuã;
- Lavagem de Itapuã, aconteceu na orla do bairro partindo do coqueiral de Piatã indo em direção a Igreja Nossa Senhora da Conceição, no dia 13 de fevereiro de 2020;

- Reuniões do Fórum Permanente de Itapuã (entre agosto de 2019 e março de 2020);
- Reunião sobre a construção da Estação Elevatória de Esgoto no Abaeté (14 de fevereiro de 2020);
- Ato em defesa da Lagoa do Abaeté, no dia 27 de setembro de 2020.

Vale destacar que as minhas estratégias iniciais de coleta de dados foram agravadas com a crise da pandemia e a inviabilidade do contato social. Durante a pandemia eu voltei, de onde eu na verdade não havia saído. Acredito que esse período foi importante para que eu pudesse vivenciar de fato a cosmopercepção do Sankofa. Os diversos atravessamentos deste tempo, me fizeram perceber que antes de qualquer passo para frente, era necessário um retorno em busca das origens que formaram o tempo atual que estamos vivenciando. O processo de reclusão em casa, fortaleceu ainda mais a minha relação de apreender sobre o mundo ouvindo os mais velhos de minha família, fato que já estava presente na metodologia, porém ganhou uma força ainda maior.

É importante destacar que historiadora e educadora baiana Vanda Machado, dentre os debates contidos em seu livro “Pele da cor da noite” (2013, p. 92-94), evidencia que os mais velhos possuem um papel fundamental na transmissão do conhecimento através da oralidade. Nos terreiros, eles são referências básicas que possibilitam o elo entre o presente e o ancestral. Retornar aos mais velhos é um caminho para encontrar as raízes da nossa identidade.

A minha família, que gera este recorte, está atrelada ao laço de sangue que nos une e ao fato de morarmos juntos, mesmo que ainda em casas separadas dentro do mesmo lote. Esta limitação se deu, devido às próprias restrições sanitárias de isolamento da pandemia. Quero frisar que não tenho a intenção de definir moldes, nem esvaziar as diversas concepções de famílias, sobretudo as que são fundamentadas na base cultural africana. Apesar de não conseguir entrar em contato com pessoas que fazem parte da minha família ampliada, a presença destas relações aparece diversas vezes nos relatos e estão presentes ao longo deste trabalho.

Nesse movimento, passei a ouvir as pessoas que moram comigo com mais atenção e fui reparando que muitos pontos se cruzavam com as informações sobre Itapuã que eu já havia pesquisando em momentos anteriores nas bibliografias. Assim, intensifiquei a realização de conversas abertas com a minha mãe Ednalva Sena, minha avó materna Maria e uma das minhas tias maternas Maria da Conceição. Registrei a maioria das conversas apenas por anotações. Em outros momentos pude realizar a gravação de áudio que seguia o mesmo processo de registro feito com os demais moradores. Na busca de potencializar às reflexões da dissertação fragmentos destes registros foram anexados ao longo do texto.

Atrelado aos relatos orais, os nossos arquivos pessoais também passam a ter um papel

fundamental. Boa parte das narrativas, foram enriquecidas com fotografias de nossos álbuns de família. Durante as conversas, as nossas fotos se tornaram ferramentas importantes para despertar diversas memórias. A proposta de incluir algumas das imagens que encontrei no acervo pessoal de minha família, busca implementar outras formas de leitura para além do texto escrito.

Esse gesto de fazer registros através das fotografias não é algo novo em nossas vidas. A falta de fotos da infância de minha mãe, despertou nela um forte desejo de registrar todos os momentos das vidas de seus dois filhos. Na década de 1990, período do meu nascimento, apesar dos altos custos, já era mais fácil as famílias terem câmeras, permitindo que a minha mãe realizasse este desejo.

O primeiro contato que ela teve com as câmeras, ocorreu no momento que ela trabalhava em um supermercado na região de Lauro de Freitas. Durante um determinado período, ela era responsável em organizar e passar as informações para os clientes do corredor de eletrodomésticos. Dente os produtos vendidos neste setor havia as câmeras fotográficas, o contato com esses equipamentos despertou a vontade de ter uma. Durante a minha gestação minha mãe comprou a primeira câmera fotográfica, do modelo polaroid que imprimia as fotos instantaneamente, para fazer os registros da gravidez. A partir desse momento, os meus pais passaram a fazer registros de nossas vidas sempre que possível.

Figura 4 - Ednalva, durante a gestão de Gustavo nas dunas do Abaeté



Fonte: Acervo do autor (1993).

Junia Mortimer (2012), Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, debate sobre como as fotografias podem ser o ponto de partida para apreensão do espaço, pondo à tona perspectivas que muitas das vezes se encontram ocultas na historiografia oficial. Ela frisa a tradição que se encontra aprisionada, de que o conhecimento deve ser reproduzido apenas através da escrita. E demonstra que por meio do que se encontra visível nas fotografias surgem questões para o sujeito que está analisando sobre o que “isso foi”, que extrapolam as categorias de análises impostas pelo pensamento linear presente na escrita e nas epistemologias dominantes do conhecimento, que ela considera como o “dizível”. (MORTIMER, 2012)

O Blvck Vrchives² é uma plataforma multimídia que me inspira. Essa plataforma colaborativa idealizada em 2015 pela produtora e curadora de Chicago, Renata Cherlise, bacharel em Artes pela DePaul University, e apresentava narrativas multimídias centralizadas no cotidiano das vidas negras, produzindo um arquivo sobre as histórias modernas da diáspora africana. O objetivo deste trabalho não foi apenas o de substituir as narrativas dominantes pelas memórias coletivas do cotidiano, mas também relatar para preservar o território para novas narrativas.

Dentre os diversos trabalhos presentes na plataforma, destaca-se a colaboração no projeto BlackFlorida - A Living Archive (Um Arquivo Vivo). Este projeto fotográfico realizado pela fotógrafa Johanne Rahaman, tem como objetivo documentar as cidades negras do interior do estado da Flórida, reinterpretando estas comunidades que foram historicamente marginalizadas, a partir da narrativa dos moradores. Criando um “arquivo cultural vivo”, que documenta com plenitude as comunidades negras, através das histórias arquitetônicas, paisagísticas, registros ambientais e orais.

Figura 5 - Um dos registros do Fort Pierce, projeto que integra o BlackFlorida - A Living Archive



Fonte: BlackFlorida- Fort Pierce LF. (Abril 2016)

² O projeto Blvck Vrchives pode ser acessado através do site: <https://www.blackarchives.co/>

Durante este tempo da pandemia, tentei diversas vezes realizar entrevistas online com amigos e conhecidos que também são moradores de Itapuã, porém não obtive retorno positivo e não consegui realizar novas conversas com o início do isolamento social. Pude conversar apenas com o meu sogro Adroaldo Pereira; Roseane e Manoel Assis. Moradores nascidos em Itapuã, que assim como as suas famílias possuem fortes relações socioespaciais importantes.

Essa impossibilidade das conversas, me levou a realizar buscas por relatos, fotografias e outros arquivos relacionados à discussão que estou elaborando neste trabalho, registrados nos documentos e outras informações da internet. Quanto ao processo de registro das informações que pude acessar, segui o mesmo procedimento que eu havia realizado com a minha família.

Nesse movimento pude encontrar diversos registros fotográficos de Itapuã compartilhados pelos membros do grupo do Facebook Principado de Itapuã; no Acervo Iconográfico de Dorival Caymmi que se encontra disponível no site do Instituto Antônio Carlos Jobim; além de outras plataformas disponíveis na internet.

Como fruto da realização dos trabalhos acadêmicos produzido no período da graduação e durante o processo de ingresso no mestrado, eu já havia realizado uma pesquisa histórica-documental e busca por fontes secundárias que ajudassem no processo de revisão bibliográfica, com a consulta aos acervos das seguintes bibliotecas e equipamentos públicos, conforme lista apresentada abaixo:

- Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia;
- Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa;
- Centro de Estudo Afro-Orientais – CEAO/UFBA;
- Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Iniciei esta etapa com a busca por estes documentos relacionados a pesquisa nos acervos digitais destes espaços. Antes da pandemia visitei estes locais em dias alternados, onde pude realizar uma análise prévia, e o registro através de fotografias dos documentos relevantes que em seguida foram transferidos para uma nuvem digital pessoal. A partir desse procedimento foi possível localizar estudos já construídos sobre o tema, que após uma reflexão analítica destas informações, foram incorporados nas análises deste trabalho.

A escritora afro-americana, acadêmica e professora Saidiya Hartman, propõe em seu artigo “Vênus em dois atos”(2020), produzir uma narrativa que vai além dos códigos violentos, construídos junto com o arquivo, em busca de ressignificar estas concepções e se aproximar ao máximo de uma biografia de mulheres e homens escravizados. Evidenciando assim as lacunas do arquivo da Escravidão Transatlântica através da junção das pesquisas ditas “históricas” em arquivos convencionais elaborando fabulações críticas.

Este ensaio tenta corrigir a violência contida nos arquivos da escravidão, buscando retratar ao máximo as condições que impõe o silenciamento da Vênus, uma menina morta, que foi assim nomeada em um processo contra um capitão de um navio negreiro acusado de assassinar duas meninas negras. Hartman aponta que não é possível afirmar quem seria a Vênus pois diversas meninas compartilham de circunstâncias semelhantes, mas que geraram poucas histórias. Sentenças de morte, túmulos, um corpo exposto após um estupro, tratamento médico de gonorreia, dentre outros relatos de barbaridades. Estes registros não são sobre elas, mas sim sobre a violência e as dinâmicas que aprisionam as suas vidas, tornando os corpos destas meninas, mercadorias. Tornando impossível ter o registro no arquivo, sobre como a vida destas meninas poderiam ter existido em um estado livre.

Ela reconhece que este método não permite romper por completo os limites impostos pelo arquivo, mas busca romper com a alteridade que as narrativas destes documentos legais possuem. O que permite ampliar as possibilidades sobre ficção destas histórias. Hartman procura incluir em paralelo, tanto os métodos utilizados nas ciências sociais, quanto dilemas ausentes de representação, morte social e violência.

Apesar de não seguir de fato o procedimento que Hartman propõe, tomo este conceito da fabulação crítica (HARTMAN, 2020) também como uma referencial no processo da coleta de dados, a fim de propor por meio dos fatos que já estão postos na historiografia convencional, elementos que foram silenciados e ocultados na narrativa, buscando demonstrar uma contra história, que não é apenas presente o lado das barbaridades crueldades. O conhecimento desses fatos ocorridos em um tempo passado, possibilita que não fiquemos presos a estas violências, estimulando a reconstrução de um presente e a criação de um futuro distinto da realidade atual. A utilização da pesquisa histórica-documental foi realizada com o objetivo de potencializar os dados obtidos nas conversas e no campo.

Após a realização das digitalizações, organizei os arquivos coletados de acordo com os eventos que foram sendo destacados nas conversas e as localidades que se relacionavam. Como frutos desta análise, elaborei anotações que se transformam nos tópicos que guiaram as abordagens dos capítulos.

Antes de apresentar como ocorreu o processo de formulação da síntese dos dados, é importante fazer uma ressalva. A educadora, escritora, poetisa e documentarista canadense Dionne Brand, debate em suas obras as relações entre as histórias do Canadá e a população negra, abordando questões relacionadas ao capitalismo, sexismo e o racismo. Brand, em seu livro “A Map to the Door no Return: Notes to Belonging” (2001), retrata sobre experiências da

diáspora negra através de uma perspectiva autográfica ficcional. Nesta produção Brand, aponta para um aspecto importante, presente também nas narrativas sobre as casas de Itapuã:

Viver na Diáspora Negra é, penso eu, viver como uma ficção – uma criação de impérios, e também autocriação. É ser um ser que vive por dentro e fora de si mesma. É apreender o sinal que se faz e não poder escapar dele, exceto em momentos radiantes de banalidade, feitos como arte. Ser uma ficção em busca de sua metáfora mais ressonante, então, é ainda mais intrigante. (BRAND, 2001, p.3)

Acredito que transitar através da margem (hooks,1989), me possibilitou perceber ao analisar as informações coletadas, que para além das narrativas consolidadas dos diversos projetos urbanos, com muitos pontos frustrados, que não deram certo - em paralelo ao discurso marcado pelos aspectos de precariedade, baixa renda, violência urbanas, as histórias das casas das famílias negras, apontam para projetos de futuros que de fato deram certo. Muitas casas de Itapuã, são frutos dos processos da diáspora negra, suas construções e permanências ressignificam as imposições e limitações postas pelo estado, criando novas possibilidades de existência.

Seguindo em um sentido oposto aos padrões estereotipados e as tentativas de apagamentos as produções o Afrofuturistas vem reescrevendo narrativas e construindo outras imagens sobre a vida da população negra. Assim, incorporei as formas de expressões deste movimento na construção das sínteses das informações, na tentativa de potencializar o debate urbano deste trabalho.

A Doutora em Comunicação e Cultura e Curadora em cinema Kênia Freitas é uma das pesquisadoras brasileiras de destaque no ensino e pesquisa sobre o Afrofuturismo. As diversas referências e as ricas informações reunidas em seus estudos foram a minha principal fonte de contato com as produções deste movimento. Dentre as suas contribuições Freitas, pontua que:

A história da diáspora africana é feita de apagamentos: desde o início, da África para as Américas (a ancestralidade perdida), passando pela escravidão (os documentos queimados), até a atualidade (o genocídio da juventude negra e pobre). Então, incorporar o não narrado, os buracos que se formaram em anos de borracha, faz parte da empreitada afrofuturista de criar outras possibilidades históricas. (FREITAS, 2015, p. 6)

O termo Afrofuturismo foi apresentado oficialmente pela primeira vez em 1993 no texto “Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose” produzido pelo teórico norte-americano Mark Dery, para conceituar produções artísticas que utilizam ficções científica, para elaborar novas concepções futuro para as pessoas negras da atualidade.

O gatilho inicial para a produção deste trabalho, se deu através do seguinte questionamento feito por Dery: por que tão poucos negros norte-americanos escrevem ficção científica? Ao longo do texto o autor ressalta que apesar deste distanciamento, as produções de ficções especulativas, tinha como fundamento as narrativas de encontro com o outro, com diferente e destaca ainda que a escravidão da população africana foi a concretização humana

do processo de abdução extraterrestre. Dery considera que, dos negros habitantes dos continentes americanos são descendentes de alienígenas, uma vez que os seus antepassados foram separados de suas famílias, levados a força para um território com uma cultura completamente diferente, onde foram impedidos de realizarem as suas tradições. Vale frisar que:

A comparação do processo de diáspora da população africana para o continente americano com a construção de uma narrativa de ficção científica extraterrestre não deixa de ser brutal, potente e, ao mesmo tempo, curiosa – visto que tão poucos negros e negras protagonizam (como criadores e/ou personagens) o universo das fantasias futurísticas. (FREITAS, 2015, p. 5)

O contexto que surge o conceito do Afrofuturismo na década de 1990, foi marcado por uma série de produções de mulheres e homens negros que empregava em seus processos expressivos ficções especulativas a partir de suas perspectivas. Esse movimento era bem expressivo dentro da música negra, que dentre estas produções havia o jazz interplanetário da “Arkestra” do Sun Ra, o dub lunático de Lee “Scratch” e o suingue cosmonauta de George Clinton e suas trupes Parliamet e Funkadelic. Artistas das artes visuais como Jean-Michel Basquiat, da literatura como Octavia Butler e o Samuel Delany, também vinham realizando produções inspiradas neste movimento que para além de questionar a ausência de pessoas negras vinham desenvolvendo novas formas de representação e criações afrocentradas.

Quero destacar a síntese deste conceito apresentada por Ytasha Womack em seu livro *Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture* (2013), que ao meu ver define de forma rica os fundamentos deste movimento:

Seja por meio da literatura, artes visuais, música ou movimentos sociais, os afrofuturistas redefinem a cultura e as noções de negritude para hoje e para o futuro. Uma estética artística e um quadro para a teoria crítica, Afrofuturismo combina elementos de ficção científica, ficção histórica, ficção especulativa, fantasia, Afrocentricidade e realismo mágico com crenças não ocidentais. Em alguns casos, é um revisionamento total do passado e especulação sobre o futuro repleto de críticas culturais. (WOMACK, 2013, p. 09)

Apesar do termo afrofuturismo ter sido cunhado oficialmente na década de 1990, é importante destacar que o gesto de reinvenções das narrativas atravessa todo o processo da diáspora negra. Segundo Machado (2013, pg. 98-102), as histórias conduzem a nossa vida. Os tradicionalistas africanos, os detentores dos saberes sobre a oralidade, nos ensinam que as palavras são elementos de criação, é por meio da palavra que as construções do universo se potencializam. Nesse sentido, compostos por palavras, os mitos transmitem conhecimentos e conduzem os rumos das comunidades afro-brasileira. Os mitos são heranças, frutos das vivências dos antepassados, preservando sabedorias através dos tempos. Por meio da cosmovisão africana a mitologia é um caminho para a reflexão que nos possibilita um retorno às nossas tradições e nos abre novas perspectivas.

Tendo em vista sobretudo o princípio do Afrofuturismo de se propor a realizar um revisionamento total do passado e especulação sobre o futuro a partir da ótica negra, tomo como referência para realização do processo de sistematização das informações e análises os conceitos da: Ficções Visionárias (IMARISHA, 2016) e as Afrofabulações (NYONG'O , 2019).

Walidah Imarisha (2016) defende que, todas as articulações políticas são ficções científicas. E que por meio do sonho coletivo, podemos chegar a um mundo novo com possibilidades que não existem no hoje. Em nosso cotidiano acabamos esquecendo de vislumbrar o que pode estar a vir e também de retomar ao passado para encontrar outras alternativas de existir no futuro. Diante disso, trago o termo proposto por ela a “Ficção Visionária”, onde por meio da liberação de nossa imaginação conseguimos questionar tudo o que é existente, conseguindo assim idealizar coisas impossíveis e a partir disto podemos começar a concretizá-las criando assim novos mundos. Destaco aqui um trecho que sintetiza muito bem este conceito:

Somos o sonho das gentes Pretas escravizadas, a quem foi dito que seria “irrealista” imaginar um dia em que elas não seriam chamadas propriedade. Essas pessoas Pretas recusaram a confinar seus sonhos ao realismo, e em vez disso elas nos sonharam. Assim elas curvaram a realidade, reformularam o mundo, para criar-nos. (IMARISHA, 2016, p.08)

Imarisha (2016) conceitua que a lente histórica imaginária, além de nos levar para futuros visionários, é também a possibilidade de irmos para passados visionários. Diante disto que foi apresentado, ousou-me debater questões atuais, vislumbrando passados e futuros visionários, tendo como gatilho a possibilidade de imaginar novas perspectivas através da Ficção Visionária. Tomo como referência uma série de evidências, que venho encontrando no cotidiano que vivencio como morador de Itapuã e alguns elementos das minhas pesquisas acadêmicas.

Walidah Imarisha é uma das co-editoras do livro “Octavia’s Brood: Science Fiction Stories from Social Justice Movements” (2021), antologia que reuni 20 contos elaborados por escritores visionários articulados as movimentações sociais. Estes contos abordam as relações estabelecidas entre as ficções especulativas radicais e os movimentos de mudanças sociais. O título desta produção “Octavia’s Brood”, se deu em homenagem a escritora Octavia Butler, principal referencia no campo da ficção científica, que inspira Imarisha a pensar sobre as ficções visionárias.

A escritora afro-americana Octavia Estelle Butler, nasceu em 1947 em Pasadena, na Califórnia. Desde a sua infância já se interessava por contos de fantasia, ficção científica e já escrevia suas próprias histórias. Aos 10 anos de idade ela implora para que a sua mãe lhe dê

uma máquina de escrever onde começou a registrar as suas primeiras narrativas. Com 12 anos de idade, após assistir ao filme “A mulher diabólica de Marte”, que conta a história de uma mulher marciana robótica que vem para a terra em busca de homens para acasalar, Octavia se incomoda com o enredo e reconhece que tinha a capacidade de produzir algo melhor. A escritora passou a idealizar o esboço que inspirou algumas de suas ficções posteriormente.

Butler buscou em suas produções potencializar a imaginação, para servir de ferramenta para a criação de estratégias de sobrevivência em meio às adversidades da sociedade. Por ser mulher negra, ela não possuía apoio nem da família para seguir a carreira de escritora, entretanto em meio às adversidades ela não desistiu de lutar para mudar o cenário da ficção científica que era predominantemente marcado por escritores homens brancos, que não debatiam temáticas que envolvessem as vidas negras. Como Butler ressaltou: “Comecei a escrever sobre poder porque tinha tão pouco.” (CALVIN, 2018).

Butler cria em suas ficções personagens distintos dos heróis brancos que salvam o mundo de extraterrestres e tem como centro do enredo, questões que envolvem discriminação de gênero, raça e classe. Ao evidenciar questões de representatividade a partir de outras perspectivas Butler revolucionou as ficções científicas. No ano de 1995, ela recebeu a MacArthur Fellowship, premiação que até aquele momento não havia sido vencida por nenhuma mulher escritora de ficção. Ela é considerada como a primeira mulher negra a escrever ficções científicas.

Conhecer as obras e o legado da escritora Octavia Butler mudou a minha relação com a literatura, me encorajando a escrever ficções visionária. Dentre as suas produções vou destacar o livro *Kindred: Laços de sangue*, a sua primeira produção que eu tive contato, que se tornou grande inspiração para mim. *Kindred* é uma obra de ficção, que aborda a temática das viagens temporais de retorno ao passado no tempo e no espaço. Tem como personagem principal a Dana, uma jovem mulher, estadunidense, negra, escritora, moradora da Califórnia em Los Angeles, que vive no ano de 1976.

As viagens no tempo levam Dana para o século XIX, proporcionou diversos encontros com seu Rufus, um homem branco, nos momentos que ele está correndo risco de vida. Este deslocamento no tempo está vinculado à relação ancestral sanguínea que eles possuem, Rufus que é seu o seu bisavô. Ela precisa ajudá-lo a se manter vivo para que a sua vida possa permanecer no presente. Os deslocamentos no tempo a partir da perspectiva das histórias de pessoas negras, amplia as percepções sobre a relação de continuidade das violências que envolvem as questões raciais

Outra ficção visionária que se tornou uma grande referência para este trabalho é o livro "Nós Somos a Cidade" (2021) da escritora de ficção especulativa e fantasia norte-americana nascida em Iowa, Nora Keita Jemisin. Antes de se dedicar exclusivamente à atividade de escritora, atuou como psicóloga e como educadora de jovens e adolescentes. N. K. Jemisin a partir de seus romances e contos que debatem questões raciais, opressões e conflitos socioculturais conquistou diversas premiações.

É uma trama de fantasia urbana, que se passa em um cenário semelhante à realidade onde as cidades possuem almas. Inicialmente a autora apresenta ao leitor a ideia de que as cidades ao passarem a ter um número elevado de população e alcançarem um nível elevado de desenvolvimento se desprendem de sua realidade inicial e ganham vida. Muitas cidades já passaram por esse processo de renascimento e a cidade de Nova York é o cenário onde se passa a ficção de "Nós Somos a Cidade".

Ao ganharem vida as cidades escolhem uma pessoa para ser o avatar, que irá ser a sua representante. Nova York escolhe um jovem negro, queer, grafiteiro, que vive em situação de rua para ser o seu avatar. Paulo, o avatar de São Paulo que nasceu recentemente, inicialmente irá lhe ajudar com a sua iniciação e a combater o mal que ronda pela cidade. Paulo é uma das figuras principais, que irá aparecer em diversos momentos da história.

Ao entrar em combate com o monstro que ronda a cidade de Nova York, o avatar acaba entrando em coma. Como mecanismo de defesa, a cidade invoca para a luta outros avatares que são os principais distritos da cidade. Eles são Manhattan; Bronx; Brooklyn; Queens e Staten Island. Cada avatar tem suas características que se relacionam muito com os poderes da cidade. Este mal, que colocou Nova York em coma, permanece realizando ataques através da disseminação de discriminação, do ódio, que mobilizam ataques de grupos extremistas. Estes ataques são relacionados fortemente com as situações reais, assim também como as lutas dos distritos e da cidade relatam muito sobre como as pessoas cotidianamente enfrentam estas batalhas.

Afrofabulações, o segundo conceito mobilizo no processo de sistematização e análise do material levantado, elaborado por Tavia Nyong'o, tem como base teórica as reflexões formuladas por Hartman no meio intelectual negro e pelo Deleuze no ambiente do cinema, Nyong'o define as Afrofabulações, como uma ferramenta para refletir as questões estéticas e políticas, no movimento de arte contemporânea a negra. Nyong'o argumenta que através da prática de especulação, os indivíduos negros deixam de ocupar uma posição fixa, possibilitando encaminhar rumo ao um processo inventivo de si. Portanto, "os corpos que foram especulados se tornaram corpos especulativos" (Nyong'o, 2018, p. 80). Retomando as contribuições da

Kenia Freitas, é importante destacar que: “Mais do que as oposições entre indivíduo e coletivo, artista e público, o que está em jogo na afrofabulação é a prática do indivíduo social não fixado, mas em relação. Sendo, portanto, uma prática inventiva (da opacidade) e não explicativa (da transparência/diferença).” (FREITAS, 2020, p. 222).

Outra pesquisadora e artista que tem tensionando esta relação entre ficção e realidade é brasileira a Aline Motta. Em um de seus trabalhos, ela tem como ponto de partida para tratar questões que são coletivas, o olhar para a sua própria história e para a sua própria família. Aqui vale destacar, que as suas três primeiras criações que ela define como genealógicas, surgem a partir de hipóteses possíveis sobre as origens de sua tataravó. Neste sentido, ela inicia esta investigação a partir das informações que ela já tinha, que a maioria eram as histórias orais obtidas através de sua família. Ela busca entender quais são os pontos de vista das mulheres, tendo estas perspectivas como guia para a condução da pesquisa.

Um desses trabalhos é intitulado "Filha Natural". Termo que era dado nos cartórios e igrejas as crianças que o pai não reconhecia ou que era filho de pais que não eram casados. Essa pesquisa começou em 2016, em Vassouras, zona rural do estado do Rio de Janeiro, onde ela encontra um atestado de óbito de sua tataravó que se chama Francisca. Apesar de ser um nome muito comum e de não possuir muitas informações, a localização e a idade condizia com o tempo histórico que ela havia vivido. Este documento indicava que ela havia falecido na fazenda de Ubá. Em seguida Aline foi em busca da localização desta fazenda, de quem era os donos dentre outras informações.

Ela então reconheceu que essa fazenda tinha uma importância histórica grande na região que ela se localiza, tendo uma vasta quantidade de informações. Há indícios de que ela tenha nascido por volta de 1855 em uma fazenda de café em Vassouras, zona rural do Rio de Janeiro, considerado o epicentro do escravismo brasileiro no século XIX. Ela também encontrou documentações dos donos da fazenda e duas fotografias estereoscópicas, do fotógrafo Revert Henrique Klumb, uma tirada na varanda da casa grande, com uma escravizada e uma sinhazinha e na outra tem a família das senhoras e duas escravizadas, da década de 1860.

Na segunda parte deste trabalho, ela faz uma conexão com o presente. Antes de apresentar esta etapa, vale destacar que no semestre de 2020.2, eu tive a oportunidade de participar da disciplina ministrada pela professora doutora Gabriela Pereira, intitulada “Habitar o fim do mundo e imaginar o infinito - 2020” realizada no PPGAU- UFBA. A quarta aula, ocorrida no dia 30 de setembro, contou com a participação da Aline Motta e da Kenia Freitas. Em meio aos debates sobre a realização de pesquisa sobre os nossos antepassados e as lacunas das histórias, Aline destacou que durante a realização destes processos, ela busca pensar e

formular novas formas de parentescos. Ela chamou atenção ainda que este aspecto fica evidente no “Filha Natural”.

Em uma de suas idas a fazenda de Ubá, Aline conhece a líder comunitária, jogueira, funcionária de um abrigo de crianças órfãs e conselheira tutelar Claudia Mamede. Neste momento, além de Aline construir uma grande admiração por história de vida, percebeu também que a Claudia possuía uma grande semelhança física a sua bisavó Mariana. Surge então os seguintes questionamentos: esta semelhança poderia revelar uma ligação de parentesco entre elas? De qual maneira, novos laços poderiam surgir? Como preencher as lacunas dos arquivos a partir desta provável relação? Na tentativa de unir estes laços, Aline a convidou e a Claudia é a pessoa que conduzir a performance áudio visual de “Filha Natural”.

Ela levanta a questão de como preencher as lacunas que a documentação não pode responder. Partindo da leitura do testamento de José, é possível inferir que as duas escravizadas se chamem Joana e Rachel, pois ele as concede à alforria. Através das imagens e dos vídeos, ela sobrepõe as temporalidades reconecta os personagens da história, inclui a arquitetura propondo a outras configurações levando para o campo da ficção, não adentrando na ficção como o contrário da verdade.

Figura 6 - Uma das fotografias estereoscópicas da exposição Filha Natural



Fonte: Aline Motta. (2019)

“Filha Natural” fala muito sobre a sua família e a sua conformação, mas também sobre arquitetura. Neste trabalho ela mostra que ao contrário da senzala, a arquitetura da casa grande ainda se mantém impecável e conservada, preservando a sua relação de controle e dominação dos corpos negros. Símbolos de violência assim como tantos outros, não causam sensibilidade na grande maioria das pessoas e as suas práticas agressivas permanecem. Entretanto, a presença de Claudia Mamede, é um importante disparador que aponta para afirmação da presença da população negra revela muitas questões.

Figura 7 - Claudia Mamede na varanda da casa grande, da fazenda de Ubá



Fonte: Aline Motta. (2019)

Durante a entrevista conduzida pela Comunicadora Social Aline Vila Real, intitulada “Como as imagens podem produzir vizinhanças?”, promovida pelo BDMG’cultura, Aline Motta aponta ao refletir ainda sobre a sua produção “Filha Natural”, destaca que O plano era que nós negros, não estivéssemos vivos. Se nós sobrevivemos foi graças aos esforços de nossos antepassados. A forma como Aline mobiliza esses documentos e reelabora as narrativas aponta um caminho de honrarmos nossos antepassados, reinventando o nosso presente.

Mobilizado por essas referências e a partir das etapas já enunciadas, este trabalho se estruturou da seguinte maneira: As ficções visionárias são amuletos que introduzem os textos e guiam o leitor para um caminho que expandem as percepções das reflexões que estou propondo, assumindo a posição de gatilho, para despertar questões que serão abordadas em cada capítulo, através das Afrofabulações. Assim, as narrativas das trajetórias vivenciadas minha mãe Ednalva e minha avó Maria e minha tia Conceição, se unem as falas que foram coletadas dos demais moradores aparecem em primeiro plano conduzindo diálogo o combinado com as fotografias e as demais informações.

Para que se tenha maior clareza sobre as discussões levantadas neste trabalho, é essencial que você, ao realizar a leitura, não perca de vista também o exercício do Sankofa. As partes do texto foram pensadas e separadas para realizar aprofundamentos específicos, necessários de cada etapa. Porém, isto não é uma definição de que os fatos ocorreram isolados, o que também não te impede de realizar a leitura independente dos capítulos. Os avanços e recuos são necessários, para que se tenha uma melhor perspectiva sobre a complexidade da formação deste território. Vale ressaltar a ciência sobre as limitações dos pontos abordados nesta investigação. Não houve a intenção de simplificar os eventos históricos ocorridos, ou impedir que outras perspectivas possam ser englobadas, mas este trabalho toma como pressuposto a impossibilidade da história total. O trabalho não foi pensado para ser um começo, e muito menos um fim. A elaboração desta dissertação é parte de uma luta que se iniciou muito antes e continuará muito depois de nós.

2 VESTÍGIOS DA PAISAGEM DE ITAPUÃ

No dia 14 de junho de 2020, enquanto eu tomava café da manhã com a minha avó Maria na sala de sua casa, duas moças que nós não conhecemos, chamaram ela em momentos diferentes para pedir folhas de Tapete de Oxalá que são cultivadas no jardim desta casa. Após entregar as folhas para a segunda moça, ao voltar a fazer a sua refeição, a minha avó me contou que nos últimos dias, muitas pessoas estavam lhe pedindo folhas das plantas de seu jardim para fazer chás ou para banhos. A Figura 8, apresenta algumas das plantas, dentre elas o pé de Tapete de Oxalá, que a minha avó Maria cultivava no jardim que ela possui em frente à sua casa.

Figura 8 - Casa e o jardim da avó Maria



Fonte: Acervo do autor (2020).

Vale destacar que no período que este fato ocorreu, foi durante o mês de outubro de 2020, momento que o mundo estava vivenciando o surto da Pandemia do COVID-19. Devido a rápida disseminação deste vírus, os sistemas de saúde sofreram grandes impactos. No Brasil, as epidemias da dengue e de outras doenças sazonais como a influenza que possuem surto nos períodos do outono e do inverno, coincidiram com o momento do primeiro pico da contaminação no país. O Sistema Único de Saúde (SUS), que já possuía deficiência no atendimento de outras doenças, passaram a ter uma demanda elevada de internação e o esgotamento de muitos serviços (MASCARENHAS, 2020). Além da falta de vagas, o medo do contágio nas unidades de saúde e o desconhecimento sobre este vírus fez com que algumas pessoas evitassem ir aos hospitais.

Ainda nesta conversa, a minha avó Maria ainda me disse que durante a sua infância vivenciada em Cascavel, um dos povoados do município da Ibicoara localizado no interior do

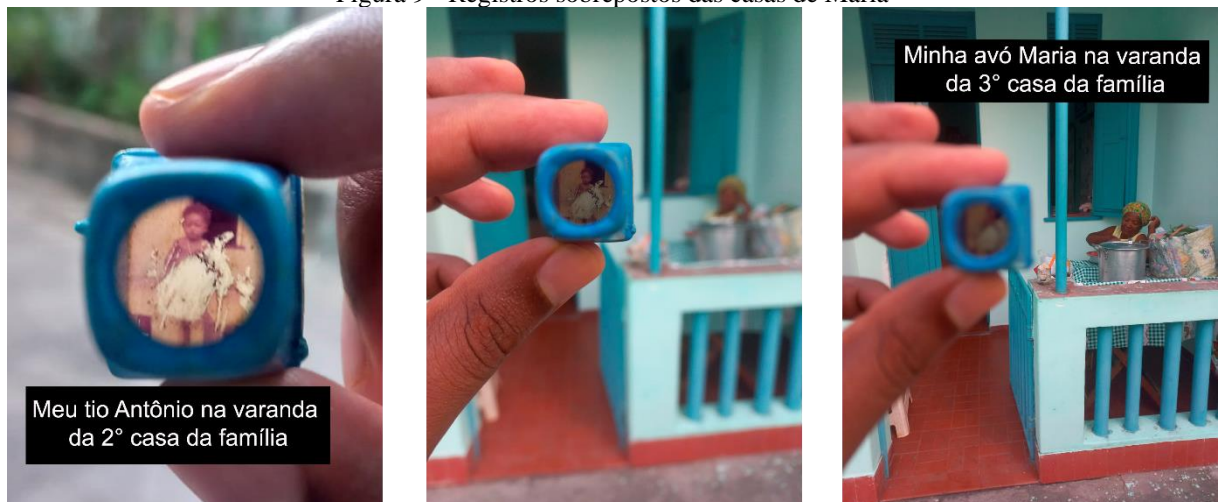
estado da Bahia, as pessoas quando estavam com doenças de pele, ao invés de se deitar em camas normais se deitavam no chão coberto com folhas de fumo, esta planta ajuda a cicatrizar mais rápido as feridas. Ela ainda me falou sobre uma casa que fica também em Itapuã, que tem o último um pé de fumo do bairro e completou me falando que iria pedir algumas folhas aos moradores dessa casa.

Ao descrever a localização deste pé de fumo, que segundo a minha avó é o último, ela indicou que fica em um terreno com muitas plantas, mais baixo que o nível da rua, com três casas da mesma família e que a edificação mais velha que fica na frente lote tem ainda um telhado de duas águas. Assim como a moradia de minha avó, em Itapuã encontramos outras casas mais antigas, que possuem características semelhantes à nossa. No fim desta conversa a minha avó sorriu e falou a seguinte frase: "Quem diria que estamos voltando aos velhos tempos".

Esta conversa com a minha avó, me fez refletir sobre quais sabedorias os moradores de Itapuã preservam ao cultivarem em suas casas plantas que são utilizadas inclusive para a cura? Me fez pensar também como foi estabelecida esta relação construída entre desconhecidos a partir do compartilhamento das plantas medicinais de suas casas? Que tempo é este que a minha avó Maria se referiu que estamos voltando?

Em outra conversa que eu tive com a minha avó Maria no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, enquanto estávamos comentando sobre alguns pontos da orla de Itapuã, que estavam passando por alagamentos após as obras de Requalificação da Orla iniciadas em 2013, ela comentou que estes pontos eram “vestígios de Deus” locais onde havia pequenos córregos que deságuam no mar, mas que foram aterrados com as transformações urbanas que ocorreram ao longo dos tempos. O que os vestígios da paisagem de Itapuã podem revelar?

Figura 9 - Registros sobrepostos das casas de Maria



Fonte: Acervo do autor (1976/ 2021)

O que a minha avó Maria não sabia até o momento da elaboração desta dissertação, é que suas percepções, que foram concebidas ao longo dos anos, através de suas experimentações de vida, dialogam com conceitos postulados dentro do ambiente acadêmico. Neste sentido, vale contextualizar as concepções de vestígio, tempo, técnica e paisagem.

Define-se “vestígio” como “pegada deixada no lugar em que se passa; rasto. O que marca a passagem ou a ocorrência de; indício; Vestígio de ocupação humana.”. No sentido figurado significa “O que sobrou; O que remanesce de algo.” (VESTÍGIO, 2020). Este termo que é derivado da expressão em latim *vestigium*, é fortemente empregado nos estudos de arqueológicos.

O doutor em História Pedro Paulo Funari (2003), define a Arqueologia como o campo disciplinar que busca compreender através da investigação dos vestígios materiais da presença humana os aspectos sociais e culturais de um determinado espaço e tempo. Funari argumenta em seu livro intitulado “Arqueologia” (2003), que inicialmente os estudos arqueológicos se consistiam apenas no relato de questões passadas. Entretanto nas últimas décadas a partir da inclusão das abordagens interdisciplinares, que levou a envolver inclusive as reflexões das ciências sociais. Neste movimento rompe com a limitação dos estudos arqueológicos voltados apenas ao entendimento de questões centradas no passado, abrindo a possibilidade de criar conexões com as questões do presente.

Assim como os sítios arqueológicos, as cidades também podem ser compreendidas através dos seus vestígios. Vale destacar que, o complexo jogo de peças de vestígios, que compõem as cidades passam por transformações constantes, sejam elas ordenadas ou não. Diferente dos sítios, grande parte desses indícios das cidades, não estão soterrados e fazem parte do cotidiano de sua sociedade.

Compreender o conceito de vestígio a partir desta perspectiva, potencializar a ideia concebida por minha avó Maria, onde a sua concepção extrapola a relação de vestígio enquanto algo que foi soterrado ou se perdeu no passado. Assim, o conceito de vestígio empregado nesta pesquisa, considera este termo como indícios, de elementos do território de Itapuã, que se mantem presentes reexistindo as tentativas de apagamentos. O intuito de retomar os vestígios de Itapuã, para além de contar sobre os fatos ocorridos no passado tem o objetivo de criar conexões que ampliem a nossa compreensão sobre a morfologia urbana atual deste território, com uma tentativa de resgatar as ausências das lacunas.

O geógrafo brasileiro Milton Santos, em sua apresentação intitulada “A Cidade e o Urbano como Espaço-Tempo”, realizada durante o Iº Seminário de História Urbana, ocorrido em Salvador em novembro de 1990, argumentou sobre a necessidade de se criar uma articulação

entre os estudos da cidade com o conceito de espaço. Tendo em vista que o conceito de espaço é uma categoria histórica, que passa por variações ao decorrer do tempo. Por tanto, é necessário termos para além do entendimento sobre o espaço, compreendermos sobre as diversas periodizações, que tendem a variar de acordo com a escala de observação. Para Santos os períodos são por tanto:

(...) pedaços de tempo submetidos à mesma lei. Os períodos se mantêm com a permanência das estruturas, e estas se definem como conjuntos de relações e de proporções. São essas relações e proporções mantidas ao longo de um certo pedaço de tempo que vão nos permitir enxergar nosso objeto de fora e de dentro. Assim, as periodizações podem ser muitas, em virtude das diversas escalas de observações. Mas em qualquer que seja o momento, é indispensável dizerem-se muitas periodizações. O mundo, como um Todo, nos permite uma periodização; a formação social e econômica, representada pelo Estado e a nação, uma outra periodização; a cidade permitirá uma nova periodização, a um nível inferior. (SANTOS, 1990, p 2)

Criando uma ponte entre a relação da periodização com o campo de investigação desta dissertação, vale ressaltar que Luz (2012, p. 21- 22), chama atenção para o fato do território de Itapuã ser envolvido pelos princípios ancestralidade Africano. É importante destacar que: “Para civilizações milenares como a africana, o espaço e o tempo só podem ser compreendidos e vividos em dimensões cósmicas abertas e plurais, em que relações simbólicas múltiplas e emocionais permitem riquíssimas percepções que envolvem a experiência com o sagrado.” (LUZ, 2012, p. 21).

O professor e antropólogo Eduardo Oliveira, em seu livro *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente* (2006), busca refletir sobre a cosmovisão africana e as suas reconfigurações no território brasileiro, examinando os efeitos destas presenças nas relações sociais, econômicas, culturais e políticas. Dentre as reflexões contidas neste livro, Oliveira (2006) destaca alguns elementos que estruturavam as sociedades africanas, antes do processo de invasão dos europeus. E apresenta como mesmo com as alterações ocorridas ao longo dos tempos com a Diáspora Negra, estes elementos ainda influenciam as condições de vida dos africanos e de seus descendentes em diversas partes do mundo. Dentre estes elementos estruturantes, a concepção da temporalidade africana apresentada por Oliveira (2006), ajuda a enriquecer este debate. As sociedades tradicionais, diferente das sociedades modernas, que tem o tempo mobilizado para o futuro, tem o tempo direcionado para o passado. É no passado, que alguns africanos encontram a sabedoria de seus ancestrais e a intensidade fundamental para a criação de novidades no tempo presente. Neste sentido:

A relação privilegiada com o passado tem sua razão de ser: ela permite uma relação especial com os ancestrais. A preservação da memória dos antepassados não é causa de estagnação para os africanos; ao contrário, são essas as causas para o dinamismo característico de sua cultura, uma vez que a atualização deve estar sempre assentada na sabedoria dos ancestrais. Os ancestrais, no entanto, não são os atores do mundo atual. Os protagonistas do tempo vivido são seus descendentes que, ouvindo-os,

respeitando e cultuando-os, devem abrir caminhos para novos tempos. A tradição, neste caso, é o fundamento da atualização e da novidade. (OLIVEIRA, 2006, p. 25)

É importante ressaltar também um outro aspecto sobre o tempo africano, defendido pela Leda Maria Martins em seu livro *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela* (2021). Ela também argumenta que as experimentações, concepções e percepções do corpo no tempo se fundamenta na ancestralidade, mantendo constantemente um movimento espiralar. Leda define que:

A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contínuos e simultâneos de retroação, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro. É através da ancestralidade que se alastra a força vital, dínamo do universo, uma de suas dádivas. (MARTINS, 2021, p. 63)

Retomando aos estudos do Milton Santos, outra questão importante, que merece destacar é a sua definição da técnica como sinônimo de tempo, defendida durante a mesa-redonda intitulada “O Tempo Nas Cidades”, durante a conferência “O tempo na Filosofia e na História”, promovida pelo Grupo de Estudos sobre o Tempo do Instituto de Estudos Avançados da USP, ocorrida em 29 de maio de 1989. Segundo Santos “(...) a Geografia é uma filosofia das técnicas, considerando a técnica como a possibilidade de realização da História, de mudança da História, de visibilidade dessas rupturas.” (SANTOS, 1991, p.21). Ele ainda aponta que as técnicas possuem um papel importante na compreensão histórica do espaço, simbolizando a realização humana em determinados momentos.

No livro “A Natureza do Espaço” (2006), Santos define que é através da técnica que ocorre a principal relação entre o homem e o meio, sendo a técnica também este meio. As técnicas são, portanto, a maneira como o ser humano desempenha a sua vida e ao mesmo tempo produz espaço. Portanto, “(...) a técnica é tempo congelado e revela uma história” (SANTOS, 2006, p. 29), que evidencia as condições históricas, sejam elas políticas, geográficas, sociais ou econômicas, de cada lugar do instante em que ocorreu a sua implementação.

Santos (1991), define a paisagem como uma reunião de formas, que retratam as relações estabelecidas entre homem e natureza em um certo momento. A paisagem é, portanto, o fragmento da configuração territorial que a visão é capaz de perceber. Assim, em alguns casos, ao se abordar o conceito de paisagem, tomam também como referência o conceito de configuração territorial. Santos (1991) define ainda que a paisagem como transtemporal, que em meio de uma construção transversal gerada em momentos históricos distintos, reúne objetos tanto presentes quanto passados, que coexistem em um tempo atual.

As civilizações africanas, que vivenciam e compreendem o tempo e o espaço a partir das percepções e vivências vinculadas à energia vital da ancestralidade, tem como potência de

produção de conhecimento e inscrição das temporalidades as experiências e performances corporais. Martins ressalta que: “Grafar o saber era, sim, sinônimo de uma experiência corporificada, de um saber encorpado, que encontrava nesse corpo em performance seu lugar e ambiente de inscrição”. (MARTINS, 2021, p 36).

Apesar dos diversos processos de repressão social e cultural, a população africana em meio as diásporas transatlânticas, transnacionais e transculturais, transcreveram e recriaram nas Américas por meio das performances corporais, maneiras de manter os seus princípios, ressignificando também estes novos espaços. É importante destacar que:

Muitos pensadores africanos acentuam a constituinte interação das pessoas com o meio ambiente, os anelos entre as dimensões físicas, material e espiritual, a ideia de que há vida e existência significativa em estado mineral, na fauna, na flora, nos gases e nas águas em seus vários estados, em todos os seres, entre eles os humanos. Essa complexa rede de pensamentos sobre o cosmos, esse acervo de saberes, constitutivos fundamentais na cosmopercepção de mundo africana, atravessaram o mar-oceano. (...) O movimento histórico desses saberes é fundamental quando refletimos sobre o continuum africano nas Américas das tradições daquele continente. Aqui os sentidos do trânsito inter e transcultural, de cinesia, das transformações e permanências são chaves para sua apreensão. (MARTINS, 2021, p. 49)

Segundo os dados do último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010 Itapuã contava com 66.961 moradores. Onde dentre estes 1,14% se declararam de cor amarela, 0,24% indígena, 20,65% branca, 27,25% preta e 50,72% parda. (CONDER / INFORMS, 2016). Sendo o segundo bairro de Salvador com maior número de habitantes negros autodeclarados, considerando que para o IBGE negro é o somatório de pretos e pardos. Vale destacar que estes dados se encontram com dados desatualizados, pois o Censo Demográfico que estava programado para ser realizado em 2020, não foi realizado. Utilizando o pretexto da falta de verbas, o governo se negou a realizar esta atividade, como uma tática para não evidenciar demonstrar o grande número de mortes ocorridas em consequências da falta de políticas públicas para controlar a pandemia.

Arelado ao alto número de afrodescendentes, a permanência das diversas práticas culturais afro-brasileiras em Itapuã nos dias atuais aponta para o processo de recriação. Como Narcimária Luz reflete em seu livro “Itapuã: da ancestralidade africano-brasileira”(2012), a formação da estrutura territorial, os usos dos espaços naturais, os mitos, as cantigas, a culinária dentre outros elementos que marcam a paisagem de Itapuã, são frutos da confluência dos princípios ancestrais, dos povos originários tupinambás, que já habitavam esta terra antes do processo de invasão das américas promovida pelos europeus, aos princípios dos povos africanos que passam a habitar este local após o processo de colonização. Luz ressalta, portanto, que:

Maré, anzol, rede, peixe, caranguejo, mangue, são metáforas que, contidas na sabedoria acumulada da territorialidade de Itapuã, apelam para o exercício de estratégias de luta, memória e continuidade que ultrapassa gerações, organizando conduzindo e transmitindo o legado dos nossos antepassados. (...) São metáforas

singulares que comunicam as estratégias de afirmação secular dos africanos, numa dinâmica atemporal, mas que presentificada num aqui e agora, influencia o viver cotidiano dos seus descendentes. (pg 247-248).

Apesar dos processos de globalização e modernização urbana imporem valores externos a vida dos moradores dessa antiga vila de pescadores de Itapuã, é possível reconhecer por meio dos vestígios da paisagem, técnicas de sociexistências construídas e mantidas com o oceano, as dunas de areia branca, as lagoas, as matas, as ruas, os largos e as casas deste território.

Assim, seguindo a cosmosensação do Sankofa, de aprender com o passado a reinventar o futuro, retomo aos vestígios da paisagem de Itapuã para apontar e reescrever sobre a presença dos descendentes de africanos e tupinambás na formação deste território, buscando ampliar a compreensão urbana sobre este local para além da historiografia preservadas nos documentos, monumentos e outros elementos modernos.

2.1 AS CASAS

2.1.1 O conquistador de vestígios

Em 2019, em Itapuã, um dos bairros da cidade de Salvador, um jovem arquiteto negro, nativo do bairro, chamado Gustavo, após assistir o Documentário do Ernesto de Carvalho: “Nunca é noite no mapa” (2016), fica bem curioso para tentar se encontrar pelo Google Maps. Durante as suas voltas pelas ruas através deste mapa virtual ele acaba encontrando a sua avó materna Maria, que é baiana de acarajé indo trabalhar, com um pedaço de pau mão.

Figura 10 - Avó Maria indo para a praia trabalhar



Fonte: Google Maps. (2019)

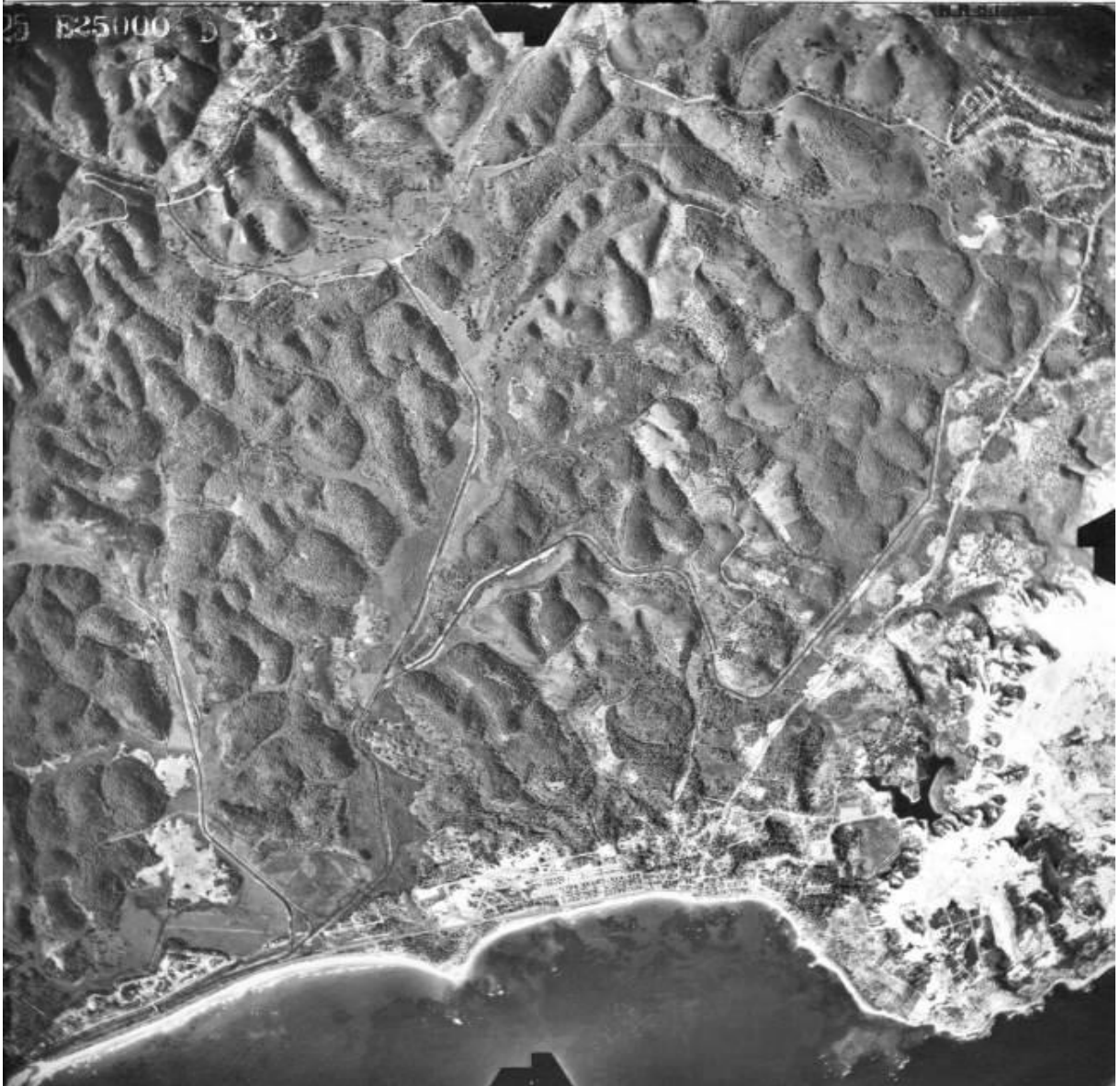
Ele tira um print desta imagem e imediatamente manda para o grupo de Whatsapp da família que tem seu irmão Thiago e seus primos maternos mais próximos, Deise, Dandara e Ayrton. Isto acarretou em uma “resenha” muito grande entre eles, e uma série de questionamentos para tentar entender o porquê ela estava com esse “porrete” na mão. Como por exemplo:

- “Será que ele estava indo brigar com alguém?”
- “Acho que foi para meter nos cachorros que querem comer as passarinhas”
- “Acho que foi só para ninguém querer roubar ela”

Ao encontrar-se com a avó em sua casa no final deste mesmo dia, Gustavo lhe mostrou esta foto e ela contou então sobre aquele momento. O pedaço de pau, era na verdade para poder consertar o sobreiro que protege o seu tabuleiro na praia. Todos acabaram errando o motivo e eles contaram as especulações que tinham feito. Em seguida ela contou que quando era criança, na época que morava no interior da Bahia, chamado Cascavel, ela sempre andava com um pedaço de pau, para se proteger dos cachorros do mato e também para poder ajudar a atravessar os riachos. Nesse momento ele acaba descobrindo que a sua avó não era Itapuãzeira, como os moradores chamam as pessoas que nascem e são criadas no bairro.

Ele não desanima pelas buscas do Quilombo, mas acaba encontrando uma série de documentos sobre o bairro do século XX, nas Bibliotecas Públicas de sua cidade. Um destes foi uma fotografia aérea de 1959, momento em que Itapuã ainda possuía poucas casas.

Figura 12 - Fotografia aérea da década de 1959 da região do bairro de Itapuã



Fonte: CONDER (1959).

Ao tentar encontrar a sua casa ele acaba percebendo que o formato da ocupação da localidade que ele mora, se parecer muito com o formato do Quilombo do Buraco do Tatu e a região onde era ocupado por casas no mapa do Quilombo se parece com as áreas que não possuem vegetação da foto aérea. Ao ler os documentos sobre o Quilombo ele encontra outra coincidência muito grande com um dos registros da Narcimária (2012): o quilombo foi atacado no dia 2 de setembro de 1763 pelo Capitão-mor da Conquista do gentio Bárbaro Joaquim da Costa Cardozo e a área em que mora atualmente se chama Nova Conquista. Será que essa Nova Conquista quer dizer a reconquista deste território do quilombo?

Figura 13 - Comparativo entre a Nova Conquista (1959) e o Quilombo do Buraco do Tatú



Fonte: CONDER (1959)/ Rede de Memória Virtual Brasileira/ Arquivo Histórico Ultramarino. Autor desconhecido. (1764)

Ao comparar informações deste livro, o mapa atual do Google Maps e a planta do Quilombo do Buraco do Tatu, percebe-se uma série de semelhanças: o caminho que liga para o mar é onde hoje há a Avenida Dorival Caymmi que tem acesso para a praia; os demais caminhos internos seguem as mesmas direções da planta; a disposição das casas continuam retilíneas semelhante ao quilombo; o caminho que era um brejo com as estacas coincide com um dos únicos locais que ainda possuem vegetação na Avenida Dorival Caymmi e ainda preserva uma área alagadiça em seu fundo. Entretanto o que mais lhe intrigou, foi o registro presente no mapa do Quilombo do suicídio uma mulher idosa preta, que eles denominaram como feiticeira e a indicação de um homem preto que chegou a atirar contra a tropa invasora, porém também foi morto. Esses fatos ocorreram próximo à rua que ele mora atualmente, que é a penúltima rua da Nova Conquista e tem o nome de Rua Nossa Senhora da Angústia.

Figura 14 - Comparativo entre a Nova Conquista (2019) e o Quilombo do Buraco do Tatu



Fonte: Google Maps/ Rede de Memória Virtual Brasileira/ Arquivo Histórico Ultramarino. Autor desconhecido. (1764). Adaptação do autor.

Gustavo procura uma amiga, que era pesquisadora na universidade que ele estudava Arquitetura e Urbanismo. Ela já vinha produzindo trabalhos que abrissem caminhos para recontar as histórias das populações negras brasileiras. Ele contou sobre as informações que ele havia encontrado e pediu ajuda dela para engatarem um antigo projeto de retomada no tempo que eles tinham idealizado anos atrás. Era algo arriscado, mas eles acreditaram e decidiram iniciar novamente esta atividade. Após longos dias elaborando tentativas, ela encontra um meio que consegue enviar Gustavo ao passado em busca desses vestígios de sua história.

Ao entrar nessa viagem do tempo ele acaba perdendo a sua memória e vai parar em uma praia cercada por uma vasta mata. Gustavo, fica desesperado por não saber quem é, nem onde ele está e passa muito tempo perdido. Até que encontrou dois meninos, um aparentava ter 12 e outro 6 anos, que brincavam na areia da praia entre a foz de um rio e algumas pedras, que se ligavam com um coral dentro do mar e que tinha no final uma grande rocha, que urrava com o passar dos ventos e o balançar das ondas.

Ao avistar o jovem estranho com uma cara de perdido, os meninos o chamam para irem atrás deles e dizem que não era para ele se afastar, pois outros caminhos poderiam matá-lo.

Neste momento, as crianças sobem sobre os corais para mostrar para esse então desconhecido as grandes baleias que se aproximavam. Os enormes seres marinhos que saltavam do mar assustavam Gustavo ainda mais.

Os meninos saem correndo dando muitas risadas, e Gustavo, que estava desnortado, acaba seguindo os dois. Durante essa corrida, ele percebe que o terreno deixa de ser um areial e se torna bastante “pantanososo”, e que durante o percurso começa a surgir alguns buracos com estacas, o que deixa com bastante medo. Mas ele continua correndo com as crianças, que seguem brincando sem se preocupar muito com aquele cenário, que para ele era assustador.

Até que eles chegam a um ponto, que de longe parecia ser um enorme barranco, mas ao se aproximar, ele enxerga que ali era na verdade um vilarejo. Ao chegar naquele lugar, o jovem tem uma vaga lembrança dele chegando em sua casa, porém com uma grande diferença. A sua vista, era totalmente diferente de suas memórias, em que os grandes prédios ao fundo impediam a vista do horizonte. Agora era possível ver o sol se pondo em meio aos montes e as grandes árvores.

Ao chegar nesta vila, Gustavo repara que as poucas casas, tinham suas paredes feitas com cipós e barro partidas com mão e que as coberturas eram feitas com as palhas de coqueiros, todos elementos encontrados com facilidade na região. Ele repara que estas habitações eram semelhantes às características descritas por sua mãe Ednalva sobre as casas que haviam em Itapuã durante a sua infância e se lembra ainda de algumas fotos antigas deste bairro que ele havia encontrado em suas pesquisas.

Ao chegar os moradores questionam de onde havia vindo, mas ele não se recorda e se encontra um pouco debilitado, ao ponto de não conseguir falar muitas coisas. Então os meninos contam que haviam encontrado ele próximo ao rio dos donos da terra e que ele não sabia quem era. Ao perceberem o seu estado, o pessoal o acolhe, deixam ele se juntar ao grupo e faz questão de dar logo comida. Esse ato de afeto foi bem comum para ele, que teve novamente uma lembrança de sua casa, onde sua avó geralmente dava algo para pessoas estranhas que passavam pedindo algo para comer.

Os dois meninos acabam ficando a todo momento ao seu lado, lhe contando sobre as suas aventuras, o quanto eles gostavam de ir para a praia, apesar de ser muito arriscado, pois poderiam ser presos, mortos ou então perseguidos, revelando a localização de sua casa. Falaram também sobre os lugares que dava para pegar as melhores mangas, dentre outras aventuras que eles viviam.

Ao se recompor Gustavo e os dois meninos saem andando passando de rua em rua. Os meninos mostram a ele o local onde cultivavam plantas para poder se alimentar, onde era a

fonte para pegar água para beber, lhe explicaram sobre os caminhos que ele poderia passar. Gustavo então tem uma lembrança de sua infância, em que seu pai saía andando subindo e descendo as ruas para apenas passar o tempo, mas que fez com que ele gravasse várias informações, que guardou e se lembrou nesse momento. Porém ele ainda não se lembrava de onde tinha vindo.

Após o passeio por todo o território, os três ficaram bem cansados e se sentaram próximo a uma fogueira. Gustavo então começa a desenhar no chão com o carvão. Os meninos que eram muito agitados, neste momento ficaram quietos desenhando também, algo que não era muito comum para eles. Então Gustavo encontra um bloco de notas e um grafite que ele sempre guardava em seu bolso, e pede para os meninos o ajudarem a fazer os caminhos por onde ele poderia ir, para que ele não se machucasse e não se perdesse mais. Eles acabam produzindo um mapa, com a indicação de coisas que eram comuns no seu dia a dia.

A avó dos meninos observou desde o momento de sua chegada e se aproximou após eles terminarem de desenhar e chama os três para irem comer a refeição da noite, que ela havia preparado, fazendo questão que este estranho se alimentasse. Ao se juntar com os moradores desta vila ao redor da fogueira que cozinhava em uma grande panela de barro o feijão de corda temperado com azeite de dendê e outros temperos, esta senhora lhe contou que aquelas sementes vinham de longe, escondidas pelos mais velhos nos porões dos navios. E que para a sorte deles, com ajuda dos povos das matas que já moravam ali que lhes ensinaram onde havia a terra fértil da região, permitiu que essas sementes se produzissem com fartura. O jovem tem uma recordação forte de sua avó materna Maria e da maneira como ela tratava bem a sua família e as pessoas que sempre se aproximavam de sua casa.

A avó destes meninos percebe que este estranho, estava com uma expressão de incômodo e pergunta se Gustavo estava se sentindo bem, ele acaba desabafando que estava sentindo fortes dores de cabeça, talvez pelo deslocamento do tempo. Neste exato momento, esta senhora vai até a um jardim dentro desta pequena vila em que os moradores cultivavam pequenas plantas para retirar algumas folhas para fazer um chá. Ela dá para Gustavo, algumas folhas de Guiné amassadas com na mão para ele cheirar, um chá de erva cidreira. Em pouco tempo o desconforto dele aliviou, neste instante se sentiu em sua casa e mais uma vez se lembrou de sua avó Maria, das diversas plantas que ela cuidava no jardim de sua casa e como elas serviam para curar quase todas as dores.

Na hora de dormir, a avó dos meninos pede para que ele fique atento e que caso aconteça algo ele não se afaste deles. O jovem fica inquieto e pergunta a esta senhora o que poderia acontecer. Ela então conta que naquele lugar os negros procuravam por uma vida nova daquela

que lhes foi imposta aqui nessa terra. Era um lugar aonde eles poderiam ser livres de sofrimentos e não seriam mais tratados como animais, que ali era o Quilombo do Buraco do Tatu. Ela comenta que durante 20 anos eles mantinham relações amigáveis, realizando a troca de produtos com os moradores da vila dos colonos de pesca que ficava localizada próxima ao mar. Mas com a chegada de novos fazendeiros e homens para comandar a região eles passaram a sofrer retaliações, pois queriam aprisionar os negros e indígenas que moravam neste quilombo para serem seus escravos. Isto fez com que eles armassem estacas e ficassem sempre atentos, pois agora eles estavam a todo o momento correndo de invasões.

Imediatamente Gustavo sente um grande calafrio, se arrepiando todo e passa um flashback pela mente do jovem com as memórias de sua infância até os motivos que o fizeram estar ali. Ele sorri ao olhar para aquele ambiente, perceber que era verdade a ficção que ele havia criado sobre a localização do Quilombo ser no território da Nova Conquista, o local que ele nasceu e cresceu. Imediatamente ele faz uma das perguntas que mais o incomodava... Por que se chama Buraco do Tatu?

Então esta senhora lhe responde, dizendo que, primeiro era pelo fato real deles estarem em uma região mais baixa, como uma estratégia de se camuflar e não chamarem tanta atenção; e em segundo, por preservarem a ideia da habilidade do tatu, de se esconder e evitar o combate. Ela contou que eles frequentemente sofriam tentativas de invasões por estarem próximo ao Vilarejo de Itapuã, por isso instalaram essas armadilhas no entorno do local em que ocupavam. Mas que eles tinham em mente também que não poderiam combater os homens brancos caso eles conseguissem invadir. Então, tinham uma rota de fuga onde iriam para outros locais próximos ao quilombo, caso acontecesse algo.

Ele fica fascinado ao perceber que a história que foi escrita e que ele conhecia era distinta do que de fato aconteceu e acaba não conseguindo dormir. Infelizmente nesta mesma noite, o que eles mais temiam aconteceu: os moradores do quilombo avistam a invasão dos homens brancos e fogem para outras localidades. Ao invadirem eles acabam não encontrando ninguém, o que os deixa muito bravos. Mas como eles não poderiam deixar o quilombo intacto e nem retornar sem nenhum registro de prisioneiros, os invasores elaboram um relato descrevendo como teria sido o ataque, mas que de fato não aconteceu.

Após a destruição total da estrutura do quilombo do Buraco do Tatu, este espaço que agora estava sob o domínio da Igreja Católica, passou a ser vigiado constantemente até ser vendido para pessoas que não tinham conhecimento do que ocorreu naquele pedaço de terra.

Durante a fuga, Gustavo acaba retornando inesperadamente para o seu presente em 2019 sem nem se despedir das pessoas que lhe acolheram. Ao retornar ele acaba perdendo novamente

a sua memória. Ao despertar, ele e a sua amiga pesquisadora ficam frustrados achando que mais uma vez a tentativa deles não havia dado certo.

Ao chegar em sua casa ao se sentar na mesa da cozinha, para tomar um café com a sua avó Maria, ele tira os pertences que estavam nos bolsos de sua calça e então encontra o mapa, que fez com os dois meninos do extinto Quilombo do Buraco do Tatu e se lembra de tudo que aconteceu, em sua volta no tempo. Ele então se dá conta que, através do processo de retomada realizada nos mergulhos nas lacunas do passado, era possível encontrar caminhos para conquistar vestígios importantes, para resgatar momentos apagados da história.



2.1.2 Idas, vindas e permanências entre o interior e Salvador

Quantos vestígios dos tempos, as casas mais antigas de Itapuã podem revelar? Para iniciar esta investigação eu retomo as histórias das casas de minha avó Maria.

Figura 15 - Os deslocamentos entre as casas de Maria



Fonte: Acervo do autor. (2022)

Não me recordo em ter contato com as histórias do passado de meus avós maternos e paternos durante a minha infância durante os anos 2000. Um dos primeiros momentos em que se rompeu esse apagamento sobre o passado de minha família aconteceu em um dia de chuva, quando eu tinha 8 anos de idade, durante o momento em que eu estava assistindo um dos jornais regionais no horário de meio dia com meu irmão Thiago, minhas primas Deise e Dandara e a minha avó Maria em sua sala. Os tempos de chuva não eram tão alegres na casa de minha avó, pois era o momento que ela ficava sem ter como ir para a praia trabalhar como vendedora de acarajé.

Essa relação depende das condições climáticas, para conseguir trabalhar e ganhar dinheiro, até os dias de hoje faz parte da rotina de minha família. Acredito que muitas outras famílias têm seus ofícios relacionados ao mar. Até a minha adolescência, assim como a minha família, boa parte de meus vizinhos de rua, tinham suas atividades de trabalho relacionadas a praia de Itapuã, desde pescadores, peixeiros, baianas de acarajé, garçons das barracas de praia aos vendedores ambulantes de queijo e picolé.

A situação piorou neste dia, quando passou uma matéria sobre uma família de pequenos agricultores de um interior da Bahia que estavam sofrendo com o longo período de seca que estava ocorrendo na região, mas que estavam podendo aproveitar as fortes chuvas para fazer o abastecimento de sua cisterna e a irrigação de sua plantação. Comentei com Deise durante esse momento, que a moça se parecia muito com a minha avó. Antes mesmo dessa matéria acabar, a minha avó começou a chorar muito, foi a primeira vez que a vi chorando. Ficamos sem entender muito bem o por que ela tinha chorado. Me lembro de ir junto com Deise abraçar a minha avó. Ela conteve o choro e depois deu um sorriso e não comentou nada, ficamos tentando entender e supomos que talvez ela tenha se lembrado da família dela. Nesse momento se iniciou uma grande curiosidade sobre o passado de minha avó, onde ela teria morado, se ela tinha irmãos. Depois disso sempre perguntava de onde ela tinha vindo e ela fingia que não me ouvia.

A imagem mais próxima do passado de minha avó, que eu tive contato durante muitos anos, era o vestígio da Fotopintura feita durante o casamento de meus avós maternos que fica até hoje na sala da casa de minha avó Maria. Sempre me chamou atenção, o fato de que apesar de ser uma foto tirada do casal não ter a presença de meu avô Crispim.

Essa inquietação me fez prestar atenção nas conversas com a minha avó, ela sempre contava sobre alguns eventos sobre o passado dela na roça, mas eu acreditava que era em Itapuã, pelo fato das pessoas mais velhas contarem que o bairro antigamente era cheio de mato. Com o passar dos tempos, em um dia de verão de 2017, eu estava no tabuleiro de minha avó na praia de Placaford, conversando com ela e um outro senhor que trabalha na colônia de pescadores sobre uma viagem através de um estágio, onde eu prestava assistência técnica na comunidade Quilombola de Queimada Nova. Foi neste momento que a minha avó Maria me falou sem muitos detalhes, que ela havia nascido e morado durante a sua infância em uma fazenda em Ibicoara, município de Cascavel no interior da Bahia.

Já em dias mais recente durante o processo de desenvolvimento dessa dissertação, em um dia do verão do ano de 2020 antes de entramos na pandemia do Covid-19, mais uma vez na praia no tabuleiro de acarajé de minha avó Maria, enquanto ela conversava com um rapaz que estava em situação de rua aqui em Salvador, eles falaram sobre os interiores que eles moravam, foi o momento que a minha avó me contou sobre a sua família e sobre a sua vinda para Salvador e revelou que em meio as fotografias, que ficam na sala de sua casa junto a sua fotopintura, havia uma foto 3x4 de sua mãe, o único registro que ela conseguiu guardar. A ausência de meu avô Crispim, se sobressaia e não me fez perceber que durante muitos anos a imagem de minha bisavó durante muito tempo esteve presente.

Figura 16 - Fotografia 3x4 da bisavó Maria Hosminia entre as fotos da família



Fonte: Acervo do autor (2020).

A partir desta conversa, eu descobri que a minha avó Maria Guimarães é a filha do meio de Maria Hosminia Assunção, mulher cabocla³, e de Sebastião Guimarães, homem negro que ela acreditava ser da Angola. A sua avó materna era uma índia que foi capturada na mata de Cascavel e vivia também nesta fazenda e o seu avô materno era também um índio vaqueiro, que a minha avó acreditava que ele havia vindo do Paraguai ou do Uruguai. Até o momento que a minha avó havia vindo para Salvador ela tinha duas irmãs Izabel e Sebastiana. Elas junto com seus pais moravam e trabalhavam na fazenda de uma das famílias⁴ mais poderosas de Cascavel, um dos povoados do município de Ibicoara.

Figura 17 - Vista da Serra da Águia a partir de Ibicoara



Fonte: Blog João Guia de Ecoturismo em Ibicoara Chapada Diamantina.

³ Ao descrever que a sua mãe era cabocla, a minha avó mãe queria referenciar que a sua mãe descendente de indígenas e africano.

⁴ Por uma questão ética, optei em não incluir o nome de algumas pessoas envolvidas com as narrativas.

Dentre as lembranças que a minha avó Maria me contou, uma delas foi a referência sobre a localização dessa fazenda de qualquer lugar da fazenda para ver a Serra da Águia. Na Figura 23, podemos perceber esta relação. Vale destacar que Ibicoara, o nome deste município tem origem no vocabulário tupi guarani, que reuni os termos yby ("terra") e kûara ("toca"), remetendo assim ao significado de cova ou de buraco na terra. O nome presente no vocabulário indígena remete à presença Tupi Guarani nesta região. (SAMPAIO, 1987, p. 244).

Durante o período de sua infância, neste cenário marcado pela forte presença dos indígenas e dos negros, até os 9 anos de idade, a minha avó Maria além de realizar trabalhos para ajudar a sua mãe, na casa dos patrões que a sua família morava, ela também ajudava nas atividades das plantações desta fazenda na qual cultivavam café, milho e produziam açúcar.

Retomar este período do passado da minha avó Maria, não é só um caminho para compreender sobre a sua história e as suas relações estabelecidas em Itapuã, mas apontam também para três fatores que marcam as relações sociais durante o processo de modernização das cidades brasileiras ultrapassando os limites desses territórios.

A história do tempo vivenciado durante a infância de minha avó neste interior aponta para o contexto relacionado ao processo de urbanização que estava ocorrendo no Brasil durante o início do século XX. Após os primeiros anos da colonização, o país durante aproximadamente quatro séculos seguintes, tinha a grande maioria de seus territórios ocupados destinados às atividades agrícolas. Segundo Santos (2005) no início deste período, Salvador junto com o Recôncavo da Bahia e a Zona de Mata do Nordeste, foram as primeiras regiões das Américas que formaram uma rede urbana. Santos ressalta que, a partir do século XVII, as habitações da cidade passaram a ser a principal moradia dos senhores dos engenhos e fazendeiros devido ao processo de urbanização que passa a se intensificar. A presença dos proprietários em suas posses rurais se torna sazonal, apenas nos períodos finais dos processos de produção.

Entretanto, como Santos (2005) apresenta esse processo de urbanização ocorre de maneira mais expressiva somente no século XIX. A construção das ferrovias e dos portos marítimos e a implementação dos meios de comunicação, a partir da segunda metade do século XIX, modificaram as relações que predominam no território Brasil neste momento.

Onde mesmo com o fim da escravidão após a assinatura da lei Áurea em 1888, muitos dos descendentes dos escravizados, passaram a ser trabalhadores rurais e permaneceram morando nas fazendas que trabalhavam. Com a sindicalização rural estabelecida pelo Estatuto do Trabalhador Rural em 1944, esta situação passa a se modificar. Uma vez que, as diretrizes indicavam que os trabalhadores deveriam receber dinheiro pelo tempo de serviço ao invés de receberem apenas parte dos alimentos que eles produziam.

Outro fator que merece atenção é o processo de mecanização das atividades ocorrido a partir da década de 1940. Apesar de ter um custo elevado para a aquisição, a inclusão das máquinas que realizavam o trabalho de centenas de homens em menos tempo, fez com que não houvesse mais a necessidade de grandes quantidades de trabalhadores nas fazendas. Com isso as capitais brasileiras passaram a ser ocupadas por pessoas vindas dos interiores dos estados em busca de melhores condições de vida.

Santos (2005) apresenta ainda que o processo de Urbanização não ocorreu de maneira uniforme em todas as regiões brasileiras. Salvador, em contrapartida as demais capitais do país que estavam passando tendo o aumento do número de habitantes devido ao Êxodo Rural, dentre os anos de 1920 a 1940 o número de pessoas registradas que residiam na cidade não aumentou de maneira expressiva. Um dos principais fatores foi a abertura da Zona do Cacau, que atraiu uma grande quantidade de pessoas que viviam em regiões do interior da Bahia, que durante este período estavam passando por situação climática seca.

Devido a estes fatores, em 1954, quando minha avó Maria tinha 9 anos, havia poucas pessoas morando nesta fazenda. Como consequência da dinâmica que estava induzindo as pessoas a se deslocarem para as capitais, as atividades de casa que ela morava, já não demandavam tanto e não precisavam de muitas pessoas trabalhando neste local. Com a justificativa de que não havia mais trabalho na fazenda, a minha avó Maria foi afastada de sua mãe e suas irmãs, pois a família para quem ela trabalhava a trouxe para ser empregada na casa em que eles moravam no Barbalho, um bairro de classe média de Salvador, localizado no Centro Histórico da cidade.

Minha avó contou que na época ela era tão pequena que não alcançava a pia para poder lavar os pratos, que tiveram que comprar um banco de apoio para ela conseguir fazer essa tarefa. É bem curioso que não houve nenhum critério específico para ela vir além do fato dela ser a filha do meio. As condições vivenciadas por minha avó, durante a sua infância apontam para um dos reflexos deixados pelo período da colonização, inclusive nos centros urbanos. Esta prática era análoga a situação de escravidão que os negros vivenciaram durante o período colonial no Brasil. O fim da escravidão não impossibilitou totalmente que a população negra, incluído as crianças como a minha avó trabalhassem apenas em troca de abrigo e alimentos.

Figura 18 - Maria na varanda da casa da família que ela trabalhava no bairro do Barbalho em uma festa de São João. (Década de 1960)



Fonte: Acervo do autor.

Nas duas primeiras casas que a minha avó Maria morou, mesmo que de forma veladas, eram mantidas condições de trabalho semelhantes ao trabalho escravo. Acredito que devido às diversas camadas de violência, que atravessaram a história de minha avó Maria, ela se negasse a reviver o seu passado.

O isolamento ocasionado pela falta de vias que facilitassem o acesso com as demais áreas de Salvador pode ter influenciado para que as relações construídas em Itapuã pelos tupinambás, permanecessem sem ter influência externa ao longo dos anos. Inseridos neste contexto de “tudo mato”, o ritmo das atividades cotidianas vivenciadas pelos moradores era impulsionado pelos tempos da natureza. O vínculo criado com o território, não se limitava apenas a terras, mas os demais componentes da natureza, inclusive as suas águas.

Para além destas camadas da violência, pessoas como a minha avó Maria, Dona Didila a mãe de Adroaldo nascida no interior de Acupe, Dona Francisquinha a avó de Roseane nascida em Santo Amaro da Purificação, assim como tantas habitantes, sobretudo vindas do interior da Bahia, em meados do século XX passaram a morar em Salvador e conseqüentemente também em Itapuã, em busca de melhores condições de vida. A confluência destes dos saberes da natureza, as relações de solidariedade, o compartilhamento das mesmas crenças e tradições gerada entre estes novos moradores, em sua maioria pretos vindo do interior da Bahia, com os

Itapuãzeiros possibilitou que as práticas locais se mantivessem. Construíram fortes relações nesta terra em que em um primeiro momento eram estrangeiras.

2.1.3 O veraneio e o trabalho em Itapuã

Desde o tempo de criança
Eu veraneava em Itapuã
Hoje moro nesta terra
Entrego a Deus o amanhã
(...)⁵
(SANTOS, 2016)

Durante o verão do ano de 1957, esta família que minha avó trabalhava, se hospedaram em uma casa na Rua Olhos D'água e passaram um final de semana veraneando pelas praias de Itapuã. Foi neste momento, com seus 12 anos de idade, que a minha avó Maria teve o primeiro contato com este território. Ela veio neste momento a trabalho, para poder cuidar das crianças dessa família.

A região costeira ao norte de Salvador se manteve com baixas ocupações territoriais, até os anos de 1930. As concentrações de habitações se localizavam próximas às armações pesqueiras do Rio Vermelho, Amaralina, Pituba, Boca do Rio e em Itapuã. Com a construção de conjuntos habitacionais em Amaralina e a intensificação do processo de urbanização, a partir de 1950 começou haver um movimento mais intenso de veranistas em regiões que ficam mais afastadas do Rio Vermelho, que incluía também a Vila de Pescadores de Itapuã. (GANDON, 2018, pg. 59)

A Vila de Pescadores de Itapuã até a primeira metade do século XX, tinha sua paisagem marcada por suas praias de águas tranquilas, a costa repleta de coqueiros, as lagoas, as diversas dunas de areia branca junto ao dinâmica diária vivenciada por seus moradores, se diferenciavam do ritmo de uma cidade moderna, que predominava nas áreas centrais de Salvador. Atraindo veranistas a passar estadias de finais de semana e até meses, durante o período do verão.

No início deste movimento do veraneio em Itapuã, artistas de outras localidades passaram a frequentar a região, em busca de referências para as suas composições. Artistas como Dorival Caymmi e Vinicius de Moraes, produziram canções inspiradas no cotidiano dos moradores afro indígenas desta antiga vila de pescadores, que se tornaram famosas tanto no âmbito nacional, quanto internacional. As práticas da pesca, os mitos que estavam presentes no

⁵ Canção Passado e Presente – As Ganhadeiras de Itapuã. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Qu-KtL9D1fM&ab_channel=CoaxodoSapo .

imaginário dos moradores, a paisagem das areias brancas, suas lagoas e a calma das praias de Itapuã, passam a através dessas produções a fazer parte do imaginário por muitas pessoas, despertando em muitas o desejo de veranear nesta região "paradisíaca".

Figura 19 - Dorival Caymmi e seus amigos em Itapuã no ano de 1935



Fonte: Instituto Antonio Carlos Jobim. Acervo Iconográfico Dorival Caymmi.

A família que a minha avó Maria trabalhava, gostou de passar o veraneio em Itapuã. Porém, a dificuldade para realizar o deslocamento em virtude da distância entre a região que eles moravam no centro da cidade e Itapuã era um empecilho para que eles pudessem veranear com mais frequência pela região.

Até os dias de hoje, as pessoas mais velhas de minha família chamam o centro histórico e administrativo de Salvador de “cidade”. Apesar de crescer tendo esta referência, só agora com o desenvolvimento desta pesquisa consegui compreender que de fato, o território de Itapuã até pouco tempo atrás não fazia parte dos limites da cidade de Salvador

Na conversa realizada com o Adroaldo, ele relatou sobre a dificuldade que havia para se deslocar do bairro para as outras localidades de Salvador quando a sua mãe passou a morar em Itapuã durante os anos da década de 1940. O território de Itapuã se encontra localizado a aproximadamente 30 quilômetros do centro antigo de Salvador e passou por longos períodos de isolamento das demais áreas da cidade por não possuir estradas que contribuísse com os deslocamentos.

Tania Risério Gandon em seu livro “A Voz de Itapuã” (2018, p. 51-62), apresenta considerações importantes que nos ajudam a entender sobre as vias que passam a integrar Itapuã às demais localidades de Salvador. Segundo Gandon (2018), o deslocamento para Itapuã era feito em embarcações pelo mar, de cavalo ou a pé por um caminho pela orla, que passava por uma ponte construída sobre o Rio Jaguaribe no período imperial. Durante os anos iniciais

do século XX esta ponte desabou, dificultando a travessia. Podendo ser realizada apenas nos momentos que a maré estava baixa, como aponta o registro da fala de Hildegardes Vianna:

Itapuã era longe. A distância grande e o transporte difícil. Quem tinha uma boa montada viajava com a fresca da madrugada. Antes das nove horas chegava ao centro. Mas existia o rio. O rio quando enchia não facilitava a passagem. O mesmo rio que se tornou um grande entrave quando surgiu o automóvel.

O automóvel, que rodava para Itapuã sobre a areia endurecida pela água salgada, empacava quando o rio estava cheio. Quando não empacava atolava na areia fofa. Era uma luta para suspender o automóvel com ajuda das palhas dos coqueiros. Havia um caminho para dentro, semi-intransponível, com um lamaçal areento que era uma delícia para derrapar. (GANDON, 2016, p. 52)

A possibilidade de transporte de minha avó junto a esta família até Itapuã, através desta pista, ainda em uma situação precária, é o reflexo do início da intensificação da influência de relações políticas externas que contribuíram para a inclusão de valores éticos-estéticos do capitalismo industrial a partir da segunda metade do século XX, que contribuíram para mudanças significativas as cidades do Brasil incluindo Salvador, e por consequência Itapuã.

Este fator é uma das consequências da industrialização iniciada na Europa ainda no século XIII, que estimulou o aparecimento de novos parques industriais e a busca por fontes de matéria-prima com menor curso. Possibilitando assim a ampliação de seus mercados e consequentemente o aumento do acúmulo de renda das grandes potências deste continente. Este processo conhecido como Neocolonização (LUZ, 2012, p.97), se diferenciava da colonização do século XVI, pois além de explorar as regiões fornecedoras de matéria-prima, estimulava a criação de mercado consumo nestas regiões. De maneira geral, o cenário mundial do século XX, foi marcado pela intensificação das disputas políticas em torno do domínio dos grandes monopólios. A Segunda Guerra Mundial ocorreu entre 1 de setembro de 1939 e 2 de setembro de 1945, foi o fator fundamental destes conflitos. Narcimária, constrói colocações importantes relacionadas à esta questão:

“Essa ordem espaciotemporal urbano-industrial caracteriza-se pelas tentativas de simulação de realidade e nisso, investe em interpretações sobredeterminadas pela cartográfica, demarcações fronteiriças, mapeamentos, desordenamentos e ordenamentos territoriais, enfim: a reterritorialização do espaço-tempo através de novos meios de controle e gestão tecnoburocrática da vida social. (LUZ, 2012, p. 97).

O processo de expansão Neocolonial passa a agir em Itapuã, a partir do surgimento de acordos econômicos entre o Brasil e os Estados Unidos, promovendo em nosso país, a intensificação das ações da indústria automobilística, tendo como consequência a imposição de diversos valores à população brasileira e mudanças urbanas significativas. Segundo (LUZ, 2012, pg. 104), com a instalação da Ford em 1919 e da General Motors em 1923, a indústria automobilística induziu a criação de projetos políticos que contribuíram para a expansão de estradas e de urbanização. “O automóvel americano irá protagonizar o surgimento de muitas

rodovias, avenidas, vales, bairros, áreas de veraneio, loteamentos privados, condomínios fechados, constituindo-se nesse contexto como um indicador de classe social.”

Otávio Mangabeira, durante o seu governo do estado (1947 a 1951), assumindo as metas pós-guerras americanas, passa a realizar projetos de urbanização na Bahia. (LUZ, 2012, pg. 104). O Escritório do Plano de Urbanização da Cidade do Salvador - EPUCS, influenciado pelas demandas urbano-industriais norte-américas, em que previa a criação de vias de acesso para interligar localidades afastadas dos centros das cidades e a criação de novos espaços voltados para o uso residencial. Dentre os diversos elementos que compõem este estudo, destaca-se a criação de novas vias de acessos para Salvador. (LUZ, 2012, pg. 105)

Apesar das propostas do EPUCUS não terem sido totalmente implementadas na cidade, alguns produtos deste plano foram aplicados. Dentre eles o Decreto-Lei n.º 701/1948 que regulamenta o “Loteamento, Parcelamento e Uso do Solo”, que impulsionou a implantação de loteamentos em diversas áreas de Salvador, inclusive na Orla Atlântica. O caminho conhecido atualmente como “Estrada Velha do Aeroporto”, foi primeira estrada construída, durante a década de 1920, que ligava Itapuã às demais localidades de Salvador, com o intuito de possibilitar a distribuição de combustível ao Aeroporto dos Franceses, como era denominado no momento o aeroporto da capital baiana. O Brasil, por ser um país aliado dos americanos, durante o período da Segunda Guerra Mundial implantou bases terrestres em diversos pontos do litoral para a realização de deslocamentos transatlânticos de aeronaves. Em 5 de novembro de 1942 passa a ser construída a Base Aérea de Salvador. Com isto, esta estrada foi pavimentada e alargada pelos americanos que passaram a ter o controle da base aérea militar nesta região. (LUZ, 2012, p. 107)

Em 1955, o então aeroporto de Santo Amaro de Ipitanga passou a ter o nome de Dois de Julho, em referência à independência da Bahia. Junto com as reformas deste aeroporto, ocorreu em 1956 a implantação da Vila Militar da Aeronáutica em Itapuã, composta inicialmente por 350 casas. (LUZ, 2012, p. 107). Ainda durante este período, em meados da década de 1950, com o objetivo de criar uma ligação entre Itapuã e Amaralina, ocorre a construção da avenida litorânea, denominada Avenida Otávio Mangabeira, em homenagem ao ex-governador do estado da Bahia sendo fator de indução da expansão urbana gradual ao longo da Orla Atlântica incluindo Itapuã. Na Figura 20, podemos ver um dos trechos desta pista no ano de 1952.

Figura 20 - Trecho da primeira pista construída na orla de Itapuã em 1952



Fonte: Instagram Amo Histórias de Salvador - fotógrafo José Nunes Neto.

Apesar da Avenida Octávio Mangabeira possibilitar o deslocamento entre Itapuã com as demais áreas de Salvador, trafegar por ela ainda era complicado. Este fator influenciou a família para a qual minha avó trabalhava na época, em alugar a mesma casa no verão do ano seguinte em 1958. Porém, nessa ocasião passaram dois meses. Neste período, antes da implantação dos hotéis, muitas casas além de serem a moradia dos nativos de Itapuã, eram também espaços de sociabilidade para os veranistas. Famílias que possuíam cômodos extra ou até mesmo casas menores dentro de seus lotes, alugavam para as pessoas que não eram da região e vinham passar tempos neste vilarejo.

O veraneio é uma coisa muito forte (...) se você tinha uma casa, você fazia um quarto no fundo e alugava. Com isso você prestava serviço aos moradores, fazia comida, lavava roupa, então o veraneio ajudou muitas pessoas. (Fragmento da entrevista concedida por José Souza, morador do bairro de Itapuã, em 20 de maio de 2019)

Foi nesse movimento da sociabilidade nas casas dos nativos que em 1958, no ano seguinte ao ano que a minha avó veio a trabalho para esta família, que foram passar mais um período de férias. Lá ela conheceu o meu avô Crispim. Esta casa era de um primo de meu avô, chamado Cosminho que até os dias de hoje ainda mora no mesmo lugar. Nesta época o meu avô Crispim trabalhava como pedreiro e era o responsável em fazer as manutenções da casa de seu primo. Alguns dias depois, ainda neste mesmo ano de 1958, os meus avós se casaram. A minha avó Maria deixou de trabalhar para a família Magalhães, passando a morar definitivamente em Itapuã, recomeçando uma vida nova com apenas 13 anos de idade.

2.1.4 Dinâmicas guiadas pelo mar e pelas pedras

Muito antes do período em que a minha avó passa a morar em Itapuã, as dinâmicas deste território já se caracterizavam pela forte presença da continuidade histórica dos modos civilizatórios africanos. Neste sentido a compreensão e experimentação de espaço-tempo, está vinculada também às tradições ancestrais. Vale destacar que: “(...) a organização societal de Itapuã está profundamente permeada pela religião africana, não só pela constituição institucional, mas porque os espaços sociais onde se dinamizam as relações interpessoais e intergrupais são assentados nos valores sagrados da tradição.” (LUZ, 2012, p. 137). Neste sentido é importante destacar relações socioespaciais e as as cosmovisões presentes estabelecidas com as águas salgadas do mar.

Para iniciar esta investigação destaco a estátua da Sereia de Itapuã, construída em aço carbono no ano de 1958 pelo artista Mário Cravo em homenagem à reverência que os pescadores e os demais moradores possuem com a mãe das águas. Este monumento que atualmente se encontra sobre uma pedra, é um dos marcadores de limites do bairro e um dos principais símbolos deste território. É importante destacar que:

(...) a escultura da sereia aparece como um ininterrupto de um outro modo de vida que transcende o produtivíssimo, já que comunica toda a riqueza de linguagens que emanam da relação mítica da comunalidade com o mar e as águas doces. (LUZ, 2012, p. 108)

Figura 21 - Monumento da Sereia na década de 1960



Fonte: Grupo do Facebook Principado de Itapuã. Autor desconhecido.

Na cultura Afrobrasileira Yemanjá é a rainha do mar, que controla as marés revoltadas e as marés mansas, tem sobre o seu domínio o destino daqueles que entram no mar, o seu império. Sob a benção da mãe das águas salgadas, os Itapuanzeiros mantêm e reformulam através dos tempos na “Praia da Sereia” técnicas de seus antepassados.

Figura 22 - Escultura atual da Sereia de Itapuã



Fonte: Acervo do autor (2021).

Outro elemento importante da paisagem é a Pedra Itapuã. Localizada na costa da região ainda nos dias de hoje, é marco ancestral, que carrega através dos tempos o nome deste bairro e aponta para a presença dos povos originários tupinambás que habitavam este território. Itapuã, é uma palavra de origem tupi-guarani remete ao ita, que significa pedra, e o puã que tem o significado de gemido, ronco. Podemos encontrar também outra tradução, que remete a palavra Itapuã a rochedo redondo que emerge de sua cabeça para fora da margem do mar. (SAMPAIO, 1997, p.259)

Figura 23 - Uma parte dos rochedos que checam as praias de Itapuã. Pedra que Ronca do fundo



Fonte: Acervo do autor (2021).

O tupi-guarani é uma corrente linguística, que reúne diversos povos, a exemplo dos tupinambás, tamoios, tupiniquins, caetés, tabajaras dentre outros, que já habitavam a América do Sul antes do processo de invasão dos europeus. (SAMPAIO, 1987). No Brasil os tupis, habitavam toda a região litorânea brasileira. Vale destacar a sistematização de muitos dos nomes dados aos povos originários, se deu por grupos externos durante o processo de colonização das Américas, por tanto a nomeação dada aos indígenas não define exatamente a classificação étnica.

Os tupinambás, é um dos membros do grupo que compõem os tupis-guaranis. População que predominava sobre a região que atualmente se estende do Rio Amazonas, passando pelo Recôncavo da Bahia, pela voz do rio São Francisco, seguindo até ao litoral norte de São Paulo. Esta informação reforça, portanto, que a região que Itapuã se localiza, dentro deste território que foi habitado antes da invasão dos europeus, pelos povos originários tupinambás.

No processo de colonização das Américas e a imposição do processo de ordenamento, a terra deixou de ser um bem comum, o que interferiu diretamente no modo de viver já estabelecido pelos Tupinambás. Os estudos de Azevedo (1969) sobre o povoamento da cidade de Salvador, indicam que antes do início do processo de colonização feita pelos portugueses, os franceses já haviam estabelecido aldeamentos e vários pontos da costa brasileira, sendo um destes localizado na região do território de Itapuã. Azevedo, apresenta ainda que em 1503, ocorreu um ataque promovido por uma esquadria Portuguesa a um navio francês que estava realizando escambo de pau-brasil com os povos originários. Após o combate os franceses que resistiram, seguiram rumo a Itapuã e em seguida voltaram ao seu país.

Segundo alguns registros oficiais o primeiro contato feito pelos portugueses ao território brasileiro, ocorreu na região onde atualmente se localiza a cidade de Salvador, no dia 1º de novembro de 1501, em virtude de uma expedição vinda de Portugal com o objetivo de reconhecer a mais nova conquista da Coroa. O marco de pedra implantado por estes novos habitantes, onde atualmente encontramos o farol de Santo Antônio da Barra, além de ser o símbolo da incorporação deste território aos patrimônios de Portugal, é a representação do início dos processos de grandes transformações neste território dos povos originários.

Dom João III em 1530 realiza a expedição Martin Afonso de Souza estabelecendo em seguida o sistema de Capitânicas hereditárias, com o objetivo de instalar núcleos permanentes de populações na costa atlântica brasileira. Em 1534, foi doado a Capitania da Bahia ao Pereira Coutinho, que estabeleceu em 1536 a vila na Barra.

Faço esta ressalva sobre o processo de colonização, para destacar que os portugueses não fizeram acordos amigáveis com os povos originários que já ocupavam o Brasil, como

muitas bibliografias indicam. A instalação das capitânicas hereditárias promoveu diversos enfrentamentos entre portugueses e indígenas que resistiam ao processo imposto de colonização. Em 1538, após o embate promovido pelos Tupinambás, a Vila do Pereira foi destruída e o Francisco Pereira Coutinho foi morto.

Há registros escritos do século XVI, que apontam para a presença de uma aldeia indígena, habitada por Tupinambás na região de Itapuã, localizando-se às margens do extinto Rio Tarari, região que atualmente encontramos o Colégio Governador Lomanto Júnior. Com o fracasso das Capitânicas Hereditárias, em 1548 o rei de Portugal Dom Pedro III, nomeou Thomé de Souza como Governador do Brasil e determinou a construção da cidade fortaleza de Salvador, para ser a capital do Brasil. Ainda durante o século XVI, durante os primeiros anos da colonização, a primeira ocupação feita pelos homens brancos no território de Itapuã, ocorreu com a construção de um sobrado próximo a esta aldeia dos Tupinambás, com a finalidade de criar um ponto fortificado para a observação dos navios que se aproximavam, evitando assim que ocorressem outras invasões pela costa. (SALVADOR, 1977, p.5)

Com o processo de colonização, toda a extensão do litoral Brasileiro, se tornou espaço voltado para a exploração e abastecimento do mercado neocolonial. A localidade do bairro de Itapuã foi uma das primeiras doações de sesmeiras do Brasil, tornando-se território da população de Salvador em 1552, devido a decisão de Tomé de Souza e do conselho de Casa de Vereação. A Casa do município passou a ter a posse desde a localidade do atual bairro do Rio Vermelho até as margens do rio Joanes, localizado ao norte de Salvador. (SILVA, 1993, p. 117). Assim além de estarem próximos ao casebre fortificado do Morro do Vigia, este fator impulsionou a vinda e instalação de colonos na região da atual Praça Dorival Caymmi, que passaram a movimentar a renda local através da carpintaria naval, pesca da baleia e da marcenaria. (SALVADOR, 1977, p.5)

Com o processo de colonização europeia, os tupinambás e as demais tribos que habitavam as américas foram submetidas às lógicas coloniais. Narcimária Luz (2012), aponta as estatísticas do acervo colonial, no qual consta que durante a missão de evangelização dos Jesuítas, houve a conversão no estado da Bahia 40.000 tupinambás E que entre os séculos XVI e XVII, os tupinambás chegaram a ser somente cerca de 10.000 em virtude das políticas genocidas da colonização.

Maestri (1993, p. 61), aponta que o primeiro confronto realizado pelos indígenas que já habitavam as terras da Bahia contra a colônia portuguesa, ocorreu em maio de 1555. Durante o dia 26, aproximadamente 50 tupinambás da aldeia identificada como Porta Grande atacaram um engenho que ficava próximo, reivindicando aldeia que havia sido ocupada. Uma semana

depois, uma tropa sob o comando de Álvaro da Costa seguiu rumo a Itapuã e promoveu a “Guerra de Itapuã”, um violento combate realizado contra os tupinambás. Apesar dos indígenas estarem em um maior número e protegidos por trincheiras e uma grande cerca, os militares possuíam armamento de fogo. Após a cerca se romper, os tupinambás que estavam em combate foram expulsos do campo de batalha, perseguidos e executados. Em poucos dias, os portugueses destruíram três aldeias que ficavam nas redondezas da cidade fortaleza de Salvador, expulsando, escravizando, matando aproximadamente três mil indígenas que habitavam estes territórios.

Este fato indica o momento que a tribo dos indígenas Tupinambás de Itapuã foi aniquilada. A ausência da presença de descendentes dessa população neste território, junto a ausência de indícios oficiais que reconheçam a real localização desta tribo atualmente, aponta para a brutalidade do processo genocida imposto as pessoas que habitavam não só essa região, mas em toda a extensão das américas muito antes das colonizações.

Através da foto aérea da região do bairro, produzida em 1950 pela empresa Serviços Aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul S.A., para o Município de Salvador, podemos identificar dois rios próximos a provável localidade dessa extinta tribo dos Tupinambás de Itapuã. Até o início das obras de requalificação da Orla de Itapuã em 2013, ainda era possível ver esses rios desaguando no mar. Entretanto ambos passaram por um processo de canalização e em suas fozes, passaram a ser Estações Elevatórias de Esgoto produzidas EMBASA.

Figura 24 - Tubulação de escoamento emergia de uma das Estações Elevatórias de Esgoto



Fonte: Acervo do autor. (2020)

Figura 25 - Vestígios da localização da antiga vila dos Tupinambás em Itapuã

- 01 - Pedra Itapuã
- 02 - Antigos rios
- 03 - Morro do Vigia
- 04 - Lagoa do Abaeté
- 05 - Localização atual do Colégio Lomanto Júnior
- 06 - Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Itapuã



Fonte: Município de Salvador (1950). Adaptação do autor.

Atualmente, dentre as dunas que compõem a Área de Proteção Ambiental das Lagoas e Dunas do Abaeté, localizada em Itapuã, também nas imediações do Colégio Lomanto Júnior, encontramos o Morro do Vigia, um dos pontos mais altos da região costeira de Itapuã que fica há aproximadamente 40 metros de altura acima da linha do mar. Segundo alguns moradores, este é o morro onde havia o mirante instalado para a observação de baleias e embarcações.

Figura 26 - Morro do Vigia na década de 1960



Fonte: Grupo Facebook principado de Itapuã / Autor desconhecido.

É bem sintomático que o Centro Social Paroquial Monteiro Mario Rebuffoni e a Casa Betânia que moram umas Freiras, ambas voltadas para atender as atividades da Igreja Católica, fiquem nesta região próxima ao Colégio Governador Lomanto Júnior, local citado como referência da presença Tupinambá. Outro ponto interessante é que nas imediações ao colégio também possui uma casa com um muro de arrimo na fachada externa e outras partes de sua construção semelhantes aos fortes antigos da cidade de Salvador. Além disto, ainda contém em sua fachada a seguinte inscrição – Morro do Vigia. O que nos leva a remeter ao antigo casebre, instalado para a vigilância da costa citado anteriormente.

Em das conversas realizadas com Manoel Souza ao longo da pesquisa, ele destacou um termo que é utilizado com frequência principalmente pelos moradores mais antigos de Itapuã, “a maré está no osso”, expressão utilizada para se referir aos períodos que o mar está vazante. Essa referência surge do fato que ocorria até as últimas décadas do século XX, nos momentos que o mar estava com seus níveis mais baixos, era possível encontrar em alguns trechos da praia de Itapuã os ossos das baleias que acabam encalhando na região.

Isto não ocorre mais, porém é possível ver os ossos das baleias no Cemitério das baleias, localizado próximo à Colônia de Pescadores Z-06, alguns moradores também guardam em suas casas, estes ossos como uma maneira de preservar a memória do momento em que as baleias ainda podiam ser vistas da costa da região com mais frequência.

Figura 27 - Vestígio do cemitério dos ossos das baleias



Fonte: Acervo do autor (2021).

Outro vestígio importante é a Festa da Baleia, que se inicia com a apresentação de uma réplica confeccionada de um filhote da baleia no sábado de Carnaval, onde a baleia chega de barco pelo mar e se inicia um cortejo conduzido pelos pescadores locais até um local onde ficará exposto. Na Quarta-feira de Cinzas a baleia é conduzida novamente ao mar por um cortejo.

Figura 28 - Cortejo da Baleia durante a Lavagem de Itapuã em 2020



Fonte: Acervo do autor (2020).

Durante o século XIX, a Vila de Itapuã devido às suas armações de pesca de baleia e fazendas era considerada como zona rural da cidade de Salvador, tendo, portanto, uma configuração do espaço ocupado distinto da maioria das áreas que possuíam características urbanas na cidade de Salvador.

O Brasil na primeira metade do século XIX, é marcada pelo aumento da população de africanos que vinham para o país, para sustentar a produção dos engenhos de açúcar e pelas diversas revoltas promovidas por estes escravizados. Neste período, a maioria dos africanos traficados para a Bahia eram da Nigéria e do Benin, tendo diversas etnias, dentre elas os haussás deixam uma marca importante nos eventos ocorridos nas armações pesqueiras da região de Itapuã.

No período colonial e imperial, além da agricultura e da exportação de açúcar, na Bahia a pesca já era uma alternativa de atividades econômicas. Gandon (2018) apresenta que a vila de Itapuã, fazia parte dos engenhos da cidade de Salvador, que se localizavam em regiões próximas a rios e ao mar e possuíam embarcações que além de serem utilizadas para o deslocamento de mercadoria, serviam também para a realização da pesca.

Em Itapuã e em regiões costeiras vizinhas, durante este período os africanos e afrodescendentes escravizados também eram a mão de obra que realizava a pesca, além dos homens livres com baixo poder monetário que moravam nas proximidades e realizavam esta atividade como uma maneira de subsistência. Muitos dos africanos que foram escravizados e vieram para o Brasil, já possuíam habilidades relacionadas a pesca e a navegação em embarcações diversas, realizadas tanto em rios, quanto pelo mar nos seus territórios de origem, onde o pescado, era na grande maioria a base da alimentação local. (GANDON, 2018)

A intensificação da caça às baleias no século XVII, é um dos processos que caracteriza a expansão do mercado colonial, ocorridos também em Itapuã, sendo uma das primeiras atividades econômicas de grande impacto na região. A instalação dos primeiros estabelecimentos para a pesca e a fabricação do óleo de baleia, ocorreu com o apoio do governo colonial, com a concessão do alvará para a realização da atividade por dez anos aos biscainhos Pêro de Urecha e a Julião Miguel.

Diogo Botelho no governo Geral do Brasil, promoveu a vinda do capitão Pêro de Urecha e Julião Miguel, junto a duas embarcações baleeiras e 50 homens. Estes biscainhos tiveram também a função, dentre estes 10 anos, de passar os conhecimentos sobre a pesca das baleias para os brasileiros e para os africanos escravizados, que assumiram a realização das atividades no fim deste prazo.

A caça das baleias era repleta de muita crueldade. Ao ver o animal, o baleeiro atirava o arpão primeiro no filho, a mãe ao ver o filhote atingido ia em direção a embarcação e neste momento ela era atingida com arpão com o intuito de ser morta. A baleia era arrastada até a praia, onde era destrinchada na areia, onde retiravam a carne, os ossos e o óleo. Onde o óleo extraído era utilizado para como iluminação pública da cidade de Salvador, e em produtos voltados para a construção de fortes etc. Consumiam a carne fresca ou salgada e conservada em barris na alimentação dos escravizados. Estes produtos também foram exportados durante muitos anos para países estrangeiros. A caça às baleias foi uma atividade que rendeu muito lucro aos colonizadores, sendo por muito tempo uma das atividades mais rentáveis da região durante este período.

Em 28 de fevereiro de 1814 as armações pesqueiras de Itapuã, foram o ponto central de um dos maiores levantes de africanos escravizados da Bahia, protagonizado pelos muçulmanos haussás.(SCHWARTZ, 1996). Os haussás, eram os africanos islâmicos que habitavam a região ao norte da Nigéria no interior do Golfo do Benin. Este grupo muçulmano em África, enfrentava diversos conflitos relacionados as disputas territoriais e religiosas, dentre elas a jihad, guerra santa declarada pelos haussás em 1804. Os escravizados pertencentes a este grupo que vinham para o Brasil, possuíam conhecimentos sobre combate e estavam frequentemente envolvidos com as revoltas promovidas pelos escravizados no país.

A escolha estratégica dos haussás pelo dia 28 de fevereiro de 1814, se deu pelo fato de no dia anterior, um domingo ser um momento favorável para que os escravizados pudessem se reunir para organizar os últimos detalhes sem que chamassem atenção, uma vez que era o dia de folga. Na madrugada deste domingo, aproximadamente 200 escravizados haussás iniciaram a rebelião nas armações pesqueiras. (REIS, 2014)

A revolta de 1814 teve início nas armações de Manuel Ignácio da Cunha Menezes, onde os membros do levante assassinaram um dos seus feitores e membros da sua família, atearam fogo nos casebres, nas cordas e redes e em outros equipamentos de trabalho. Logo em seguida, destruíram outras armações de pesca que encontraram no caminho, incendiaram as casas das fazendas e da vila de Itapuã. Após este ataque seguiram para o Recôncavo, seguindo pelas margens do rio Joanes, onde incendiaram mais fazendas e casas.

Ao se aproximarem da Freguesia de Santo Amaro de Ipitanga, sob o comando de Manoel Rocha Lima, soldados da Casa da Torre e moradores de Abrantes, impediram os haussás de prosseguir adiante com seu plano. A batalha final ocorrida nas margens do rio Joanes, em que os haussás lutaram de armas brancas contra soldados armados, não chegou a durar uma hora. Ao todo a Revolta durou aproximadamente nove horas. Muitos dos haussás

foram mortos, outros foram presos. Muitos morreram afogados pelas águas do rio, porém houve outros que se jogaram a fim de cometerem o suicídio, assim como os que se enforcaram nas árvores.

O período entre os séculos XVIII e XIX foi o auge da caça às baleias em Itapuã e na Baía de Todos os Santos, sendo a cachalote a espécie que predominava. (LUZ, 2012, p. 61). A chegada de novas tecnologias de pesca dos barcos a vapor equipados com armas de fogo, empregada sobretudo por estrangeiros que passaram a realizar também a caça às baleias na costa brasileira, foram fortes concorrentes para as embarcações baleeiras à vela que utilizavam arpão. No entender dos pescadores mais velhos de Itapuã este foi o fator que intensificou a caça predatória, levando ao desaparecimento das baleias da costa. (GANDON, 2018, p.196)

Destaco estes diversos eventos para evidenciar que apesar dos conflitos e disputadas que existia também entre africanos e indígenas, a confluência dos saberes destes dois povos influenciou diretamente, mas práticas cotidianas dos moradores de Itapuã relacionadas as águas salgadas. Luz (2012) apresenta que as relações de sociabilidade e o domínio das tecnologias dos tupinambás possuem uma forte ligação com a relação estabelecida com a natureza. Que vão desde as práticas da agricultura, da culinária, as formas de construir nas florestas, os medicamentos produzidos com as ervas, os instrumentos musicais, dentre outros elementos. A compreensão sobre o tempo das marés, ciclos dos animais marinhos, a navegação pelas jangadas feitas a partir de um único tronco e as técnicas sobre a pesca, vem sendo transmitido através das gerações, possibilitando a permanência desta prática pelos pescadores atuais de Itapuã.

Com o processo de extermínio e o afastamento dos indígenas da costa, os africanos e seus descendentes escravizados em Itapuã e nas regiões vizinhas, além das atividades voltadas à agricultura, se tornaram excelentes pescadores de alto-mar, aperfeiçoando seus conhecimentos com embarcações de grande porte e participando diretamente na pesca às baleias. Após o processo de Abolição, os saberes em torno das tarefas da pesca foram a fonte de renda para os escravizados e seus descendentes libertos. O afastamento de Itapuã das demais localidades de Salvador, favoreceu a permanência das características rurais, semelhantes às paisagens da África favorecendo a migração dos recém libertos.

A população de Itapuã manteve até o início do século XX, suas atividades voltadas predominantes para a pesca. Nas armações, além da realização das atividades de pesca, eram também os locais que se construía e reparavam os barcos. Ao longo dos tempos com o fim da caça às baleias, em algumas dessas armações foram instaladas as “redes de armação”, que eram utilizadas inclusive na realização da pesca de xaréu, atividade que durante longos tempos foi

uma das referências de Itapuã. Havia uma frequência maior da pesca em de xaréu em jangadas com redes de armação. Apesar de cada pescador realizar a sua função específica, todo o processo estava vinculado ao trabalho coletivo, fruto dos modos de sociabilidade africano-brasileiras. As redes eram construídas com fios grossos, cordas e chumbo, pelos próprios pescadores e por seus familiares, chegando a demorar cerca de cinco meses para ficarem prontos. A tarefa da pesca contava com aproximadamente 40 pessoas: “um mestre de terra, um mestre do mar, cerca de 20 atadores e 20 para ficar na terra.” (LUZ, 2012, p.169).

A pesca artesanal em Itapuã atualmente ainda utiliza as canoas herdadas tanto da tradição das populações africanas quanto dos indígenas brasileiros, além das lanchas e saveiros, embarcações das regiões mediterrâneas.

Figura 29 - Jangada em Itapuã



Fonte: Grupo do Facebook Principado de Itapuã. Autor desconhecido.

Figura 30 - Uma das canoas utilizadas pelos pescadores locais



Fonte: Acervo do autor (2020).

Itapuã, a partir da primeira década do século XX, passa a ser marcado pela intensificação de imposição de valores externos. Um dos vestígios da paisagem que apontam para este caminho é a implementação do Farol de Itapuã sobre a Pedra Piramboca. Voltando ao exercício da identificação da origem dos nomes, realizada no início deste capítulo, a palavra Piraboca em Tupi-guarani significa peixe duro, ou peixe resistente.

Itapuã, que já fazia parte da cartografia do mercado colonial-mercantilista escravista, vai sendo também gradualmente incluída na cartografia do capitalismo industrial. Apelando para vários meios estratégicos de comunicação para expansão do mercado, os portugueses constroem faróis na baía de Todos os Santos, com o propósito de viabilizar a navegação (...) (LUZ, 2012, p.85)

O estudo “Pharoes: Estudos sobre a iluminação da costa do Brasil”, publicado em Londres no ano de 1968 pelo engenheiro Militar cearense Zozimo Braulio Barroso discutia sobre a falta de iluminação na costa do Brasil e o perigo em navegar devido à presença das pedras. Esta ameaça, que dificulta os deslocamentos pelo mar, foi o fator que impulsionou a construção do Farol de Itapuã.

Zozimo Barroso em 1870, trabalhando na P&W MacLellan, realizando a solicitação do Barão de Cotegipe, que no momento era o Ministro da Marinha, foi o responsável em produzir os projetos para as construções dos faróis no Brasil. Após a autorização da Marinha em 31 de dezembro de 1872, Alcino Baptista Monteiro lavrou o contrato para a implantação do Farol de Itapuã. Tendo Lourenço Eloy Pessoa de Barros, como o engenheiro responsável por fiscalizar e realizar a obra.

Figura 31 - Farol de Itapuã 1873



Fonte: Guia Geográfico Salvador Bahia. Autor desconhecido.

O Farol de Itapuã, inaugurado em 7 de setembro de 1873, foi construído com peças pré-fabricadas pela P & W MacLellan. A sua estrutura, com 21 metros de altura, possui uma base de alvenaria que sustenta a torre troncônica metálica em ferro fundido, pintada na cor roxo-terra e contava com uma luz branca fixa. Teve como principal referência arquitetônica o farol de Morant Point, que fica localizado na Jamaica, projetado pelo Engenheiro estadunidense Alexander Gordon em 1842.

Em 1881, foi construída uma ponte para interligar o quartel que já existia no local com o Farol, para possibilitar que os faroleiros pudessem passar sem riscos durante as marés cheias. Além disso, ele foi pintado nas cores branco e laranja para chamar mais atenção e a casa do faroleiro foi reformada.

Em 1950 o Farol passou a ter as cores branca e vermelha. O seu antigo gradil de ferro que protegia a circulação sobre a ponte que liga atualmente o farol à Vila Naval do Farol de Itapuã, foi substituído por um muro de alvenaria criando um aspecto uniforme com a base de alvenaria e a ponte. O Farol de Itapuã, o quinto farol instalado na Bahia, foi construído em um dos pontos físicos horizontais mais adentro do mar que limita o bairro, sobre a Pedra Piraboca.

Figura 32 - Farol de Itapuã atualmente



Fonte: Acervo do autor (2021).

Este elemento que remete a uma arquitetura bélica, passou a ser adotado até os dias atuais como o símbolo identitário do bairro, sobrepõe às relações ancestrais que os povos originários construíram com este território, ocultando a simbologia do elemento que deu origem ao nome deste local, a Pedra Itapuã. Em paralelo ao período da última reforma realizada na metade do século XX, ocorreu a imposição sobre as lógicas de acúmulos de bens e a produção industrial, passando a exercer influência intensa sobre as dinâmicas cotidianas, transformando drasticamente a paisagem de Itapuã.

Para concluir, preciso destacar que não são só essas pedras que eu apresentei, que guardam vestígios de momentos distintos de Itapuã. Existem outras “ita” neste território, que também protegem a costa e acalmam as águas salgadas das praias da região. Através das falas dos moradores e principalmente da conversa realizada com Adroaldo Lima, que cresceu

brincando nestas pedras, foi possível construir um mapeamento de algumas delas, apresentado na figura 33.

Figura 33 - Mapa dos vestígios das pedras

NOME DAS PEDRAS:

01 - Pedra Itapuã

02 - Pedra da pegada do Sumé/São Tomé

03 - Pedra do monumento da Sereia de Itapuã

04 - Pedra Piramboca e o Farol de Itapuã

05 - Pedra do Sal

06 - Pedra da Goodyear

07 - Pedra do Cabeção

08 - Pedra Itapuã do Meio

09 - Pedra Itapuã Mirim

10 - Pedra do Unhão

11 - Pedra Vermelha



Fonte: Google Maps / Adaptação do autor. (2022)

2.1.5 As casas da vila de pescadores de Itapuã

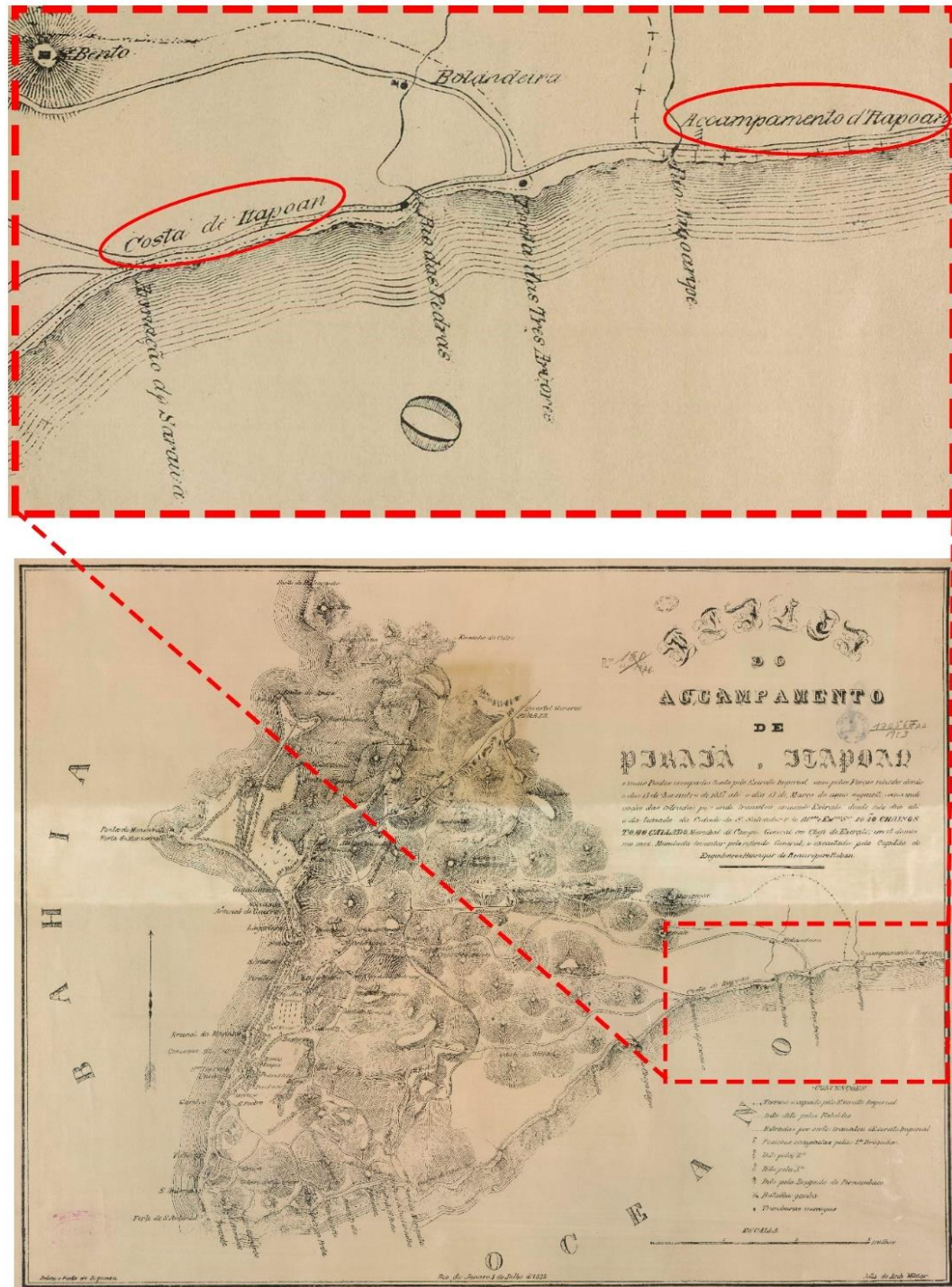
Ana Lurdes Ribeiro da Costa em dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo intitulada Ekabó: Trabalho, Condições de Moradia e Reordenamento Urbano em Salvador no Século XIX (1989), faz uma reflexão sobre como o grande contingente de africanos escravizados que foram trazidos para serem mão de obra do sistema colonial influenciou na organização espacial da cidade de Salvador. Costa (1989) apresenta a partir do século XIX, distinto do ambiente rural, em que havia a predominância de escravizados que não se auto sustentam e moravam sobre o domínio dos senhores das senzalas, os espaços da Salvador que já haviam sido urbanizados passou a se organizar a partir das diferentes formas de moradias, condicionadas pela situação de trabalho, sejam elas de ganho, aluguel ou domésticos, que estes escravizados viviam.

Os anos por volta da metade do século XIX é marcado também pelo declínio do regime escravista no Brasil que se estendia por cerca de três séculos, em virtude do estabelecimento da Lei de 4 de setembro de 1850, que proibia o tráfico de escravos no país. Dando início da predominância ao trabalho livre no país. (COSTA, 1989).

Em contrapartida, no mesmo ano o governo imperial de D. Pedro II, criou a Lei de Terras, que determinava que a partir deste momento as terras não poderiam ser mais concedidas através de doações, a propriedade só poderia ser adquirida mediante a sua compra. O processo de privatização das terras, tornou-se uma ferramenta que tornava inacessível aquisição de terras para maior parte da população negra. (RAMOS, 2013, p. 20).

Segundo Costa (1989, p. 198), a grande maioria dos escravizados libertos no período analisado morava nas regiões periféricas dos antigos limites da cidade de Salvador. Estes indivíduos tinham como principal atividade na lavoura em pequenas roças a pesca como forma de subsistência. As construções das moradias destes libertos eram térreas feitas de taipa ou de pedras que se localizavam em territórios pertencentes à Igreja católica ou aos grandes proprietários particulares. A partir do mapa apresentado na Figura 34 a seguir, é possível localizar onde ficava a Armação do Saraiva, que fica onde atualmente é o bairro de Armação. Fato curioso é que a região denominada como Costa de Itapoan e Acampamento Itapoan ficam fora dos atuais limites do bairro.

Figura 34 - Mapa Acampamento Pirajá a Itapuã



Fonte: Biblioteca Digital Luso Brasileira. Autor/ Criador: Visconde de Rohan/ Henrique Beaupere. (1839)

Ao analisarmos as descrições das armações pesqueiras do Saraiva e do Carimbamba e ao considerarmos que que a mão de obra escrava, nos leva a acreditar que a formação da estrutura das habitações seguia o padrão em que havia a casa grande destinada aos senhores e a senzala onde habitavam os africanos e afrodescendentes escravizados, assim como é apresentado no estudo COSTA (1989, p. 198).

Com o fim da atividade de caça às baleias no século XIX, Itapuã, assim como as demais vilas da costa ao norte de Salvador, passaram a intensificar a pesca de peixes com a técnica de armação. Havia diversas espécies que eram capturadas, porém a região do bairro era conhecida pela puxada de xaréu, devido a abundância de cardumes deste peixe nas águas do mar da região. Em Itapuã assim como nas regiões próximas, havia também a prática da pesca “de linha” realizada em jangadas ou em canoas, pesca com redes simples, dentre outras técnicas

Os primeiros pescadores e os seus descendentes em sua maioria eram africanos escravizados e afrodescendentes livres, que possuíam habilidades específicas para a realização desta atividade e eram responsáveis em cuidar das posses dos proprietários das terras. A forte presença da pesca em Itapuã e a permanência destas moradias se manteve ao longo dos tempos, caracterizava até meados do século XX este território como um dos vilarejos de pesca da cidade de Salvador.

Como foi dito por Dona Francisquinha “Aqui era vila de pescadores, a coisa daqui era o peixe.” (Dona Francisquinha apud GANDON p. 261). A partir da conversa com Adroaldo, foi possível identificar informações sobre as antigas habitações desta vila de pescadores de Itapuã, habitadas pelos descendentes dos antigos pescadores da região. Entre os anos de 1960 e 1970, ele pode vivenciar o cotidiano do bairro quando ainda contava com a presença destas construções. Em sua fala, ele indicou que estas moradias permaneceram instaladas na região da orla, localizadas próximo onde atualmente ainda encontramos a Igreja Católica Nossa Senhora da Conceição de Itapuã. Como podemos ver na Figura 35.

Esse lado dali foi mudado totalmente, ali era casa de pescadores, morava todo mundo ali. Tinha a praça, da praça você atravessava, aí tinha assim uma parte da praia imensa que tinha casinhas mesmo, dos pescadores. Ali mesmo pescava, pendurava os peixes era tipo assim uma aldeia. Aí é você assim, descendo pro lado da praça era ali.

Na frente da praça. Tudo aquilo ali, onde tinha aqueles bares do Jangada, Língua de Prata. Onde hoje tem aqueles bares ali na frente, ali era tudo casa de pescadores. Eu acho que esse pessoal, Dum por exemplo passou a morar na Soronha, todo mundo que saiu dali migrou para a Soronha.

Deixa eu ver aqui. Não ainda não era bar não, isso aqui ainda era casa. - Falar mais sobre a vila de pescadores de Itapuã neste período

Nessa cabaninha que ficava os negócios das canoas. Aqui eram casas que tinham por aqui. E esse pessoal que tinha por aqui, ficava nas ocas que eles faziam para poder amarrar e costurar as redes e tal. Aí ficava todo material de pesca aqui, mas eles moravam próximo aqui, mas para cima. Era assim, como eu estava te falando. (...) Aí já é na sereia, está vendo? Era tudo casa. Aí, pronto! Você está vendo, da sereia pra cá era tudo casas. ((Fragmento da entrevista concedida por Adroaldo Lima, morador do bairro de Itapuã, em 19 de novembro de 2020).

Figura 35 - Praia de Itapuã. Destaque para as casas da antiga vila de pescadores ao fundo na década de 1970



Fonte: Guia Geográfico Salvador Bahia. Autor não identificado.

A partir dessa conversa com Adroaldo Lima, foi possível perceber também que os moradores desta vila vivenciavam uma dinâmica própria, que se dava a partir do vínculo do território em que estas casas estavam implantadas e com as atividades da pesca. A implantação destas moradias próximo ao mar se deu de forma estratégica. A descrição feita por Adroaldo sobre estas construções, cruza com as informações faladas por Dona Amélia, podem ser percebidas na Figura 36 apresentada a seguir. Estes registros revelam as técnicas que predominavam na construção das casas, tendo as paredes feitas de barro e as coberturas de palhas retiradas dos coqueiros, indicando que elas empregavam os recursos que o ambiente disponibiliza. Técnicas herdadas tanto dos ancestrais africanos quanto dos povos originários tupinambás que ocuparam Itapuã em outros tempos.

Eu nasci onde passa o ônibus para o aeroporto, ali era um negócio de um cercado e a gente morava dentro, em uma casa enorme de palha, a família era grande. Era de minha avó a casa. Morava minha avó com a família dela, morava duas tias e minha mãe, tudo nessa casa. Uma casa grande de barro de tapar, cobertura de palha (...)
(Dona Amélia apud GANDON, 2018, p. 272)

Figura 36 - Casas da antiga vila de pescadores de Itapuã, na década de 1960



Fonte: Grupo do Facebook Principado de Itapuã. Autor desconhecido.

Até meados do século XX, além da vila dos pescadores, em Itapuã havia também ocupações no entorno da Paróquia Nossa Senhora da Itapuã, que se iniciou com a vinda dos primeiros colonos ainda no século XVI. Através da Figura 37, podemos identificar que neste momento as demais ocupações passaram a irradiar a partir destas primeiras moradias.

Figura 37 - Foto aérea das primeiras ocupações em Itapuã



Fonte: CONDER. (1959)

A relação com as águas do mar mais uma vez aparece em meio às relações com este território. A formação rochosa que se ergue pelo mar de Itapuã, possibilita que as praias tenham águas tranquilas, fazendo com que atualmente pescadores da região e de localidades próximas atraiam suas pequenas embarcações nos portos naturais do bairro. A proximidade com o Porto de Baixo, Porto do Meio e Porto de Cima, era o que identificava às localidades, antes da nomeação das ruas como conhecemos atualmente, como é possível perceber nas falas de Dona Francisquinha e Dona Niçu, apresentadas abaixo:

Porto de Cima é do Mercado pra lá. O Mercado é no Porto do Meio; ali tinha um riozinho, um riacho - que a gente lavava - , ali na cacimba que dividia Itapuã. A Itapuã dividida aqui, não sabe? Porque as ruas não tinham nome não, menina: “Eu moro no Porto de Cima”, “Eu moro no Porto de Baixo”. (Dona Francisquinha apud GANDON, 2018, p. 247)

Porto de Baixo com Porto de Cima, eles desfaziam um do outro né? Aqui em cima achava que era área dos grã-finos, que a maioria dos veranistas era mais pra cá pra cima; e o pessoal vinha veranear... Você sabe que era todo mundo naquele tempo filhinho de papai, só tinha Doutor Não sei que, Doutor [cita alguns nomes]... tudo pessoal da alta, né? E lá pra baixo tinha veranista; veranista lá era mais assim... mais pobre. Quem ressaía mais para lado de baixo, lá do Porto de Baixo, era Doutor Marback, que morava lá no Porto de Baixo. Eu também morava lá no Porto de Baixo, e outros e outras mais... sempre assim. As famílias mais simples eram do lado do Porto de Baixo e o pessoal mais... do nível mais alto, os ricos, tudo era aqui pra cima, que as casas eram as melhores, né? E lá do Porto de Baixo sempre era inferior. (Dona Niçu apud GANDON, 2018, p. 247-278)

A relação de proximidade com a Paróquia Católica Nossa Senhora da Conceição de Itapuã também era outro elemento que demarcava a localização. Como foi comentado por Manoel, a rua Genebaldo Figueiredo era chamada pelos moradores mais velhos como rua à direita, em referência a direção que se situava na Igreja. Outro fato importante que merece destaque nesta fala é que neste período, esta era a rua principal de Itapuã.

A princípio nós morávamos na Rua Genebaldo Figueiredo, que na época era uma rua paralela a Orla e era a rua principal de Itapuã. É Rua Genebaldo Figueiredo, que fica ali ao Correio, que vai da Praça Dorival Caymmi até a Avenida Dorival Caymmi. (Fragmento da entrevista concedida por José Souza, morador do bairro de Itapuã, em 20 de maio de 2019)

Manoel foi um dos moradores da Rua a Direita, durante a conversa ele apontou para as características das casas que haviam neste local. Fica evidente que apesar de elas não estarem ligadas diretamente com o mar, como era as casas dos pescadores, elas mantinham essa relação, através de uma das fachadas que eram voltadas para a orla.

Bom as casas aqui geralmente elas eram principalmente em minha rua, todas as casas tinham essa forma de um corredor de um lado ao outro na rua, eram cumpridas as casas. Todas as casas ali iam até a orla.

(...)

Rapaz tem muitas memórias, era uma casa que dava a frente para a Genebaldo Figueiredo tinha um corredor e ia até o outro lado que tinha a peixaria de meu avô. Meu avô é um capítulo que a gente tem que falar, João do Peixe. Se você for ali do lado do Shopping Itapuã, tem a rua João do Peixe em homenagem a ele. Ele era um pescador Atador de rede, tinha esse ofício que era o mais caro dentro da pesca, o de atador de rede, que se chamava mestre de tela. Então ele consertava as redes e ele era mestre porque não ia pescar para ter o quinhão, que é a parte da pesca. E com isso ele comprou um jegue, um cachoar, uma corda, comprou peixe na mão dos pescadores aqui de Itapuã e começou a ir vender na Boca do Rio. A partir daí ele começou a lucrar, fez uma peixaria que o estabelecimento está lá até hoje. (Fragmento da entrevista concedida por José Souza, morador do bairro de Itapuã, em 20 de maio de 2019)

Figura 38 - Paróquia Nossa Senhora da Conceição, junto às primeiras ocupações décadas de 20



Fonte: Guia Geográfico Salvador Bahia. Autor não identificado.

As técnicas que predominavam estas casas fazem parte das heranças herdadas dos ancestrais afro-indígenas que habitavam em outros momentos este território. A partir dos relatos orais e dos registros fotográficos, apresentados acima podemos perceber uma forte semelhança entre as antigas casas da vila de pescadores de Itapuã e algumas das habitações das tribos indígenas litorâneas da América do Sul. Ambas moradias se conectam através do domínio e aplicação da tecnologia de palha, possibilitando adaptações às necessidades e às condições ambientais. Ribeiro (1987) apresenta que os diversos grupos indígenas brasileiros utilizam a técnica de armação de peças de madeiras de cipó, para realizar a fixação tanto das estruturas quanto dos revestimentos. Técnica que estavam presentes também nas casas em Itapuã, como podemos ver nas antigas casas da vila de pescadores de Itapuã, presentes nas fotografias de Dorival Caymmi registradas na década de 30 apresentado nas Figuras 39 e 40, e no registro da construção do Terreiro Ibá Faromim feito pela etnógrafa Rautavaara Helinä na década de 60, apresentado na Figura 41.

Figura 39 - Dorival Caymmi e amigas e ruas com casas cobertas de palhas na década de 1930



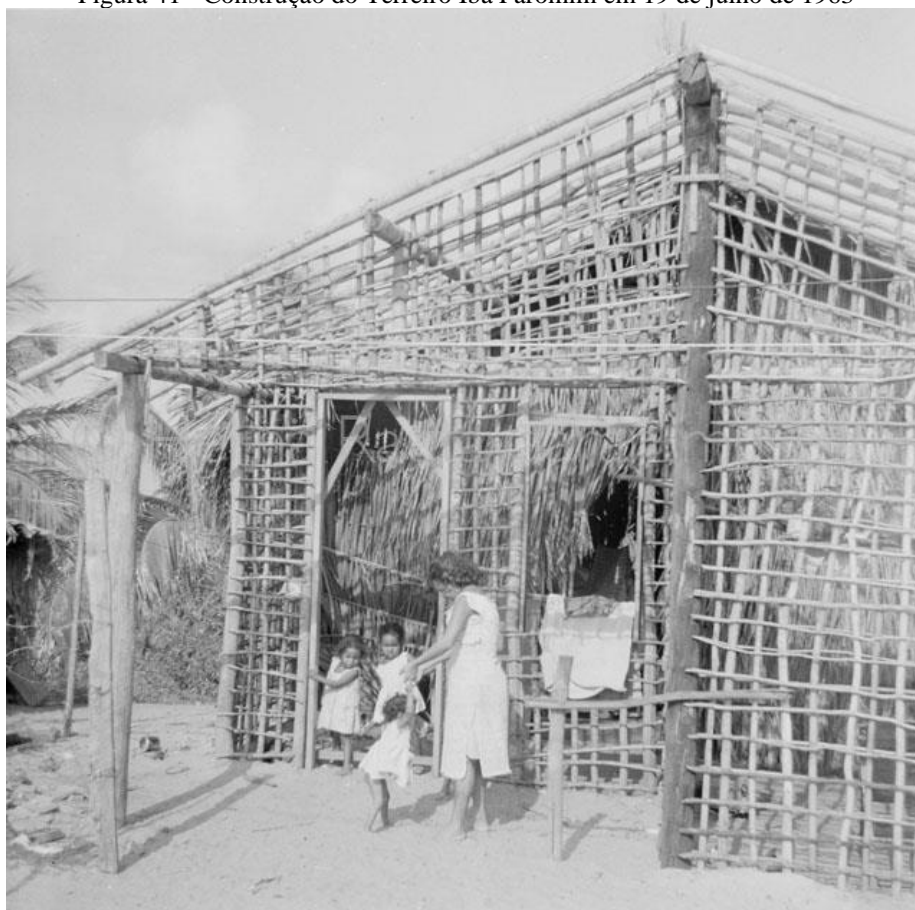
Fonte: Instituto Antonio Carlos Jobim. Acervo Iconográfico Dorival Caymmi.

Figura 40 - Dorival Caymmi e amigos em frente a uma das casas revestidas de palhas na década de 1930



Fonte: Instituto Antonio Carlos Jobim. Acervo Iconográfico Dorival Caymmi.

Figura 41 - Construção do Terreiro Ibá Faromim em 19 de julho de 1963



Fonte: FINNA.FI. Autora Rautavaara Helinä.

Através da Figura 42, conseguimos notar também nas casas a presença da técnica da taipa de sebe, conhecida também como pau a pique, taipa de mão ou taipa de sopapo. Processo construtivo artesanal, produzido por materiais naturais, que consiste também no entrelaçamento de madeiras de cipós, que unidos compõem painéis vazados, que em seguida são preenchidos por terra crua para formar o fechamento das habitações. Além da taipa de pau a pique, a taipa de pilão e o adobe também são técnicas construtivas que empregam a terra crua para fazer os fechamentos das edificações. Ambas foram introduzidas pelos africanos no período colonial e atualmente ainda são utilizadas em algumas regiões do Brasil.

Figura 42 - Dorival Caymmi e amigos a frente de uma das casas de Itapuã construída com técnica de taipa de sopapo na década de 1930



Fonte: Instituto Antonio Carlos Jobim. Acervo Iconográfico Dorival Caymmi.

A única edificação que ainda mantém elementos que remetem às técnicas afro-indígenas, foi o Cantinho da Tina, conhecido também como Bar de Jarbinhas, localizado na Rua do Céu em Itapuã. Em meio a influência de diversas técnicas construtivas modernistas, a utilização de palhas em sua fachada se mantém como ornamento.

Figura 43 - Bar de Jarbinha, localizado na rua do Céu em Itapuã, ainda mantém as palhas nas coberturas



Fonte: Google Maps. (2021)

Como podemos perceber na fala de Manoel de Seu Miguel, em meados do século XX em Itapuã havia também casas com características arquitetônicas semelhantes ao estilo colonial. Apesar de utilizarem também as técnicas de taipa de pilão e pau a pique em suas paredes, se diferenciavam pelo emprego do telhado e das esquadrias.

[...] a maioria das casas era toda coberta de palha, sopapo. Aqui mesmo nesta rua estas casas todas - esse corredor que é só de um lado - era tudo de palha. Não tinha casa de telha, a única casa de telha que tinha só era mesmo na Rua de telha, a única casa de telha que tinha só era mesmo na Rua Direita, não sabe? Até lá ao lado da igreja - é onde chamam Rua Genebaldo Figueiredo - essa era o único corredor de casa de telha que tinha, o mais tudo era de palha. A casa mesmo de meu avô era de telha, era de telha botava o fundo pro mar. Lá foi que eu nasci. Nasci em 1906, em oito de maio de 1906. (Seu Miguel apud GANDON, 2018, p. 240)

Isso. Todas as casas eram assim. O telhado geralmente era uma água, ou duas, a casa de minha avó mesmo era uma água. Depois teve reforma, mas o telhado continuou assim. Geralmente eram telhados assim, ou uma água ou duas águas. Casas simples, agora grandes. Assim como me lembro que tinham casas muito grandes, de pessoas que tinham um nível elevado como a família Simões, que tinham um poder aquisitivo maior as casas eram maiores, mais qualificadas, mais bem-acabadas, o telhado já era diferente, o telhado já tinha duas, três águas. Só depois eu vi entender essa expressão “sem eira nem beira”, os telhados já eram cobertos, mas geralmente as casas eram assim como eu estou falando, eram simples, porém grandes. (Fragmento da entrevista concedida por José Souza, morador do bairro de Itapuã, em 20 de maio de 2019).

Figura 44 - Casas antigas de Itapuã na década de 1930



Fonte: Guia Geográfico Salvador Bahia. Autor não identificado.

Com a construção do mercado municipal o comércio de rua se intensifica na rua da direita. A permanência da forte presença das relações de sociabilidade, possibilitou que as casas desta rua se tornassem ponto de apoio para muitos desses comerciantes que não eram moradores de Itapuã, como foi relatado por José Souza:

(...) era uma casa que dava a frente para a Genebaldo Figueiredo tinha um corredor e ia até o outro lado que tinha a peixaria de meu avô. Meu avô é um capítulo que a gente tem que falar, João do Peixe. Se você for ali do lado do Shopping Itapuã, tem a rua João do Peixe em homenagem a ele. Ele era um pescador Atador de rede, tinha esse ofício que era o mais caro dentro da pesca, o de atador de rede, que se chamava mestre de tela. Então ele consertava as redes e ele era mestre porque não ir pescar para ter o quinhão, que é a parte da pesca. E com isso ele comprou um jegue, um cachoar, uma corda, comprou peixe na mão dos pescadores aqui de Itapuã e começou a ir vender na Boca do Rio. A partir daí ele começou a lucrar, fez uma peixaria que o estabelecimento o espaço está lá até hoje. (Fragmento da entrevista concedida por José Souza, morador do bairro de Itapuã, em 20 de maio de 2019).

Figura 45 - Peixaria São João, que pertencia ao avô de José Souza durante a Lavagem de Itapuã



Fonte: Espelho de Festa - A Tarde/ Cedoc. Autora: Mara Mércia. (20 de janeiro de 1989)

(...) essa peixaria é que tem essa relação, a casa era frente e fundo Genebaldo Figueiredo e Orla. Aquilo era bem diferente, eu passei minha infância praticamente ali, meus primeiros amigos, a questão da pesca que era muito forte, minha avó tinha rede, meu avô tinha rede e eu mesmo que pequeno tomava conta, com 10 anos eu já sabia o que era, já sabia contar peixe, já sabia vender, tratar peixe essas coisas todas. (...) a Feira principal de Itapuã era ali, os mercadores vinham de Catu de Abrantes, Valença, Vilas de Abrantes... Essas pessoas guardavam muitas coisas na casa de minha avó. Guardava seriguela, uva, guardava tomate, cebola.

Dona Maria Isabel, chamava-se Dona Belinha. Minha avó era muito acolhedora, a garagem ficava cheia de coisas, eram caixas e mais caixas. A feira começa na sexta pela tarde, ia para o sábado do dia todo e ia para o domingo pela manhã. Minha maior lembrança é dessa feira, eu conhecia todas as pessoas. Essa feira nova, que fica na Nova Brasília ainda está todo mundo lá, a maioria ainda estão lá. Inclusive quando eu vou lá, as pessoas ainda me conhecem desse tempo mesmo que as pessoas fizeram amizades. (Fragmento da entrevista concedida por José Souza, morador do bairro de Itapuã, em 20 de maio de 2019).

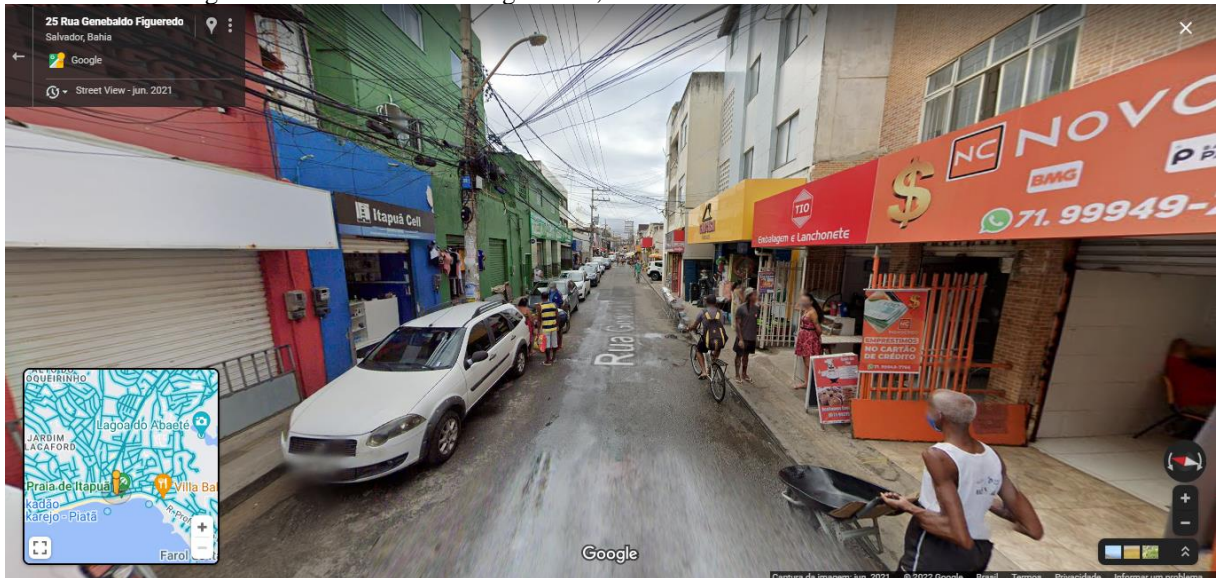
Figura 46 - Mercado Municipal de Itapuã



Fonte: Casa da Música / Autor desconhecido.

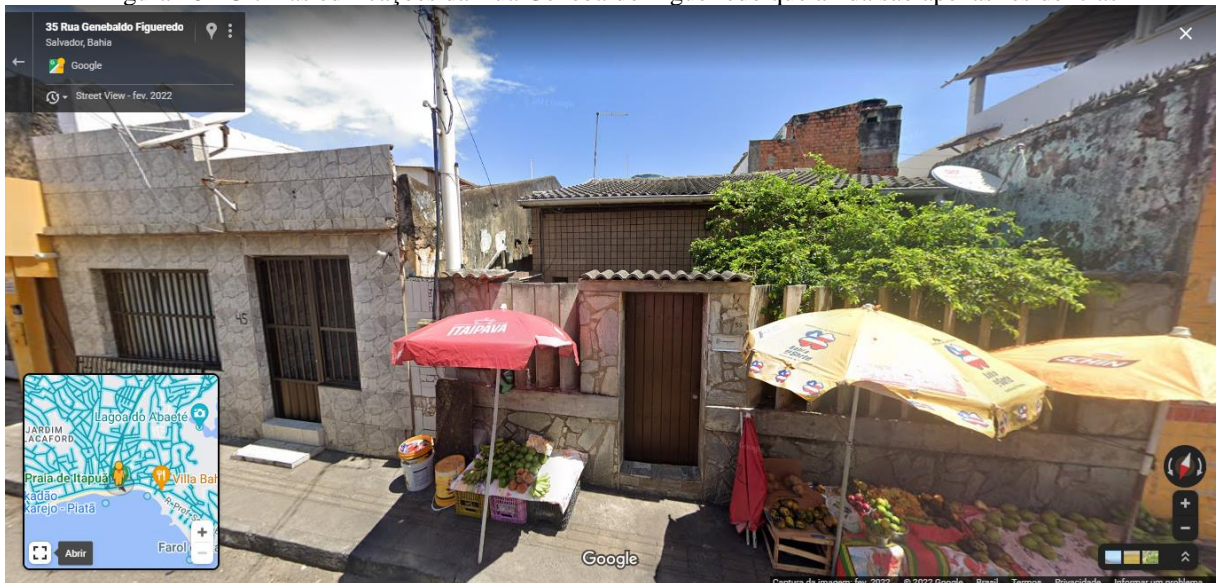
Ao longo dos tempos, a Rua Genebaldo Figueiredo conhecida também como Rua da Direita, como é possível ver na Figura 47, deixou de ter seu uso voltado para residências e se tornou um dos locais que concentram o comércio de Itapuã. No local das eiras e beiras, o que se destacam nas fachadas são os letreiros. As duas casas, apresentadas na Figura 48, apesar de algumas modificações, são as últimas edificações que mantêm apenas como residências, conservando suas as características construtivas iniciais.

Figura 47 - Rua Genebaldo Figueiredo, conhecida também como Rua da Direita



Fonte: Google Maps

Figura 48 - Últimas edificações da Rua Genebaldo Figueiredo que ainda são apenas residências



Fonte: Google Maps

2.1.6 As casas de alvenaria e a intensificação da urbanização

A minha mãe Ednalva, nativa de Itapua, nascida em 1968, ao contrário da minha avó Maria, sempre traz à tona memórias de seu passado. Dentre estas, diversas vezes eu já ouvir a minha mãe contar sobre como o meu avô Crispim, conseguiu construir a segunda casa de sua família, apresentada no trecho abaixo:

Meu pai e minha mãe moravam no Alto da Bela Vista, ali na área do Abaeté. Tiveram sete filhos e moravam em uma casa muito simples de palha. Meu pai trabalhava como pedreiro, um certo dia, um engenheiro da obra que ele trabalhava foi levar ele em casa e pediu um pouco de água para beber. Como na época, ainda era uma casinha de palha, não tinha geladeira e a Coelba ainda não cedia energia elétrica ainda, minha mãe ofereceu para ele uma água de purrão, que é chamado também talha de barro. Aí ele

gostou muito da água, ele disse "pô, essa água é muito gostosa". E mainha ofereceu também um cafezinho, que ele também gostou muito. E com essa humildade da minha mãe ele se sentiu feliz e disse que se lembrou muito da mãe dele, que assim como mainha, era também uma pessoa simples, mas muito cuidadosa com as pessoas. Como ele gostou do tratamento que a minha mãe teve com ele, falou com meu pai assim "Segunda-feira, você vai trazer os materiais para construir uma casa decente, para você sua mulher e os seus filhos." (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, moradora do bairro de Itapuã, em 20 de abril de 2019)

Figura 49 - Primeira casa de Maria em Itapuã na década de 1970



Fonte: Acervo do autor.

E foi assim que aconteceu, ele dando os materiais ajudou meu pai a construir a casa, pediu para que outros pedreiros também fosse lá ajudar a construir a casa que a gente morava. A casa tinha ficado muito bonitinha, o engenheiro deu porta, janela, o portão, as paredes eram amarelo forte, as janelas verde forte e um portão igual esse da varanda azul e de telha.

(...)

A casa era grande, tinha dois quartos, um beco cheio de plantas, um quintal grandão, que tinha que descer uma escada. O banheiro era lá embaixo, de noite tinha que fazer xixi no penico porque ficava tudo escuro. A primeira casa a ter televisão foi a da gente, a casa ficava cheia de gente. Me lembro da novela Selva de Pedra, quando tinha uma cena emocionante ficava todo mundo chorando. A gente lavava roupa no Abaeté, tinha água em casa, mas era costume lavar lá. Lavava com sabão de pedra, com uma bucha de palha de coco que a gente fazia. Botava a roupa para parar, deixava em cima da areia, enquanto isso a gente ficava brincando na areia e na lagoa. Só saía de lá quando

a roupa secava. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, moradora do bairro de Itapuã, em 20 de abril de 2019).

Figura 50 - Croqui da segunda casa de Maria em Itapuã



Fonte: Acervo do autor.

Vale ressaltar que antes da década de 1970, antes de se tornar legalmente um bairro, este Itapuã era considerado como um dos subdistritos de Salvador. Este território se manteve caracterizado pelas relações marítimas, permanecendo autônomo do restante da cidade até meados dos séculos XX. A mudança de minha família da casa de taipa para a casa de alvenaria, ainda no mesmo terreno na Rua Alto do Abaeté, ocorre no período que a região Metropolitana de Salvador passa a fazer parte das metrópoles brasileiras. Neste momento, com a intensificação do processo de urbanização e a imposição dos valores urbano-industriais, através da implementação de projetos urbanísticos na região, ocorreu transformações significativas neste território, que até então era marcado pelas relações afro-indígenas. Neste movimento, as técnicas passaram a ser ferramentas de predominância do ser humano sobre a natureza.

Acreditei durante um longo período, que Itapuã se manteve totalmente fora dos planejamentos urbanos. Entretanto, eu não estava correto. A região contou com uma série de estudos e intervenções realizadas e desenvolvidas pelo poder público. Analisando estes documentos, eu pude reconhecer que muitas das mudanças desta paisagem, narradas pela minha família, estavam atreladas às ideias contidas neste projeto. Retomo estes arquivos, como um

caminho para evidenciar como a população local reinventa suas práticas cotidianas em meio a estas mudanças.

A inclusão de Salvador no circuito turístico, iniciada no final da primeira metade do século XX, não envolveu grandes investimentos públicos e nem trouxe influências externas significativas para Itapuã, os veranistas consumiam os serviços locais oferecidos pelos próprios moradores. Entretanto, durante as décadas de 1960 e 1970, o Estado da Bahia passa a implementar elementos visando promover uma mudança no modelo de desenvolvimento turístico do estado. A estratégia da descentralização da produção industrial brasileira, viabilizou a implantação do Centro Industrial de Aratu, iniciada em 1965 e a criação do Pólo Petroquímico de Camaçari em 1972, gerou milhares de empregos e contribuiu para o aumento populacional. Arelado a estes fatores, ocorreu também a incorporação da cidade de Salvador em 1973 às regiões metropolitanas brasileiras.

A construção de sistemas viários visando criar uma conexão entre a Capital e os pólos industriais, favoreceu também a ligação com os núcleos turísticos litorâneos do estado. Neste momento, atrelado a inserção do setor industrial, se intensificou em todo litoral norte da Bahia o processo de urbanização, voltado para atrair os turistas. Ocorreu uma transformação no modelo de desenvolvimento turístico no estado da Bahia, marcado pelo investimento em grande escala de capital externo por empresas especializadas, sobretudo relacionadas ao ramo de hotelaria. Em virtude disto, a Prefeitura da cidade de Salvador passa a realizar estudos e intervenções urbanas, buscando englobar as atividades turísticas voltadas ao veraneio nas praias da cidade. Incorporando os padrões baseados nos valores norte americanos e europeus, impostos pela lógica urbano-industrial da metropolização, buscando atrair investidores comerciais e imobiliários para potencializar os negócios na região (LUZ, 2012).

Dentre os resultados do EPUCS (1945, Salvador), havia indicações para a implantação de desenvolvimentos na Orla Atlântica de Salvador, entretanto sem muitos aprofundamentos sobre as particularidades da região. Em 1977, a Prefeitura da cidade do Salvador, elabora um estudo denominado “Imagem Ambiental Urbana”, por meio do então Órgão Central de Planejamento (OCEPLAN) e do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PLANDURB). Este estudo surge mediante as preocupações voltadas ao meio ambiente urbano, que eram pautas de diversos debates, inclusive dentro das reuniões do governo desta cidade. Como podemos perceber neste fragmento abaixo do estudo:

"Nesse sentido Salvador, repositório de uma variada gama de expressões culturais apoiada numa acentuada diversificação humana — festas populares, arquitetura-símbolos de épocas passadas, candomblés, linguagem popular etc. —, encontra por certo nessa diversidade as raízes mais fortes de sua condição pouco comum, atrativa e de personalidade peculiar no quadro urbano brasileiro. Isso tudo, aliado a um sítio

físico de variada gama de surpresas e conotações simbólicas, através de seus marcos visuais de referência. E é nesse impacto sensorial do meio ambiente sobre o homem que reside a força maior e o "charme" da Cidade. Noutra sentença, e de causar profundas preocupações a forma como se vem modificando essas qualificações do ambiente urbano, não restando dúvida quanto à crescente deterioração do espaço urbanístico, principalmente à falta de um verdadeiro sentido cultural quanto ao futuro da Cidade, já que o passado carece de proteção sistemática, o presente de controle mais efetivo e o futuro de sentido social mais amplo, por parte das ações privadas e públicas, é preciso, pois, que não se reduza, o concerto de paço cultural" é condição simplista de "Pelourinho", "Praça Municipal", "Mercado Modelo" etc.,mas se elas teça o mesmo ao nível de bairros, das áreas de expansão, enfim, do comprometimento do futuro a partir do que se renova e constrói hoje. (SALVADOR, 1978, I Seminário de Cultura da Cidade do Salvador, promovido pela Prefeitura Municipal em julho de 1975)

Assim, foi desenvolvido um conceito amplo sobre a imagem da cidade de Salvador. Este estudo foi elaborado para ser um Modelo Físico-Territorial, para auxiliar junto à Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo (LOUS), o desenvolvimento de projetos urbanos que possibilitasse um controle efetivo da forma urbana em Salvador. Através do estabelecimento de metas prévias relacionadas à estrutura física, atreladas diretamente ao sistema da vida urbana. Importante destacar dentre as justificativas deste estudo que:

A própria economia da Cidade, ao ser incrementada (dentre outros fatores) de um lado pela vocação turística da área, a de outro pelo mercado imobiliário da construção civil, assegura a crescente necessidade de fixação de critérios os mais explícitos possíveis de ocupação do espaço; para não só preservar os valores socioculturais e a heterogeneidade do sítio, como atender às pressões demográficas do crescimento acelerado. Destaque-se a contradição que o sistema contém: o mercado imobiliário de fins especulativos versus a necessidade (inclusive econômica) de preservar o patrimônio ambiental como insumo das atividades turísticas na área. (SALVADOR, 1978, p. 16)

A Orla Atlântica de Salvador, é apresentada como um vetor de expansão urbana original da cidade. As análises feitas nesta época, indicavam que devido aos altos custos da terra da região da Orla Atlântica, se tornaria inviável a ocupação pelas populações de baixa renda. Dentre as Estratégias de Implantação, a Política 8, previa a elaboração de projetos detalhados nas Áreas de Proteção Rigorosa e da Orla Atlântica Norte, com o objetivo de valorizar estes lugares coletivos da cidade e fortalecer a Imagem de Salvador. Apesar dos grandes esforços para a reunião de diversas informações, não foi possível desenvolver a etapa das propostas gráficas do desenho urbano, devido ao nível de complexidade deste trabalho.

Nesse movimento de expansão urbana em Salvador rumo ao norte, baseada nos padrões urbanos americanos, surgem alguns equipamentos urbanos importantes. Visando interligar os novos setores da cidade, em virtude da descentralização das atividades administrativas e comerciais de Salvador, entre os anos de 1971 e 1974 é implantada a Avenida Luís Viana Filho. Em 1972, se inicia a construção do Centro Administrativo da Bahia (CAB), para abrigar os órgãos do governo do Estado e da União, neste mesmo ano ocorre também a implantação do Shopping Iguatemi e da Estação Rodoviária. (LUZ, 2012, p. 112)

Neste movimento, visando impulsionar o turismo na região da Orla Atlântica de Salvador, interligando o Aeroporto a estas áreas da cidade, ocorreu também o processo de duplicação das pistas da Avenida Octávio Mangabeira. Onde o trecho sentido Aeroporto, em que corta Itapuã ao meio, com a duplicação passa a ser denominada como Avenida Dorival Caymmi. (GANDON, 2018, p. 65).

Figura 51 - Trecho da Avenida Dorival Caymmi, antes do processo de duplicação



Fonte: Grupo do Facebook Principado de Itapuã/ Autor desconhecido.

Figura 52 - Cantor Dorival Caymmi em frente a placa após a conclusão da construção da avenida



Fonte: Grupo do Facebook Principado de Itapuã.

Com a duplicação da Avenida Dorival Caymmi, a Rua Genebaldo Figueiredo deixa de ser a rua principal de Itapuã, ao longo dos tempos os equipamentos essenciais de serviço e comércios passam a se instalar nesta nova via, que permanece até os dias atuais como a rua principal de Itapuã. Nesse movimento de globalização os bancos e o supermercado Unimar, passam a fazer parte do território de Itapuã. Esta intervenção modificou de forma significativa a paisagem deste percurso. Antes do início dessa construção era possível encontrar uma densa vegetação típica da região e alguns montes de areias ao longo deste percurso.

Vale destacar, que é neste período da década de 1970, que Itapuã apesar de ser um dos pólos de atração turística da cidade de Salvador, passa a se consolidar enquanto uma região predominantemente residencial, com um setor comercial próprio, sendo a região da Orla Atlântica com a maior densidade demográfica. (GANDON, 2018, p. 65). Investidores comerciais e imobiliários mobilizados pelas intervenções urbanas realizadas pela prefeitura de Salvador, encontram nesta região um território favorável para a aplicação de capital.

Contrariando a perspectiva do estudo da Imagem de Salvador, entre as décadas de 1970 e 1980, a Orla Atlântica é marcada pelo intenso processo de ocupação. Em 1970, a população de Itapuã era de 10.241 habitantes, já em 1980 atinge 36.251 habitantes ficando com uma taxa de ocupação neste período, correspondente a 8.8%. (CENSO IBGE 1980). Este fator, contribuiu para o aumento do adensamento populacional, produzindo um padrão urbano que não correspondia às finalidades e usos idealizados nos planejamentos anteriores.

O processo de apropriação dos espaços urbanos na Orla Marítima nos últimos anos, bem como o decorrente processo de ocupação e produção urbana, não obstante os aspectos restritivos da legislação incidente, vem gerando um padrão de ambientalização urbana que não responde às finalidades e potencialidades de usos desses aspectos. A ameaça à paisagem natural tem sido uma constante, expressa através de ocupações de áreas inadequadas. Os processos de apropriação do espaço não têm ocorrido de forma compatível com a necessidade de produção de ambiente urbano adequado e socialmente aceitável. (SALVADOR, 1988, p.16)

As propostas de urbanizações voltadas para Itapuã, apesar de indicarem a integração entre o espaço construído com os elementos naturais, mudou expressivamente a paisagem da região. Nesse processo as pistas e os loteamentos regulados vão invadindo as áreas verdes e as dunas, agredindo e desconfigurando o ecossistema natural. A população local que já habitava, sobretudo as ocupações iniciais próximas da praia, não foi englobada, a grande maioria da população que não foi removida acabou se mudando. Luz aponta que:

Nesse processo de urbanização, os pescadores, as lavadeiras, as ganhadeiras, iam se desfazendo das suas casas, vendendo, alugando para veraneio para algum sustento, pois o modo de vida urbano que se instalava pelas políticas de expansão do mercado capitalista e suas perspectivas espaciotemporais consumistas iam sugando as elaborações do viver cotidiano da comunidade africano-brasileira em Itapuã. (LUZ, 2012, p. 110)

Assim, em meio a este processo da implantação de setorização no bairro, visando implantar uma área destinada a recreação e ao lazer que entre o final da década de 70 e início de 80, ocorreu a construção de barracas ao longo da Octávio Mangabeira. Esta intervenção, que visava atender as pessoas que utilizavam a praia, acarretou na rememoração das casas da antiga vila de pescadores que ficavam próximas ao mar.

A minha avó Maria começou a trabalhar como baiana de acarajé no trecho da praia conhecido como Placaford, antes da inauguração desta intervenção. Em uma de nossas conversas, ela relatou sobre este momento e se recordou sobre a permanência de muitos elementos que faziam parte das antigas habitações.

Maria - Foi. Ali era um barreiro, não sei nem te dizer como era ali. Ali morava gente, parecia uma vila, ali tinha cercado de arame, tinha boi, tinha vaca, galinha...

Gustavo - Ali em Placaford?

Maria - Ali onde tem um bocado de Espada de Ogum, ali era um terreiro de Candomblé.

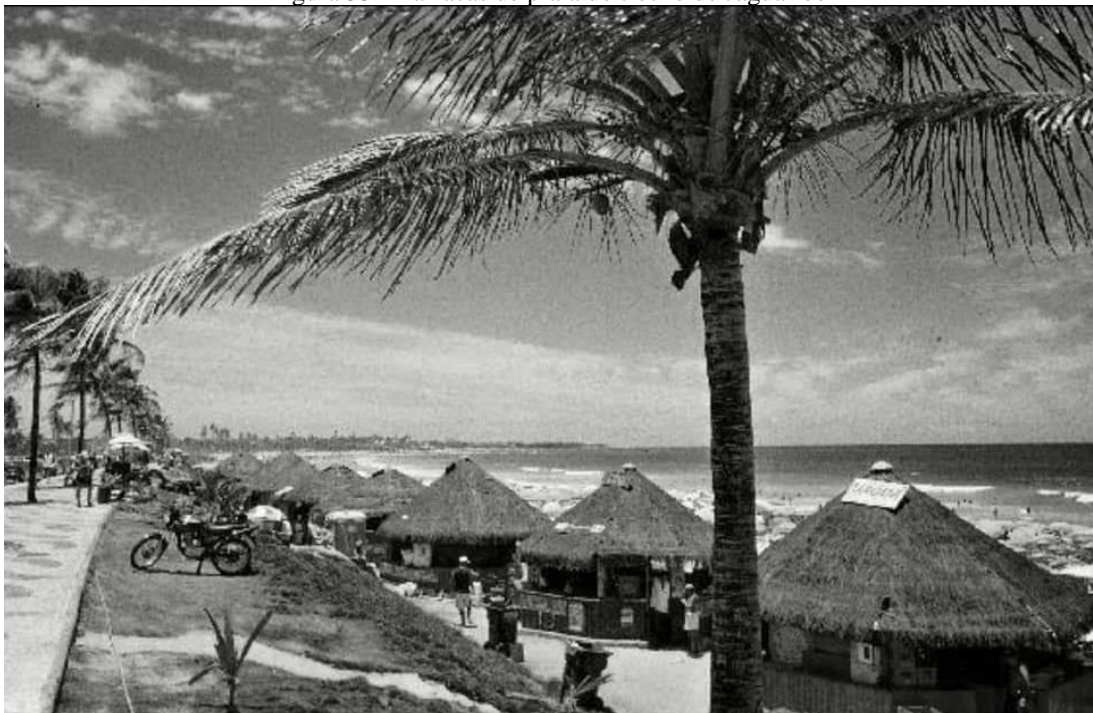
Gustavo - É mesmo?

Maria - Era. Quando sai dali de onde eu tô e vai ali para a colônia, onde tem aquelas espadas ali, não tem aquele coqueiro assim, você pode olhar, se você for cavar ali tem uma fossa. Ali ainda tem a fossa da dona da casa, a dona e a família que morava ali,

Maria - Quando fui trabalhar ali, ainda tinha galinha ali, muitos coqueiros, os gados vinha meio dia para ali beber água, quando ainda tinha a fonte. (Fragmento da entrevista concedida por Maria Guimarães, moradora do bairro de Itapuã, em 08 de julho de 2021).

Através da Figura 53, conseguimos perceber que estas barracas foram construídas com um aspecto construtivo muito semelhante às casas mais antigas da vila de pescadores de Itapuã, marcadas pelas técnicas afro indígenas.

Figura 53 - Barracas de praia do trecho de Jaguaribe



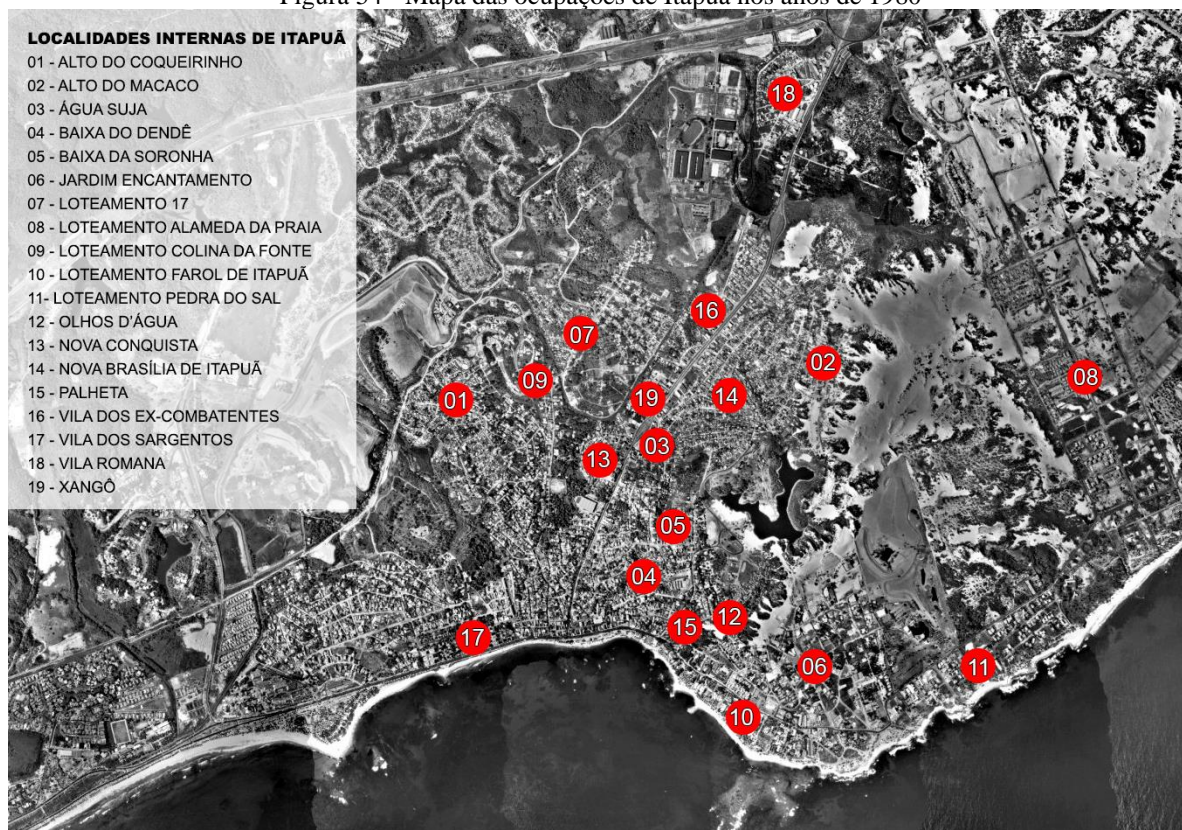
Fonte: Grupo do Facebook – Principado de Itapuã / Autor desconhecido.

Adroaldo, ele relatou que as famílias que foram removidas, não receberam nenhum tipo de indenização dos órgãos públicos. Muitos passaram a ocupar as regiões mais internas do bairro afastadas da orla. Além disso, muitas acabaram migrando para a região de Arembepe, as relações formadas entre o território é um fator que merece ser aprofundado futuramente em um novo estudo. A fala de Dona Eulina aponta como o processo de setorização das atividades, demarcaram novos usos, que não respeitaram nem incluíram os moradores. Processo que ocorreu de maneira sutil, mas que ocasionou um efeito semelhante a invasão que retirou os indígenas tupinambás da região.

Tudo aqui em Itapuã era palha e sopapo; este largo que tá hoje em dia aí... tudo isso era casa de pobre. Os veranistas começaram a vir praqui e tal e foi comprando botando o povo [de Itapuã] pros matos. (Dona Eulina apud GANDON, 2018, p. 74)

Além desse fator, o número de famílias vindas de outras regiões, sobretudo do interior da Bahia, aumentou significativamente. Assim, entre as décadas de 70 e 80 as localidades internas próximas do miolo de Itapuã Olhos d'Água, Baixa da Soronha, Baixa do Dendê, Alto do Macaco, Alto do Coqueirinho, Água Suja, Nova Brasília e a Nova Conquista, que contava com poucas ocupações acabam se consolidam. E em paralelo se intensificou também as construções regularizadas pelos órgãos competentes, promovidas pelas grandes construtoras de loteamentos e condomínios voltados para as famílias ricas, sobretudo na região em frente ao mar.

Figura 54 - Mapa das ocupações de Itapuã nos anos de 1980



Fonte: CONDER (1980). Adaptação do autor.

No meio deste período, em 1976, em meio a este movimento das novas ocupações em Itapuã, que a minha família se muda para a terceira casa construída pelo meu avô Crispim na Nova Conquista. Apesar desta região ser identificada enquanto invasão em algumas literaturas e projetos urbanos que discutem Itapuã, o meu avô assim como os novos vizinhos adquiriam os seus terrenos neste mesmo período através de uma compra legalizada. O antigo proprietário da casa que foi vendida ao meu avô, já possuía uma escritura de compra e venda deste lote, fornecido pela Igreja Católica local, a antiga proprietária de áreas que englobam a Nova Conquista.

A forma como ocorrem em Itapuã as concessões e legalização das posses de terra é uma das lacunas nos estudos urbanísticos, que não pude sanar nas investigações voltadas para o desenvolvimento deste trabalho, que ao meu ver merecem ser pensada com uma atenção maior futuramente.

Figura 55 - Maria, Crispim e seus sete filhos na casa da Nova Conquista em 1976



Fonte: Acervo do autor.

Os aspectos da fala de minha mãe sobre as características que haviam no entorno desta casa remetem a um estilo de vida rural, evidenciando o contraste que havia inicialmente entre os espaços que surgiam a partir de planejamentos urbanos neste mesmo período, e os territórios que não se desenvolviam a partir dos padrões urbano-industriais baseados nos estilos de vida norte-americanos como Luz(2012) reflete em sua obra. A narrativa contada por minha mãe Ednalva, demonstra como naquele momento a paisagem remetia a um ambiente rural.

Como tinha muitas brigas, por causa da inveja da casa que tinha ficado bem feitinha, meu pai e minha mãe decidiram sair desse lugar e a gente veio morar aqui na Nova Conquista. Que era um bairro que na época não tinha asfalto, era uma casinha simples de telha vermelha. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, moradora do bairro de Itapuã, em 20 de abril de 2019).

A gente veio em junho de 1976, era um dia de segunda-feira, mainha veio de manhã limpou a casa. A gente veio pela Rua da Ilha, que na época parecia uns condomínios, as casas eram todas com os muros altos, cheio de mangueiras, a rua toda limpa. Na mudança a gente veio do Alto da Bela Vista, o patrão dele, o engenheiro, cedeu uma caçamba, veio com os móveis e com os meninos, os sete filhos, tudo pequeno, tudo de menor dentro de uma caçamba e trouxe a gente até aqui.

(...)

Tinha poucos vizinhos na rua, tinha casas que ainda eram feitas de madeira nessa época. Era uma rua assim, que passava muitas vacas, passava bois, porque tinha um pessoal mais atrás que era uma fazenda, então o pessoal soltava as vacas e os bois para ficar andando no meio da rua. Era assim um lugar assim simplesinho, tipo uma roça mesmo, aí a casa da gente chamou atenção. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, moradora do bairro de Itapuã, em 20 de julho de 2020).

Figura 56 - Nova Brasília de Itapuã na década de 80



Qual seria a história dessas casas, se fosse contada por esse menino sorrindo que invadiu a foto?

Fonte: Programa Viva o Bairro, projeto básico de Nova Brasília Salvador. SALVADOR (1987)

Fundamentado no Estudo da Imagem da Cidade e em estudos específicos que incorporam as condições atuais, a Prefeitura Municipal havia elaborado em 1978, a Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo Urbano, como ferramenta para orientar o desenvolvimento da cidade. Dentre os diversos pontos, vale ressaltar que a LOUS, estabelece restrições sobre os usos permitidos e as restrições das ocupações no solo, nas áreas de Salvador, inclusive na Orla Atlântica. Apesar dos estabelecimentos destes parâmetros, a forma como a região se desenvolvia, promovia inquietação dos órgãos públicos. Como podemos ver no trecho retirado do projeto de estruturação da orla “A permanência deste status tanto, tem demonstrado o não atingimento dos objetivos da Imagem, haja visto a imagem atual da Orla como tem frustrado as expectativas de desenvolvimento e utilização da área. Em virtude disso, surgem novos estudos que buscavam criar estratégias para permanência de uma “imagem urbana ideal” para Itapuã.

Em 1977, o Órgão Central de Planejamento (PRODESO) da Prefeitura Municipal de Salvador elabora o Programa de Urbanização Popular: Itapuã. Projeto que tinha o foco de urbanizar as localidades da Nova Brasília, Baixa da Soronha e Olhos d’Água, áreas que ainda não possuíam os sistemas de fornecimento de saneamento básico. Seguindo o padrão urbano industrial, dentre as propostas visava implantar pavimentação para facilitar o deslocamento dos automóveis, como podemos perceber nestes trechos:

Por se tratar de um bairro com características típicas de local de descanso, lazer, qualquer programa de urbanização da área deve ser feito levando-se em consideração estas características, isto é, uma urbanização voltada para o homem, com a criação de áreas de lazer, pontos de encontro, onde o elemento humano realmente tenha prioridade sobre os veículos motorizados. É por isto que ao propormos o programa de melhorias para Itapuã, o fizemos prevendo caixas de rolamento para veículos com no máximo 6,00 m (seis metros) de largura, com passeios largos, arborização intensa, e, onde for possível, no entroncamento das vias, a construção de pequenas praças onde os moradores da área possam se reunir para o “bate papo” informal, ou mesmo para descansarem. (SALVADOR, 1977, p. 15)

Localizado à beira do mar, com uma extensa faixa compreendendo bonitas praias como Piatã, Placaford, Sereia, Ruas “k” e “L”, Farol e Flamengo, com características próprias e ótimas para o banho de mar, aliada às lagoas do Abaeté e Barragem, às dunas de areia, a todo um misticismo, um folclore, que se criou em torno dos seus pontos turísticos mais conhecidos, às suas belas paisagens naturais, fonte de inspiração para os poetas da música popular, à tradicional pesca do arrastão (tendendo a desaparecer), fazem de Itapoã um bairro dotado de equipamentos urbanos naturais próprios para o lazer. Neste setor Itapoã necessita e com urgência, que se dê um mínimo de atenção a estas áreas que a natureza criou para deleite nosso e de quantos nos visitam, visando a preservação e manutenção para que, daqui a alguns anos, não venha a ficar totalmente desfigurada pela ação nefasta do elemento humano, como aconteceu com as dunas onde hoje se localizam o núcleo de Nova Brasília e a invasão da lagoa da Barragem (Olho D’Água). Aliada à preservação do patrimônio natural se faz necessária a construção de equipamentos de apoio com quadras de esporte, playgrounds, parques infantis, bares e restaurantes com melhores condições de conforto e higiene, que permitam uma maior opção na utilização destas áreas por parte dos usuários do local, a construção de pequenas praças (“pontos de encontro”) na

confluência das ruas que formam a malha urbana de Itapuã, arborização e humanização destas ruas. (SALVADOR, 1977, p. 17-18)

Elaborado pela Secretaria Municipal do Planejamento (SEMPLAM), da Prefeitura Municipal do Salvador, durante a gestão do prefeito Mário de Mello Kertész, o Plano Urbanístico para Itapuã desenvolvido em 1986, buscava sobretudo estimular a interação entre Itapuã, a cidade de Salvador e as demais áreas da Região Metropolitana de Salvador. Propondo como objetivo geral “a preservação do bairro de Itapuã como núcleo residencial, polo de atração turística e área de borda da cidade, sem, contudo, desestimular seu desenvolvimento socioeconômico”. (SALVADOR, 1986, p. 08)

Como resultado obtido através das análises sobre os principais elementos da estrutura interna do bairro de Itapuã, elaboradas neste estudo foi elaborado “diretrizes para ocupação, onde se define o perfil urbano desejado, através dos elementos considerados definidores da estrutura interna do bairro e ações implementadoras, onde estão indicadas as intervenções necessárias em todos os aspectos desta estrutura de modo a viabilizar as diretrizes.”

Determina a restrição, quanto ao uso das vias e indicando as localidades onde deveriam ter intervenções. Assim, visando interligar a região ao Aeroporto, este estudo constrói o desenho da proposta da Avenida Dorival Caymmi, se tornando a avenida coletora e principal do bairro. Passa a definir as características e portes dos empreendimentos permitidos de concentração de uso residencial, institucional, industrial, especial, uso misto e serviços. A forte presença dos comércios na Avenida Dorival Caymmi é frutos das orientações desta proposta. Há uma preocupação também em se manter as características das habitações do seu núcleo inicial, em virtude disto dentre os parâmetros vale a pena ressaltar a limitação permitida quanto ao gabarito de 3 pavimentos. (SALVADOR, 1986, p. 09)

Essa restrição é perceptível até os dias de hoje. Vale destacar que, os objetivos gerais do campo econômico deste projeto previam garantir a atração de elementos que favorecessem o desenvolvimento turístico; proporcionar condições para o desenvolvimento do setor imobiliário; e proporcionar a expansão das atividades comerciais e de serviços. Este projeto surge para efetuar a criação de uma imagem ideal para a cidade, ideal aos padrões urbano-industriais.

Esse projeto, dentre as observações das etapas das intervenções ele sinaliza que na Rua Nossa Senhora da Vitória, necessita de “Atenção especial para a rede de drenagem pois, por se situar numa baixada, na época das chuvas ocorrem inundações que atingem até at´1,00 m (um metro) de altura.”

As intervenções voltadas para a implantação das vias, em muitas localidades ao nivelar as ruas, não houve uma preocupação com os desníveis em que muitas casas se localizavam. A casa de minha avó da Nova Conquista, se encontra em um nível mais baixo que o nível da rua. Isto faz com que, em muitos momentos em que chove uma qualidade elevada, o sistema de drenagem que o meu avô construiu não de conta, pois além das águas que escoam no próprio

terreno há também o fluxo das águas vindas da rua. Em muitas casas construídas antes da passagem das pistas, conseguimos perceber esta característica.

2.1.7 Construindo a suas casas e a sua cidade

A história que eu conheço sobre o meu avô Crispim é fruto dos relatos de minha mãe Ednalva e minha avó Maria e esse pouco que eu sei é sobre o seu trabalho. Elas contam que ele só cursou até o ensino fundamental, aprendendo o ofício de pedreiro com o seu pai Bernardino. Ele se dedicou desde os primeiros anos de sua juventude às atividades da construção civil. Hoje consigo perceber que mesmo distante fisicamente, a história que o meu avô fez como construtor de casas muito bonitas, também me ajudou a me tornar arquiteto.

Figura 57 - Crispim em frente a um dos condomínios que ele foi o mestre de obras no final da década de 1990



Fonte: Acervo do autor.

Foi através destas atividades que ao longo dos tempos ele foi acumulando experiências, que ele conseguia se manter financeiramente. Os conhecimentos acumulados por meu avô Crispim o levou a ocupar a função de mestre de obras. Ele iniciou as suas atividades atuando em construção localizada em Itapuã, em seguida passou trabalhar em construtoras, executando serviços em diversas áreas da cidade. Participou inclusive da execução do Shopping Iguatemi e de algumas etapas da implantação dos projetos de urbanização e modernização da região Metropolitana de Salvador durante o período que o Polo Petroquímico estava sendo implantado.

O papel que meu avô ocupava dentro da construção civil não é um caso isolado. O processo de adensamento territorial que ocorreu em Salvador, incluindo também Itapuã, possibilitou que o mercado da construção civil expandisse na região, gerando muitas

oportunidades de trabalho para a população local, além de atrair pessoas vindas de outras localidades, sobretudo do interior da Bahia. Nesse processo, a mão de obra dos trabalhadores negros que atuava na construção civil, erguendo e sustentando a cidade de Salvador também reteritorializaram Itapuã.

A presença da população negra atuando na construção em Salvador e nas demais regiões brasileiras não é algo recente. A escravidão introduzida com o processo de colonização nas Américas introduziu enorme mão de obra especializada vinda do continente Africano. Como Querino (2017) cita as habilidades e as atividades desempenhadas pelos colonos pretos em seus territórios de origem, era um dos fatores que influenciavam com o tráfico negreiro o seu destino final e os trabalhos que iriam realizar. Esta mão-de-obra africana em plantações, cultivo e utilização da carne e couro dos animais, construções navais, navegações, mineradores, marceneiros, no domínio de construções de edificações dentre outros especialistas fundamentais para o desenvolvimento da economia brasileira em diversos momentos mantendo a prosperidade do país.

Vale ressaltar que estas contribuições, não foram só no aspecto da força braçal, estes negros trouxeram também técnicas e conhecimentos que influenciaram as questões econômicas, medicinais, artísticas, dentre outros aspectos que se mantêm até hoje. Quirino resalta: “Tratando-se da riqueza econômica, fonte de organização nacional, ainda é o colono preto a principal figura, o fator máximo”. (QUIRINO, 2017, p. 31)

Entretanto, mesmo com a forte contribuição, houve muitas tentativas de invisibilizar a contribuição dos africanos, afrodescendentes e indígenas nos processos de organização econômicos e sociais da população brasileira que vem sendo utilizadas até os dias de hoje como instrumento de dominação étnica e social. Apagar o legado desta população, é um meio de negar as violências derivadas do sistema colonial. Neste sentido, reconhecer a riqueza produzida tanto pela força braçal quanto pelas contribuições tecnológicas e intelectuais, é um caminho para admitir a humanidade de muitos homens e mulheres que vêm sendo apagados ao longo dos tempos.

Apesar das tentativas de aniquilação, ao longo dos tempos os artífices negros vêm construindo inúmeros elementos que marcam as paisagens brasileiras. Vale a pena destacar, a produção do Mestre Pedreiro Joaquim Pinto de Oliveira, que era conhecido também como Tebas, o “homem que tudo faz com acerto e perfeição”.

Joaquim Pinto de Oliveira, nasceu em 1721 em de Santos, uma das cidades do estado de São Paulo e faleceu em 1811. Este artífice especialista em entalhar e aparelhar pedras, é identificado como arquiteto em alguns documentos produzidos no século XVIII. Viveu até

aproximadamente os seus 30 anos de idade em Santos. Neste período a região possuía muitas pedras, fato que influenciou o seu aperfeiçoamento e domínio sobre o uso deste material nas edificações. O emprego das pedras possibilitou criar ornamentações que valorizavam sobretudo as fachadas das edificações.

O domínio sobre o emprego de pedras, lhe deu destaque influenciando até na sua mudança para executar estes serviços em São Paulo, que no momento estava passando por um processo de modernização. Vale ressaltar que neste período, a grande maioria das edificações empregava o uso de taipa em suas estratégias construtivas. E o emprego das pedras, era até então algo inovador, implantado somente nas construções mais ricas e sofisticadas.

Os seus primeiros senhores foram o português e mestre de pedreiro, Bento de Oliveira Lima e a sua esposa Antônia Maria Pinto. (FERREIRA, 2018, p. 107). A saída de Tebas de Santos ocorreu em meados do século XVII, no momento em que ele se muda junto com o seu senhor Bento, a sua família e mais outros três escravizados, que também eram mestres pedreiros. Neste período em São Paulo muitas igrejas estavam sendo construídas e outras estavam passando por reformas.

Em 1767, o então Bispo de São Paulo Dom Bernardo, que estava buscando modernizar as propriedades da igreja e construir a torre da Matriz, contrata o mestre Bento de Oliveira Lima que inicia a obra junto a seus escravizados. Com o seu falecimento, Joaquim Pinto de Oliveira, assume a posição de seu senhor e se torna o responsável em finalizar a obra. Tebas consegue notoriedade, sendo contratado posteriormente na condição de escravizado da viúva Antônia Maria Pinto, pela Ordem Terceira do Carmo que estava buscando por alguém com experiência para realizar a construção do frontispício da capela.

Com isto, Tebas passou a trabalhar sobretudo nas obras realizadas pela Ordem e Corporações, realizando trabalhos que expressam as suas habilidades e o domínio sobre cantaria de pedra. Em 1791, os registros já indicam Tebas como alforriado graças a realização de seu ofício que era valorizado, sendo chamado de mestre. A partir de 1808, ele assume a função de Juiz de Ofício de Pedreiro, passando a ter a possibilidade de examinar e conceder certidão a outros oficiais.

Dentre as suas obras, vale destacar a construção do primeiro chafariz público de São Paulo, que se localizava na Misericórdia. Talhado em pedra, contava com quatro torneiras que ofereciam água para a população, através da distribuição da água conduzida por gravidade extraída nas nascentes do Caaguassú, denominado atualmente como Paraíso. A água era conduzida por tubos revestidos com papelão e betume, sendo o sistema pioneiro de distribuição de água da cidade. (FERREIRA, 2018, p.110)

Apesar de estarem em um tempo-espaço muito distante, o domínio sobre uma técnica construtiva até então inovadora, é um elemento semelhante que atravessa as histórias de meu avô Crispim e Joaquim Pinto de Oliveira, ambos mestres construtores. Para evidenciar esse fato, eu retomo a narrativa de minha mãe Ednalva sobre a construção da terceira casa de sua família, que é sem dúvidas a construção que ela mais se orgulha e mais nos contou ao longo dos tempos.

Ele sendo um homem muito caprichoso, apesar de que ele era somente um pedreiro, trabalhou em algumas empresas grandes como Odebrecht e na OAS, ele trabalhou também na construção do Shopping Iguatemi, ele tinha muito conhecimento e era muito caprichoso em tudo que fazia, ele também procurou caprichar na casa que a gente morava. Como era uma casa de telha, e de tijolinho, aquelas telhas vermelhas, vermelhas não, aquelas telhas bem antigas. Aí ele tirou essas telhas, e fez essa casa aqui bonitinha de laje, que até hoje a gente conserva a mesma cor da casa, o mesmo jeito dela, não teve nenhuma mudança, só mesmo a conservação da casa. Botou o mesmo portãozinho da outra casa, botou porta, piso vermelho, que até hoje é ainda o mesmo com mais de quarenta anos. Não tinha muro na frente, nem dos lados, era tudo com cerca de arame farpado. Mas aí ele construiu o muro e organizou a casa para a gente morar. Como naquela época, que a gente morava aqui e parecia uma roça, os outros vizinhos ficavam falando “olha a casa do Barão da Conquista”. Porque era um tipo de casa que ninguém tinha assim na época, feita em um lugar assim de mato, que era tipo uma roça abandonada praticamente. A gente não tinha acesso a transporte, não tinha muita mordomia de nada, a gente ficava aqui mesmo. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, moradora do bairro de Itapuã, em 20 de julho de 2020).

Aqui era de telhado, quando a gente veio morar aqui era de telhado. Ele que botou a laje, foi a primeira casa de laje daqui da Conquista foi aqui a da gente. Ele fez as divisões, ele queria fazer em cima os quartos, só que não conseguiu fazer. Essa casa aqui que a gente mora, ele comprou era de telhado, só que depois ele bateu a laje entendeu?

(...)

Se você for contar ali, são sete vãos lá em cima que era para se a construção dos quartos, que ele dizia que cada filho ia ter um quarto diferente. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, moradora do bairro de Itapuã, em 05 de julho de 2021)

Até hoje é conservada a mesma cor da casa, a mesma corzinha verde a laje pintadinha de branco, a mesma cor das janelas e das portas, da casa que já tem mais de 40 anos e a gente está morando aqui até hoje. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, moradora do bairro de Itapuã, em 20 de julho de 2020).

Figura 58 - Ednalva em frente à casa de sua família



Fonte: Acervo do autor. (2020)

A busca por uma condição de vida melhor fizeram meus avós, minha mãe e meus tios saírem da Rua Nova e irem morar na Nova Conquista. O emprego da técnica de laje de concreto armado na “casa do barão”, que meu avô aprendeu trabalhando nas obras de urbanização da cidade de Salvador, foi um grande diferencial na Nova Conquista, pois a grande maioria das casas ainda eram feitas com as técnicas herdada dos afro indígenas, empregando os elementos disponíveis na região. O zelo que o meu avô tinha com a família e o intuito de manter todos unidos, fez ele utilizar a laje de concreto armado como uma possibilidade de expandir futuramente a casa. Ele tinha o intuito de fazer mais um pavimento acima para ter um quarto para cada um dos sete filhos.

O meu avô, reconhecendo que a região era alagadiça, construiu um sistema de drenagem que recolhe as águas que nascem embaixo da casa, destinando-as para um sistema de esgotamento das águas da chuva que deságua no Beira-Rio. Essa estratégia se mantém até os dias de hoje evitando infiltrações. Pensando em aproveitar as águas também foi construída uma fonte. Esses dois pontos serão mais aprofundados nos próximos capítulos.

Além desses elementos físicos, é perceptível que o meu avô também idealizou os

espaços desta casa buscando manter as relações socioespaciais que a sua família tinha nas outras casas. A permanência dos espaços residuais no entorno da casa era chamado de quintal, beco, terreiro. Estes nomes, que mudam muito a partir de cada vivência, permitiu que o jardim e uma pequena horta fosse cultivada, assim como o galinheiro onde se criava galinha e patos que ofereciam ovos para complementar alimentação. Nesse espaço era onde também se sentavam para conversar, passar o tempo e tomar uma fresca. Práticas cotidianas ancestrais que antes eram vivenciadas fora dos limites individuais dos terrenos, porém foram restritas com processo de urbanização e a imposição de limites.

Eu fiz um trabalho junto com a minha mãe Ednalva de localizar as outras casas que o meu avô Crispim construiu em Itapuã. Nesse movimento, mesmo nas localizações diferentes foi possível identificar algumas das características presentes na casa de minha família. Como em concreto armado e alvenaria e um sobre as condições pluviais e solares dos terrenos que se encontram inseridos. Espaço de pequenos jardins também faz parte dos elementos que atravessam estas construções.

Figura 59 - Localização das construções realizadas por Crispim



Fonte: Google Maps. Adaptação do autor. (2022)

2.1.8 Vislumbrando novas possibilidades para a construção do futuro

Ao investigar os diversos vestígios da paisagem, não localizei nomes dos moradores de Itapuã, envolvidos nos eventos analisados até o início do século XX, que remetessem à origem africana ou indígenas. O trabalho “Os prenomes no Cartório de Itapuã” (LIMA, 2014) analisa os pronomes presentes no Livro 01-A do Cartório de Registro Civil de Itapuã, do período de 1888 a 1904 constata que apesar contar no momento com apenas 2% dos moradores que se auto declararam como brancos, nos registros não havia nomes de origem indígenas nem africanas. Este estudo apresenta como a imposição que a cultura a tradição latino-cristã, se reflete também nos nomes habitantes do bairro, que remetem à tradição onomástica portuguesa. O que nos leva a concluir que houve em Itapuã, uma tentativa de apagamento da memória das origens étnicas dos primeiros ancestrais que ocuparam o bairro.

Entretanto, há um nome de uma moradora negra de Itapuã, que apareceu em meio às minhas investigações que me chamou a minha atenção. Dentre as moradias dos escravos, o estudo de Costa (1989) localizou no povoado de Itapuã uma moradia de palha que pertencia a Gertrudes Vaz, uma escravizada liberta. Lima (2014) identificou nos registros feitos entre 1889 a 1904 no Cartório Civil de Itapuã, a presença de uma mulher com o nome Gertrudes nascida em 16 de novembro de 1897. O século XIX, período de análise dos dois estudos, coincidem e nos levam ao questionamento se ambos registros se trata da mesma pessoa? Quem foi a moradora de Itapuã Gertrudes? Em uma conversa que eu tive com um conhecido morador de Itapuã, ele me contou que a localidade da Baixa da Soronha, possuía este nome devido a primeira moradora que habitou essa região em uma casa que se localizava próximo a um dendezeiro e a uma nascente onde com o passar do tempo os moradores pegavam água para beber e lavar roupas. Esta morada era uma mulher negra, que havia sido escravizada e as pessoas a conheciam como Soronha. Seria a escravizada liberta Gertrudes a primeira moradora da Baixa da Soronha?

A falta de reconhecimento destas presenças negras em Itapuã, apontam para a imensidão de apagamentos que estão presentes nas narrativas sobre as transformações de Itapuã. Quantas outras Gertrudes, foram importantes para a formação deste local, mas não tiveram a oportunidade de ter a sua contribuição registradas e reconhecidas?

Apesar dos processos de embranquecimento que tentaram apagar a presença dos povos originários tupinambás e dos africanos, as relações construídas em Itapuã permaneceram presentes através dos tempos. Até os anos de 1930, apesar de já se localizar dentro do perímetro urbano da cidade de Salvador, o bairro se caracteriza como uma vila de pescadores, mantendo

características das técnicas herdadas dos antepassados que inicialmente ocuparam este território que proporcionam uma dinâmica social própria.

Os primeiros africanos que foram forçados a vir para o Brasil, ao chegarem em Itapuã, território habitado originalmente pelos Tupinambás, se depararam com modos semelhantes de se relacionar com a natureza, possibilitando a confluência destes povos. Nego Bispo define a Confluência como:

“à lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento pluralista dos povos politeístas.” (SANTOS, 2015, p.89)

Beatriz Nascimento (1981) afirma que o colonialismo desagregou o africano enquanto homem, enquanto sociedade e cultura. A formação dos quilombos é sinônimo de união, é o momento em que há possibilidade de retomada do que lhes foi tirado. Não eram apenas um local de abrigo para os negros que fugiam dos castigos corporais e do sistema opressor, era um lugar que poderiam encontrar uma vida com uma organização social. Havia no quilombo uma organização social, com umas relações particulares, que possibilitavam além da resistência cultural a resistência racial do Negro e do Indígena, com uma vida própria deles. Precisamos reconhecer que também havia disputa territoriais entre estes povos, entretanto ambos a todo momento lutavam contra as imposições dos povos colonizadores.

O Quilombo do Buraco do Tatu, em seus aproximados 20 anos de permanência, é um dos exemplos de Quilombos do Brasil, território alternativo às imposições do Estado Escravista, que têm registros cartográficos do período XVII. O mapa do Quilombo do Buraco do Tatu é um dos marcos da brutalidade do sistema colonial escravista sobre as populações africanas e indígenas no Brasil, porém, é também o registro do processo de vinte anos de resistência quilombola.

A relação de entendimento do território como um bem comum a todos desta comunidade, possibilitou que a população negra local que foi marginalizada ao longo dos tempos, pudesse compartilhar os bens que a terra oferecia e ressignificarem os modos de vida. A relação sobre “A terra não nos pertencia, nós é que pertencíamos à terra” (SANTOS, 2018), marcava esta vila de pescadores Itapuãzeiros. A fala de Dona Francisquinha é um retrato desta relação de pertencimento que predominava sobre os moradores mais velhos de Itapuã:

“ Eu sou itapuã, eu sou o mar, eu sou o farol, eu sou a Lagoa do Abaeté, eu sou as outras lagoas que já morreram, eu sou tudo em Itapuã, porque eu adoro Itapuã. Tudo é Brasil, mas aqui é meu pedacinho de céu.” (Vídeo sobre a vida da ganhadeira de Itapuã Helena Passos)

Por meio da confluência dos saberes desses povos, foi possível criar alternativas de escape às imposições do processo de colonização. A compreensão de que o território não se

limita apenas a terra, mas engloba todos os elementos da natureza, inclusive as suas águas, atravessa os tempos e grafa as relações ocorridas em Itapuã até o início do século XX, onde eu vivia a minha infância.

Figura 60 - Fotografia do primeiro momento que Gustavo chega na casa de sua avó Maria em janeiro de 1994



Fonte: Acervo do autor. (1994)

Concluindo este ciclo de reflexões sobre os vestígios presentes nas casas, quero destacar a Figura 60. Esta foi a primeira vez que eu entrei na casa de minha avó, depois de chegar da maternidade. Sempre que tenho a oportunidade de rever essa foto com a minha avó Maria, ela se lembra que esse momento foi em um dia de domingo, em que estava na varanda saindo para ir vender acarajé na praia. Na mesma hora que eu cheguei, ela largou a sacola no chão e minha mãe me deu em seus braços para carregar e meu pai tirou a foto. Fazer isto sempre rende longas histórias, onde provavelmente ela irá repetir que “a partir desse momento, eu abracei você e seu irmão com os braços e com as pernas”.

Para ajudar a compreensão sobre como este evento se relaciona com as demais questões que eu já apresentei, é importante fazer mais um breve retorno. A partir do momento que a minha avó passou a morar com o meu avô em Itapuã, ela deixou de trabalhar para se dedicar somente às atividades de cuidado de sua casa. Como os filhos ainda eram crianças, ela preparava a alimentação da família, desde a ida no mercado e na feira fazer as compras ao cozimento, lavava as roupas, cuidava da educação dos filhos, enfim todos os processos de manutenção da vida da família. Além de dar apoio às outras mulheres parentes e vizinhas que conviviam juntas.

O meu avô não aceitava a minha avó ir para a rua trabalhar, assim durante o momento que eles foram casados, ele se responsabilizava a partir de suas atividades na construção civil em conseguir dinheiro para sustentar a família. Porém nem sempre, as coisas andavam muito

bem e a minha avó trabalhava escondido lavando roupa e limpando casa de conhecidos para complementar a renda da família.

Na década de 1980, com o divórcio e a saída de meu avô de casa, essa situação mudou completamente e a minha avó Maria ficou à frente de todas as responsabilidades da família. Além de minha avó ter que cuidar das atividades domésticas, antes de aprender o ofício de baiana de acarajé precisou também arrumar formas de conseguir dinheiro para sustentar os 7 filhos.

As organizações sociais das famílias brasileiras são múltiplas e complexas. Entretanto é importante destacar que a desestruturação das famílias africanas, foi uma das ferramentas de dominação colonial utilizadas no tráfico escravista. Durante o período da escravidão os homens negros eram destinados a realização dos trabalhos braçal, ficando impossibilitados de manter relações de vínculos com suas companheiras e filhos. Mesmo com o fim deste sistema, o processo de genocídio do povo negro cria até os dias atuais, novas ideologias para manter este distanciamento. Assim, devido ao processo da diáspora para o Brasil as famílias negras ao longo dos tempos foram se reorganizando, tendo um elemento fundamental herdado das heranças ancestrais africanas - as mulheres como o pilar central dessas novas estruturas.

Nos bairros negros de Salvador, apesar de em muitos casos não fazer mais parte do imaginário coletivo, o papel matriarcal que as mulheres negras possuem nestes territórios, é um reflexo das “amas de leite”, mulheres pretas que tinha seus corpos usados para a reprodução de crianças que seriam destinadas a escravidão, além de servirem para a amamentação tanto dos filhos das escravizadas quanto dos senhores de engenho e estava ligada diretamente com os cuidados destas crianças. Além disto, este fator está relacionado também à autoridade que as Yalorixás, mulheres mais velhas, que inicialmente eram apenas negras, com mais experiências, escolhidas pelos Orixás para perpetuação dos cuidados dos terreiros.

Sofia de Carvalho Costa, Arquiteta e Urbanista formada pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, em seu Trabalho Final de Graduação Corpo - Casa – Memória: Narrativas de mulheres negras em Itapuã (2019), nos apresenta o papel das mulheres negras em Itapuã e também demonstra a potência do resgate e preservação da memória coletiva do território encontrada no tempo presente que a pesquisa foi realizada. Neste trabalho podemos ver o cotidiano do bairro marcado pela presença das mulheres negras nas ruas. Fica evidente que a atuação dessas mulheres extrapola as atividades apenas nas casas, elas estão também nas ruas e nos demais espaços do bairro. Uma das questões abordadas por Sofia, que atravessa também a história da construção da minha casa, é o fato da relação formada por estas mulheres negras mais velhas, se refletir como ponto difusor na formação territorial de Itapuã.

A minha mãe Ednalva sempre me conta, que durante a sua infância ela passava longos períodos brincando no fundo da casa onde antigamente era o quintal da casa de minha avó. Neste espaço havia muitas plantas, um viveiro de pássaros e um local que criava galinhas e patos. Neste período a minha mãe zelava por este espaço, como se ali fosse a sua casa.

Para ajudar a minha avó nas despesas da casa, a minha mãe começou a trabalhar muito cedo conciliando os estudos com os empregos como caixa nos supermercados de Itapuã. Após concluir o magistério, curso realizado junto com o ensino médio que possibilitava exercer o cargo de professora de ensino básico, ele trabalhou apenas durante um ano nesta área. As poucas vagas e os baixos salários que eram ofertados, inviabilizou que ela prosseguisse nesta carreira. Então ela acabou voltando a trabalhar nos supermercados, que oferecia um salário baixo, porém relativamente maior ao que recebia anteriormente. Ela acabou se estabelecendo nesta área e conseguiu auxiliar financeiramente a sua família. Após se casar com o meu pai, ela passou um tempo morando no bairro de São Cristóvão e alguns anos depois comprou um lote e um apartamento na região de Lauro, localidade que estava passando por um processo de expansão urbana.

Entretanto, após entrar em um diálogo com a minha avó Maria, que cede o espaço do quintal para a minha mãe construir a sua casa, a minha mãe volta a morar em Itapuã. A minha avó tinha uma grande preocupação em manter a rede de apoio da família e se preocupava com o fato da minha mãe morar distante e os seus filhos que poderiam nascer, ficarem sob os cuidados de outras pessoas. Assim, o espaço que antes era o galinheiro onde a minha mãe brincava durante a infância como se fosse a sua casa, acabou no futuro se concretizando.

Foi entre essas duas casas, unidas no mesmo terreno, porém com as portas de entradas viradas uma para cada rua, que eu venho passando os anos de minha vida desde que eu nasci. Na verdade, passei mais tempo na casa de minha avó com ela e minha tia Conceição, pois como meus pais trabalhavam em um supermercado passavam o dia todo na rua trabalhando. Quando eu era criança, precisava acordar bem cedo, junto com os meus pais para eles me levarem para a casa de minha avó. Em menos de 3 minutos, a rodeava a rua e já estava lá, pedia a benção ao chegar e imediatamente voltava a dormir na cama de minha avó Maria, para depois acordar de verdade.

E foi nessa rotina, que diversas vezes, nos dias que a minha avó ia vender na praia eu tomei café da manhã com abara, para provar se estava bom de sal e dividia o café com algum dos vizinhos que tinham o costume de ir para lá pela manhã para assistir os desenhos comigo. Ainda na minha infância era bem comum os vizinhos e amigos próximos passarem longos períodos comigo assistindo tv, comendo junto, brincando, resolvendo os problemas da casa e

indo comprar coisas. Reflexo de uma rede de apoio geradas a partir da minha avó, que se expandiram para uma relação além dos laços sanguíneos.

Em paralelo ao discurso marcados pelos aspectos de precariedade, baixa renda, violência urbanas, as histórias das casas das famílias negras, apontam também para projetos de futuros que fato deram certo. Nesses diversos anos, ao longo de minha vida eu fui vendo de perto como a minha avó ia construindo diversas reinvenção e adaptação das práticas cotidianas, buscando gerar melhores condições que favoreçam a perpetuação da vida de seus filhos, netos e os mais chegados que estavam próximos.

Força da imaginação, vai lá
Além dos pés e do chão, chega lá,
O que a mão ainda não toca
Coração um dia alcança
Força da imaginação, vai lá
(VELOSO; LARA, 1997)⁶

⁶ Canção Força da imaginação – Ivone Lara. Disponível em: <<https://youtu.be/aIz2mxbhZyQ>> .

2.2 AS ÁGUAS DOCES

2.2.1 O reino dourado das águas escuras

Durante o final da tarde de um dia de outono da década de 1970, Ednalva uma moradora de Itapuã que tinha 8 anos de idade, brincava com seus 6 irmãos na beira do Abaeté, enquanto a sua mãe e a sua madrinha lavavam roupas nas águas escuras desta lagoa. Era bem comum ver diariamente a população local realizando estas atividades.

Por alguns instantes esta garota se afasta de seus familiares e acaba se sentindo puxada pela lama do fundo desta lagoa e acaba se afogando. A sua madrinha imediatamente nada até o local e a socorre. Seus irmãos lhe perguntam sobre como ela havia se afogado, mas ela só se lembrava do momento que sua madrinha lhe puxou pelo braço e salvou a sua vida. Tempos depois, no período de sua infância, ela continua indo acompanhar a sua mãe para lavar roupa e colher os frutos das dunas, porém este evento acabou criando um trauma e ela nunca mais tomou banho no Abaeté.

Só na década de 1990 com o nascimento do seu primeiro filho Gustavo, ela voltou a frequentar este território. Em um dia de domingo em que eles passeavam na Lagoa, esta criança que já dava seus primeiros passos sozinho, se solta de seus pais e segue em sentido a lagoa. Ednalva ao perceber, se recorda do momento em que ela se afogou na infância após uma voz feminina lhe chamar para o meio da lagoa. Ednalva se lembra que ao ficar no fundo do lado próximo da lama, onde a luz do sol já não iluminava mais as águas, ela viu uma forte luz amarela vinda de baixo, refletida da morada desta moça encantadora. Que lhe pediu ajuda, para manter o seu reino a salvo dos gigantes de metal. Neste mesmo instante, ela correu e carregou o seu filho no colo.

A lembrança desse pedido de ajuda não saiu de sua cabeça, mas sem saber muito bem o que fazer, ela acaba não tomando nenhuma atitude. Mas durante quase todas as noites na hora de dormir ela contava histórias sobre esse reino que havia embaixo do Abaeté, para que seu filho pudesse pegar no sono. Essas histórias despertam em seu filho um grande fascínio pelas lagoas e dunas do Abaeté. Mesmo muito curioso e com um grande desejo em tomar banho no Abaeté, até à vida adulta Gustavo continua frequentando a região da lagoa, mas se mantém obedecendo a sua mãe e não encosta nem os pés nestas águas escuras.

Gustavo que cursou a graduação em Arquitetura e Urbanismo, agora trabalha em uma das mais importantes construtoras da cidade de Salvador. Esta empresa venceu uma das maiores licitações realizadas na cidade e se tornou responsável por reformar e modernizar todos os parques urbanos da região, além da realização da construção de condomínios sustentáveis de

alto padrão dentro dessas áreas verdes. A lagoa do Abaeté e suas dunas era um desses pontos, que iria abrigar o condomínio “Water Eyes”

Gustavo ainda sem saber desta licitação foi enviado, junto com outros técnicos da empresa, à Lagoa do Abaeté para fazer o levantamento topográfico da região. Por ser o mais novo, ordenam que ele atravessasse a lagoa em um bote junto com outro técnico. Sem querer entrar nas águas lembrando do pedido de sua mãe, ele acabou indo para não arriscar o seu emprego. O outro rapaz que foi junto com ele, a todo momento resmungava e judiava da região e da presença dos povos de santo que realizavam suas atividades na região. Ele comenta com Gustavo, que aquilo estava no fim, com a construção do condomínio. Esta descoberta, deixa o jovem arquiteto espantado.

Ao chegar no meio da Lagoa, se abre um redemoinho que sugam o barco que eles estavam. Neste momento, Gustavo sente a mesma sensação de sua primeira viagem no tempo que ocorreu a dois anos atrás. Ele tenta manter a calma, mas o seu colega fica muito desesperado, agarra Gustavo com muita força piorando ainda mais a situação. Os dois perderam o fôlego e afundaram junto com o barco.

Ao despertar ainda dentro da água, Gustavo já não vê mais o barco, nem o seu colega de trabalho e neste momento uma forte luz vinda de um lugar ao fundo da Lagoa chama a sua atenção. Ao nadar na direção desta luz, ele vê uma linda mulher negra, com uma criança pequena e o seu reino. Mesmo sendo a primeira vez vendo, aquele lugar era familiar. Com uma voz suave e encantadora esta mulher te diz que estava à sua espera ao longo tempo e fala para ele não ter medo, que ela não iria fazer mal.

Esta mulher conta que aquela lagoa era o local que os seus ancestrais também se conectavam com ela. Os mais velhos que atravessaram o mar, encontraram no novo mundo as águas sagradas já cultuada pelos moradores originários dessa terra. Em retribuição ao respeito que eles mantiveram a sua morada, durante longos períodos ela retribuiu dando abrigo, fontes de sustento para o corpo e para alma para essas pessoas e seus descendentes. Porém dentro de um curto período, esse seu território vinha sofrendo fortes ataques, que não estavam lhe agradando. A muito tempo, ela vem pedindo socorro, inclusive para uma de suas filhas, a mãe de Gustavo, mas sabia que na hora certa, ele iria à sua morada. Este jovem então percebe que as histórias contadas por sua mãe sobre um pedido de ajuda vindo do fundo da lagoa não eram uma ficção.

Muito confuso com toda aquela situação e admirado com a beleza daquele palácio, que se parecia muito com as histórias contadas por sua mãe, mesmo sem saber o que poderia fazer Gustavo aceita o pedido de ajuda. A mãe das águas te diz que antes de ir, ele precisava ver uma

coisa e pede para ele acompanhar ela. Ao seguir, Gustavo acaba despertando à beira de um rio, das águas escuras e com uma corrente muito forte. Apesar de se aparentar as matas densas do Abaeté, não havia rios daquela dimensão em Itapuã. Ele acaba, passando um período vivendo nas matas ao redor deste rio. Até que um dia ao caminhar até uma distância maior que a de costume ele acaba se dando conta de que ele estava na verdade do outro lado do Atlântico na cidade de Oxobô, no estado de Oxum, na Nigéria. Ao perguntar que período era aquele eles lhe contam, que estava em 2022. Gustavo fica surpreso como aquela cidade havia preservado aquela mata tão densa. Ele acaba passando mais um período nesta cidade e consegue compreender que todas as dinâmicas da região foram formadas a partir do rio. Aquele lugar, parecia para ele uma cidade futurista.

Em uma das caminhadas feitas pelo bosque ao se sentar à beira do rio, para descansar ele escorrega e cai nas águas. Ao despertar ele estava na beira da lagoa do Abaeté, instantes após ser puxado pelo redemoinho. Todos os funcionários ficaram sem acreditar que ele estava vivo pois ele havia passado cerca de 20 minutos embaixo d'água. O seu colega de trabalho não teve a mesma sorte. Dizem os mais velhos que a Lagoa só leva as pessoas que não tem o coração bom.

Após passar pelos primeiros socorros, Gustavo ao voltar para casa enquanto assistia televisão descobre que a empresa que ele trabalhava havia ganhado a negociação da construção, comentada por seu colega antes de falecer. As notícias denunciavam que a licitação ocorreu de forma secreta, sem o conhecimento da população.

No dia seguinte ao retornar ao trabalho, Gustavo motivado por perceber que era possível construir cidades respeitando a presença dos elementos naturais dos territórios, tenta alertar aos diretores desta construtora que estes projetos não respeitavam os parâmetros da legislação de proteção ambiental, que iria agredir de forma irreversível as últimas áreas verdes da cidade de Salvador, retirando elementos fundamentais do cotidiano da população. Inconformados com este questionamento, os dirigentes acabam demitindo este arquiteto da empresa.

A realização destas construções envolvia grandes investimentos e seguiam a todo vapor. Edificações de aço e vidro, tomam o lugar das matas e dunas. As atividades da obra utilizavam as águas da própria lagoa e em menos de seis meses, o único vestígio do Abaeté que era possível avistar era apenas um pequeno espelho d'água, que foi murado para servir de chafariz na entrada deste condomínio. Diversas mobilizações foram feitas, porém não foi possível impedir o avanço desta devastação. Gustavo passa a se sentir fracassado, vendo tudo isto acontecer, sem poder realizar o pedido de socorro e acaba se mudando da região, para evitar ver essa devastação.

Em menos de três anos a construção dos complexos de habitação foram concluídas. Horas antes da inauguração, o clima do dia que estava de sol, muda e nuvens carregadas fecham o tempo de em toda a cidade de Salvador. Inicia um forte temporal, que se estende por 8 dias seguidos. Com esta forte chuva, a lagoa chega ao seu nível máximo de 100 anos. A Lagoa encheu tanto, que se conectou com o mar, fato que era contato pelos mais velhos. Todas as casas de luxo construídas na beira, acabaram ficando submersas na Lagoa, os fortes ventos movimentaram as dunas reformulando a paisagem que havia antigamente. Depois de um período o ambiente se regenera dando espaço novamente às espécies de plantas e animais. A construção foi um fracasso e os compradores entraram com um processo na construtora que acabou falindo. Ao saber desta revolta da natureza, Gustavo faz questão de ir neste local. ao chegar na beira da lagoa, ele se lembra que durante a conversar com a rainha das águas, ela havia lhe dito para ele nunca se esquecer que as mães podem ser bondosas e querem sempre o bem de seus dos filhos, porém não duvidem da imensidão de fúria que pode ser despertado nestas mulheres ao colocar seus filhos em risco.

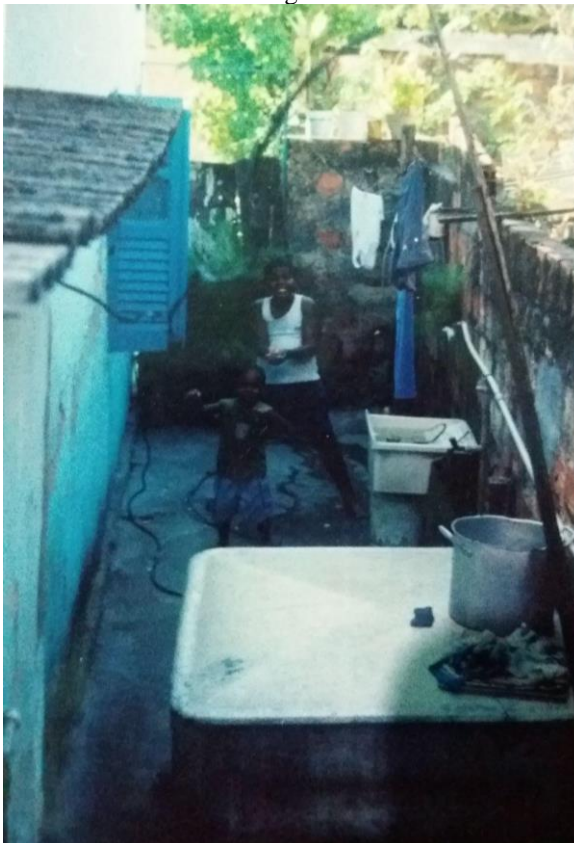


2.2.2 Vestígio das águas

Água encanada, não existia
Os poços é que se viam
Lata d'água na cabeça
Mamãe dizia, não esmoreça
(...)
(SANTOS, 2016)⁷

No período da minha infância, era bem comum principalmente durante as férias de verão, eu e meu irmão Thiago passarmos as tardes brincando com a água do tanque e tomando banho de mangueira no quintal da casa de minha avó enquanto ela lavava o feijão para preparar o acarajé. Ou então a minha mãe e minha tia estavam lavando roupas. Volta e meia durante as brincadeiras, a gente fantasiava que este tanque de concreto, que fica fixo no chão era muito profundo que nem a fonte que fica na perto do jardim. Que caso os brinquedos caíssem nós iríamos perder definitivamente.

Figura 61 - Gustavo e seu irmão Thiago brincando no beco da casa de Maria



Fonte: Acervo do autor. (2004)

Talvez a fonte não fosse tão funda, porém o fato de nunca ter visto ela aberta, junto às diversas histórias que pude ouvir ao longo dos tempos, sobre como a água que brotava do chão era cristalina, que dava para ver até as pedrinhas brancas que tinham no fundo e como os

⁷ Canção Passado e Presente – As Ganhadeiras de Itapuã. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Qu-KtL9D1fM&ab_channel=CoaxodoSapo .

do Abaeté também se torna uma referência-chave no viver cotidiano dos descendentes de africanos. (LUZ,2012, p. 137)

Os limites atuais do bairro de Itapuã estão situados entre a Bacia Hidrográfica do Rio Jaguaribe e a Bacia de Drenagem Natural de Stella Maris. Jaguaribe o nome do rio, que nomeia a bacia em que ele está localizado, sendo a segunda maior bacia de Salvador, tem origem no vocabulário dos povos originários que habitaram este território inicialmente o Tupi. A sua nomenclatura corresponde a Yaguar-y-be, rio de onça. (SAMPAIO, 1997, p. 266). O Rio Jaguaribe, que tem suas nascentes nos bairros de águas Claras, Valéria e Castelo Branco, junto com o Rio do Bispo e outros afluentes menores, cortam o território de Itapuã.

O bairro conta também com as lagoas do Abaeté, Dois-Dois, Catu, Urubu, dentre outras, que estão situadas na Área de Proteção Ambiental das Lagoas e Dunas do Abaeté, localizadas dentro dos limites territoriais da Bacia de Drenagem Natural de Stella Maris. Itapuã, junto com alguns territórios destas duas bacias abriga além destes afluentes de águas doces, remanescentes do bioma da Mata Atlântica, dunas e vegetação de restinga, elementos naturais nativos desta localidade, que proporcionam o lar para muitas espécies de animais desta região.

Porém, assim como as Jaguaribes, que deram nome a bacia hidrográfica local, muitos dos mananciais naturais que auxiliavam o cotidiano local com a intensificação da urbanização, já não podem ser mais vistas. Entretanto ainda há algumas permanências na paisagem de Itapuã, assim como a fonte da casa da minha avó Maria, que apontam estas dinâmicas socioespaciais dos Itapuãzeiros.

Figura 63 - Fonte de água da casa de Maria



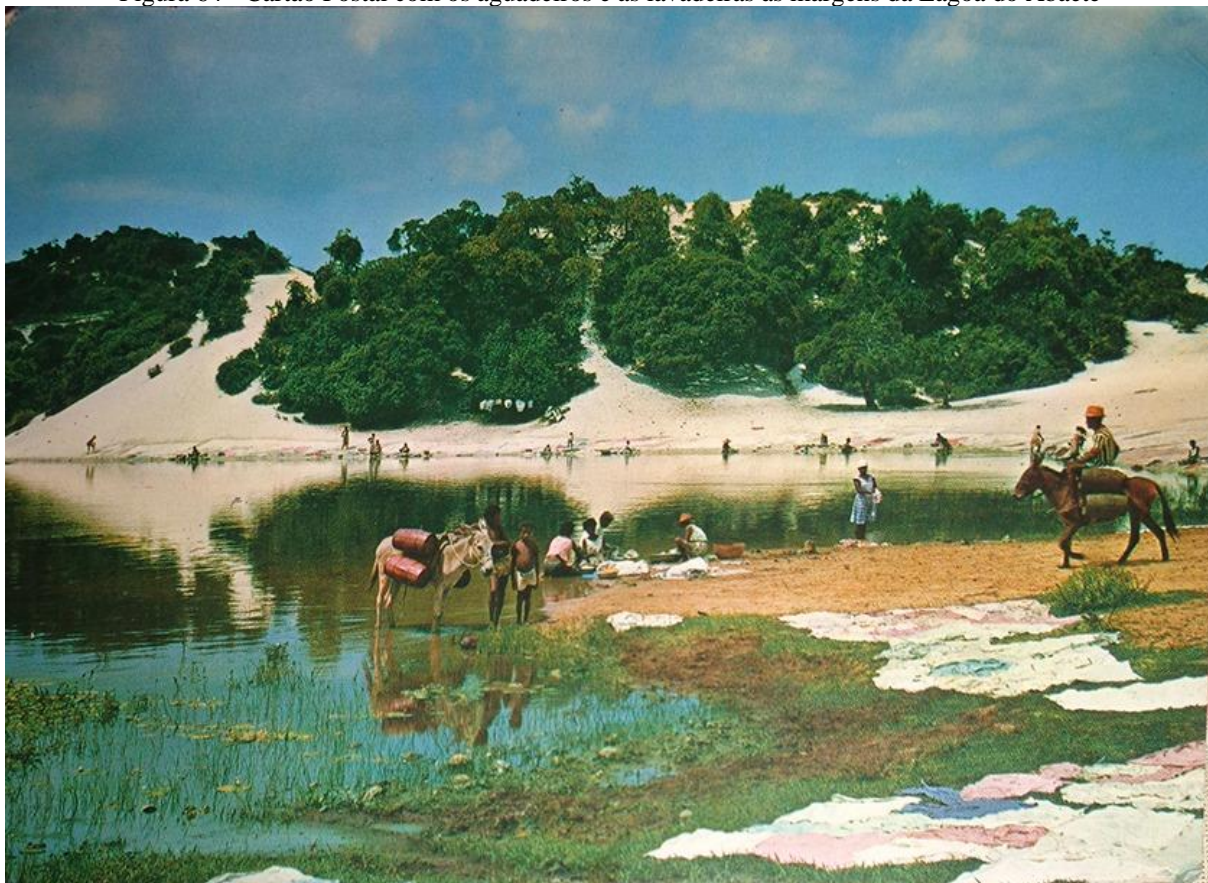
Fonte: Acervo do autor. (2020)

2.2.3 A Lagoa do Abaeté

Fazia parte do meu cotidiano na infância, brincar somente dentro de casa nos dias em que uma de nossas vizinhas levava as batas para estender no quintal. Ela também é uma das primeiras moradoras que ocupou a Nova Conquista junto com a minha família. Assim como a minha avó Maria, ela também é baiana de acarajé. Não me recordo o dia exato, mas tinha um dia específico semana que era a sua folga e ela reservava para lavar e engomar suas vestimentas de trabalho. Como uma forma de conseguir uma renda extra, ela lavava também para outras baianas. Como em sua casa não tinha um espaço aberto, como em minha casa, a minha avó Maria cedia o seu quintal. Atualmente ela não mora mais na Nova Conquista, mas ela era uma das vizinhas mais próximas da minha família, durante o tempo que essas batas secavam, que por sinal demorava bastante, ela ficava lá em casa junto com a gente.

Muitas vezes nesses momentos, eu as ouvia contando que antigamente passavam o dia lavando no Abaeté, além dos vários fatos que aconteciam também no momento que a fonte da casa de minha avó funcionava e quase todos os vizinhos pegavam e lavavam roupas, com as suas águas. Para entender como estas relações permaneceram até aquele momento, é importante destacar as dinâmicas construídas pela população de Itapuã com a Lagoa do Abaeté.

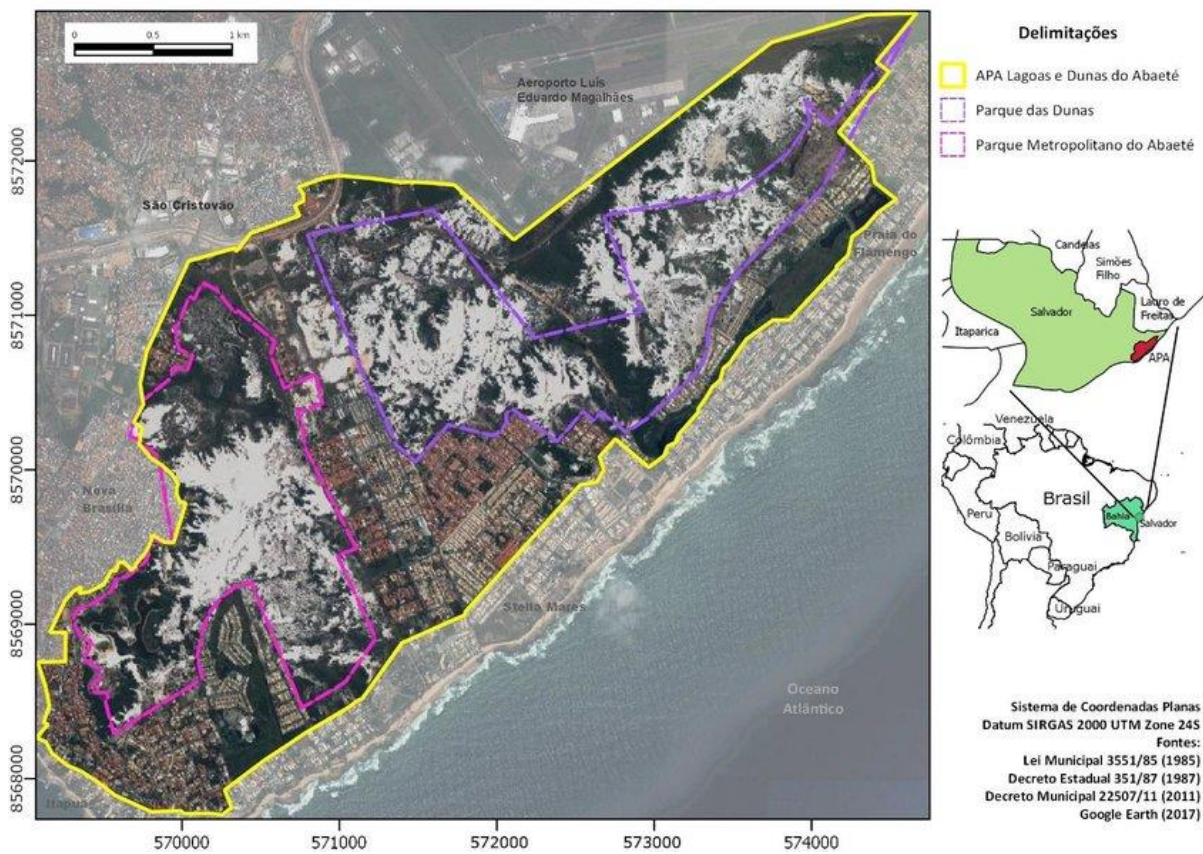
Figura 64 - Cartão Postal com os aguadeiros e as lavadeiras às margens da Lagoa do Abaeté



Fonte: Eucília Soares Leiloeira.

Para situar espacialmente, a Lagoa do Abaeté faz parte da área do Parque Metropolitano do Abaeté e se encontra dentro da Área de Proteção Ambiental das Lagoas e Dunas do Abaeté. Localizado em Itapuã, um dos bairros de Salvador, a Nordeste da Orla Atlântica da cidade, há cerca de 15 quilômetros do Centro Histórico.

Figura 65 - Mapa com de localização da APA Lagoa e Dunas do Abaeté



Fonte: Ricardo Fraga Pereira. (2020)

Contam os mais velhos, que há muito tempo atrás a Lagoa do Abaeté era a nascente de um grande rio. Com o passar dos tempos, os fortes ventos modificaram a formação das dunas retendo as águas neste local. A Lagoa do Abaeté tem aproximadamente 8 metros de profundidade de água e mais 4 metros de lodo, formado pelas folhas das árvores que assentam e se decompõem no fundo da lagoa, dando a coloração escura.

Os mais velhos também sobre a lenda do Abataé. Em meus 27 anos de vida, escutei em diversos momentos de pessoas mais velhas e até mesmo nos debates sobre o folclore brasileiro nas escolas do primário, a Lenda da Lagoa do Abaeté. Este conto é sobre um índio forte chefe de uma tribo, que era noivo de uma jovem mulher. Um dia, ao tomar banho nas águas do Abaeté, despertou uma paixão na mãe das águas. Ao saber de seu casamento com uma jovem, a mãe das águas o arrastou para o fundo da lagoa. Após o seu sumiço, a sua noiva passou a ir principalmente nas noites de lua cheia para a beira da lagoa, chorar pela perda de seu esposo.

A mãe das águas ao perceber a sua presença na beira da lagoa, transformou a noiva junto com seu vestido e a sua grinalda nas dunas que circundam a lagoa do Abaeté.

A autora teórica feminista, artista e ativista social estadunidense bell hooks, em seu livro *Olhares Negros: raça e representação* (1992), dentre os diversos debates, traz a reflexão de que antes dos africanos embarcarem em uma diáspora pelo oceano rumo ao “novo mundo”, já possuíam uma ligação com os indígenas que já habitavam as américas antes do período colonial. Os conhecimentos destes dois povos se assemelham por reverenciarem seus ancestrais, a natureza, e a vida. Por possuírem hábitos de viver e de ver a vida semelhantes e por terem a consciência de que o reconhecimento de seus ancestrais era fundamental para de sua permanência, de sua comunidade e de sua cultura, passam a compartilhar neste “novo mundo” as suas crenças.

A lenda da Lagoa do Abaeté, é um gatilho que nos levar a perceber a presença desta relação apresentada por hooks (1992), entre os indígenas que já habitavam o território e os africanos escravizados que vieram para o Brasil, nos primeiros momentos que a região foi urbanizada no século XVIII. A construção desta lenda é proveniente dos conhecimentos compartilhados entre estes ancestrais, sendo um dos elementos fundamentais para a preservação da identidade cultural da Lagoa do Abaeté até os dias atuais.

A influência da presença indígena se mantém presente no nome desta lagoa. Abaeté na tradução da língua Tupi, significa pessoa boa. Os mais velhos contam que a lagoa leva então o nome de Abaeté, para homenagear esse grande e honrado chefe que foi levado pela mãe das águas doces, que os Tupinambás chamavam de YUPIARA (LUZ, 2012).

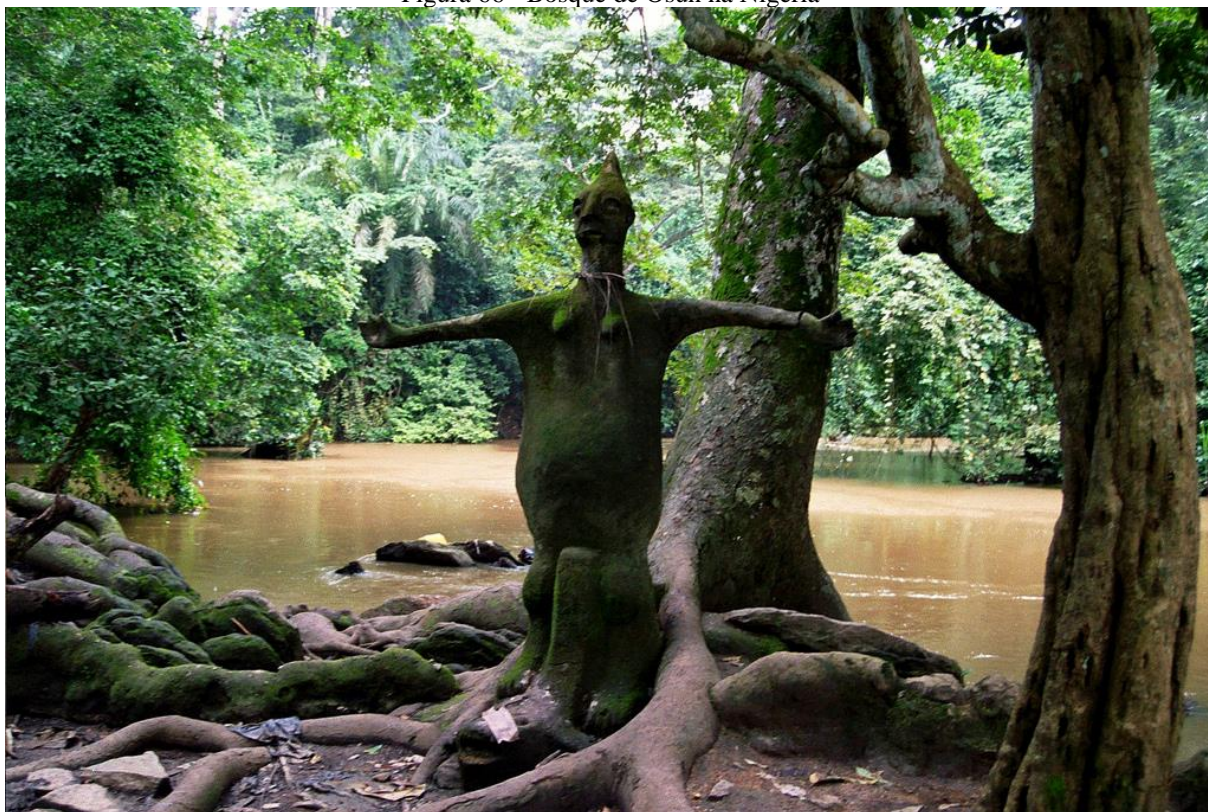
Na Nigéria, em Ilexá, Ijebu e Oxogbó correm as águas do rio Osun, a morada de Oxún-Okê, a mais bela ancestral rainha das riquezas, protetora das crianças e mãe da doçura. O Bosque Sagrado de Osun-Osogbo é a floresta sagrada que fica nas margens do rio Osun que se encontra na cidade de Osogbo, é considerada a sua casa. (UNESCO, 2005)

Por volta de 400 anos, caçadores da Nigéria que permaneciam em meio a floresta de Osogbo, em busca de locais que fornecessem água encontram o rio Osun, onde logo em seguida acabam instalando suas moradias nas margens deste rio. Esta pequena população ao se estabelecer nesta região, continua praticando de maneira mais intensa as suas atividades de caça passando a desagradar Osun. Até que em um dia durante a perseguição de um cervo eles acabam derrubando uma árvore muito grande, que acabou caindo sobre o rio Osun. No momento da queda junto com a água que emergiu, surge uma voz informando que ali era a morada de Osun e que não eles não poderiam permanecer mais ali.

Assim, Osun guiou os passos e os caminhos que esses caçadores deveriam seguir e se instalar. Este novo território com o passar dos tempos se tornou um dos locais com o comércio mais intenso da região. Devido à forte exploração da floresta para favorecer o comércio, Osun novamente ordena que eles deveriam acabar com as suas atividades neste local e caminhar até não ouvirem mais a sua voz, neste local era onde deveria ser a nova morada deles. Em um acordo duplo, ela pactuou com esta população que uma vez por ano eles poderiam retomar ao rio para lhe visitar e celebrar junto a fartura e todos os benefícios que a natureza lhes oferecia. E assim, surge o festival anual de Osun.

O denso Bosque Sagrado de Osun, mesmo nos dias atuais cercado por ocupações urbanizadas, é um dos últimos locais que preserva em sua floresta espécies primárias no Sul da Nigéria. O entendimento de mundo a partir da cosmovisão das religiões dos Orixás, se expande para uma lógica em que a natureza também faz parte dos ancestrais. Esta forma de agir e atuar no mundo possibilitou o respeito da população a Osun a dona deste rio e das matas da região, preservando este ambiente ao longo dos tempos.

Figura 66 - Bosque de Osun na Nigéria



Fonte: UNESCO/ Autor: Thierry Joffroy. (2005)

Segundo o historiador brasileiro João José Reis (1996), no século XIX, a maioria dos africanos escravizados presentes na Bahia era Iorubá da nação Nagô. Estes Africanos que vinham para o Brasil, eram da região sudeste da Nigéria e da parte leste do Benin, de diversos territórios, como Oió, Queto, Egba, Yagba, Ijexá, Ijebu, Ifé dentre outros. Muitos professavam

a religião muçulmana, porém a maioria eram adeptos ao culto dos Orixás. Estes corpos negros trouxeram consigo as suas crenças para o território dos tupinambás.

Os africanos adeptos dos cultos dos orixás que foram escravizados e vieram para Itapuã encontraram nas matas, dunas e na Lagoa do Abaeté a morada da mãe das águas doces cultuadas pelos Tupinambás. A confluência entre as cosmopolíticas e as relações espaciais semelhantes que estes dois povos tinham com a natureza, permitiu firmar uma conexão transatlântica com a fertilidade da vida encontrada tanto no Abaeté quanto no Bosque Sagrado de Osun. A confluência dessas cosmopolíticas que comungam o respeito à mãe das águas e a natureza está atrelada à formação da identidade dos Itapuãzeiros e conseqüentemente ligada à construção territorial de Itapuã. As relações com a natureza herdada dos ancestrais continuam presentes nas vivências cotidianas.

No Brasil Oxum, é a Orixá rainha das águas doces cultuada na religião yoruba. Representada como uma linda mulher negra, com joias de ouro, sentada na beira dos rios e lagos, com o seu abebe, acompanhada de uma criança pequena, demonstrando o seu poder de fertilidade e riquezas. O abebe de Oxum, é um leque em formato circular feito de cobre ou latão, sempre revestido com a cor dourada, ornamentado com figuras em alto relevo tendo na borda elementos que remetem aos óvulos e ao centro peixes e pássaros. O seu abebe representa o seu poder de mãe ancestral. Oxum é a detentora das energias femininas e dos mistérios sagrados dos corpos das mulheres, que geram, alimentam e protegem os filhos. Oxum, é quem protege e zela pelas crianças recém-nascidas. (VERGER, 1997)

Figura 67 - Oxum... Mãe do amor incondicional



Autora: Aislane Nobre / Fonte: Facebook Aislane Nobre Arte. (2015)

A lagoa do Abaeté é a morada de Oxum a mãe das águas doces, é um dos elementos vitais no cotidiano da população, fundamental para a permanência das tradições ancestrais e na abertura de possibilidades de existências neste território. “Já diziam a lavadeiras antigas, as moradoras antigas que a Lagoa do Abaeté era uma grande Mãe. Ela deu, ela ofertou, ela educou, ela sustentou...” (VERONICA apud A LAGOA, 2020). A fala de Veronica, que é uma das mulheres do grupo musical As Ganhadeiras de Itapuã, representa de forma singela a grandiosidade do significado desta lagoa para muitos moradores de Itapuã

Como toda mãe que seja por seus filhos, a Lagoa do Abaeté suas matas não deixava os seus filhos passarem fome. A vasta diversidade de espécies de plantas frutíferas nativas da região até meados do século XX, serviu de fonte de alimentação para muitos moradores de Itapuã.

Abaeté sustentou muita gente. Nós somos pessoas pobres, isso aqui é uma periferia. Os tempos de outrora eram muito mais difíceis, faltava comida mesmo para a gente e o Abaeté sustentava. O Abaeté nos dava peixe, o Abaeté nos deu camarão, o entorno do Abaeté nos deu nicuri, nos deu mangá, nos deu caju, nos deu várias frutas. A gente não passava fome. (MÃE CACAU apud A LAGOA, 2020)

2.2.4 As Lavadeiras

Ô lavadeira que lava sem areal
 Ô lavadeira que lava sem areal
 Faz sol meu Deus pra lavadeira lavar
 Faz sol meu Deus pra lavadeira lavar
 (PÚBLICO, 2016)⁸
 Lava a Roupa lavadeira
 Do Abaeté
 Na sombra do Angelim
 Até quando Deus Quiser
 Ô Lava a Roupa lavadeira do Abaeté
 Na sombra da Aroeira
 Até quando Deus Quiser
 Na sombra da Aroeira
 Deixa o tempo passar
 Na sombra do Angelim
 Espera a roupa Quarar
 Na sombra do Angelim
 Deixa o Tempo Passar
 Na Sombra da aroeira
 Canta e dança iaiá ô
 Canta e dança iaiá ô
 Ô Roda o sol
 Ô roda a saia
 Sai o dia Enluará
 Ô Roda o sol
 Ô roda a saia
 Com a Alma lavada
 (PASSOS, 2016)⁹

⁸ Canção Canto da Lavadeira – As Ganhadeiras de Itapuã. Disponível em: <<https://coaxodosapo.bandcamp.com/track/canto-da-lavadeira-prelu-dio-das-a-guas>> .

⁹ Canção Com a Alma Lavada – As Ganhadeiras de Itapuã. Disponível em: <<https://coaxodosapo.bandcamp.com/track/bando-das-ganhadeiras-com-a-alma-lavada>> .

A partir da lavagem de ganho nas águas do Abaeté, muitas mães de Itapuã conseguiram sustentar os seus filhos. A tradição das ganhadeiras do modo conseguir obter renda para sobreviver em meio às condições sociais impostas aos descendentes dos escravizados, foi passada de geração em geração como foi dito por Maria de Xindó:

Minha mãe e minha avó eram ganhadeiras de vir com o tabuleiro, elas eram mercendeijas, porque elas vinham com o tabuleiro e o balaio na cabeça, vendendo os quitutes. Então eu sou ganhadeira, por lavar e passar, mas minha mãe e minha avó foram ganhadeiras de vender. (AS GANHADEIRAS, 2015)

As Ganhadeiras fazem parte dos marcos da continuidade da presença negra não só em Itapuã, mas em toda Salvador. Estas mulheres, marcavam presença nas ruas desde o século XVIII desempenhando diversas atividades essenciais para o funcionamento da cidade. A fala de Dona Marinha define muito bem este que é ser uma ganhadeira e aponta também para o papel fundamental que estas mulheres tinham na comercialização da pesca em Itapuã até meados do século XX:

Ganhadeira é quem vive do suor do rosto. Lavei roupa, passei, suei né? Sou uma ganhadeira porque tô lavando roupa de ganho. Tô passando roupa de ganho, sou uma ganhadeira. Tô costurando, sou uma ganhadeira.

Ganhadeira aqui é porque as mulheres dos pescadores, naquela época que não tinha geladeira, então eles pescavam elas pegavam os peixes na mão deles, levavam para casa, assava e botava no balaio para sair para vender. E ganhadeira é todas que vivem do seu sacrifício, da sua luta, lutando para sobreviver. (AS GANHADEIRAS, 2020)

Como foi abordado por Costa (2019), o trabalho de ganho como lavadeira no Abaeté, realizado por muitas das matriarcas negras de Itapuã, era uma das atividades que extrapolavam os limites das casas e marcavam o cotidiano de Itapuã. Maria do Xindó, que conseguia através deste ofício conseguir fontes de renda para sustentar a sua família:

Minha mãe dizia, que quando a gente não acha o que caça, pega no que acha. Eu não achei um emprego, fui lavar de ganho. Lavei pra nove famílias, dez com a de casa. Mas feliz da vida, porque não tinha outra coisa para fazer, era isso mesmo. Graças a Deus criei minhas filhas lavando de ganho. (AS GANHADEIRAS, 2020)

Por meio das reflexões construídas pela Doutora em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA Cecília Moreira Soares (1994), conseguimos compreender que a prática das lavadeiras além de possibilitar fontes de sobrevivência, era também o momento em que os laços de amizade e solidariedade se fortaleciam.

Eu mesma quando lavava roupa vinha três vezes na semana. Eu não gostava de lavar com o vento, na semana que tinha vento. Se domingo parasse o vento eu vinha de madrugada para o Abaeté lavar, para quando as pessoas comessem a chegar, porque aqui vinha muito turista, muita gente passeava aqui em Itapuã no Abaeté. Eu aí vinha cedo para eu ir me embora cedo, para não incomodar as pessoas que vinham passear e nem as pessoas me incomodar, porque iam pisar em minha roupa e eu não ia gostar (risos).

(...)

Quando nós acabamos de lavar as roupas, subia o morro, ia pegar frutas no morro, ia pegar galhos de mato para poder enfiar as roupas, para as roupas ficarem enfiadas. Os lençóis no chão e as roupas enfiadas. Ninguém levava nada de ninguém, as pessoas podiam até cavar a areia deixar a roupa enterrada. Quando chegasse desenterrava e terminava de lavar, ninguém levava a roupa de ninguém se levasse uma peça, no outro

dia “de quem é essa peça de roupa que ficou no meio da minha?” Tá entendendo? Era uma coisa muito gostosa. E a gente cantava, a gente fazia samba, inventava moda, fazia acozinhado, fazia feijoada. Trazia menas roupas, uma trazia menas roupa para tomar conta do fogo. Era uma vida boa e alegre. (MARIINHA apud AS GANHADEIRAS, 2015).

Botava a roupa para arar, deixava em cima da areia em quanto isso a gente ficava brincando na areia e na lagoa. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, moradora do bairro de Itapuã, em 20 de abril de 2019).

Figura 68 - Lavadeiras e banhistas na Lagoa do Abaeté na década de 1980

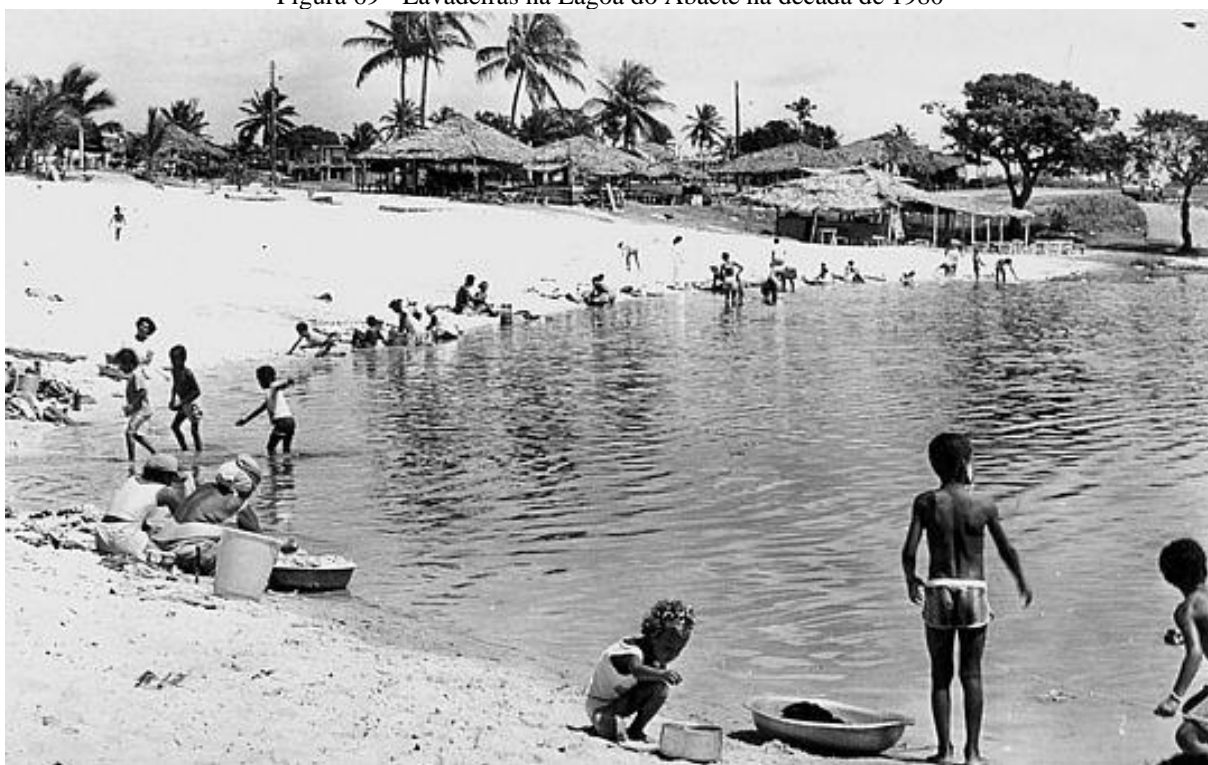


Fonte: Arquivo do Correio. Autor: Ailton Cordeiro.

A prática da lavagem de roupa de ganho realizada por estas mulheres negras, se fortalece economicamente, a partir da implantação da vila dos militares da Aeronáutica e com o fortalecimento do veraneio na região a partir da década de 70. Costa (2019), ainda nos apresenta que as atividades desenvolvidas por essas mulheres negras eram realizadas através de cantigas. Essa prática remete à memória coletiva dos ancestrais que realizavam os preparativos e aos rituais afro-brasileiros com os cantos. Na cultura africana não há uma separação entre a reverência às suas deusas e deuses, as músicas, as danças e suas atividades cotidianas.

A gente com os nossos filhos tudo ali lavando roupa de ganho, tirava aqueles pés de árvore e enfiava pra botar as roupas para enxugar. Os lençóis na areia, tá entendendo? Fazia nosso samba de bacía, aquelas lavadeiras velhas que já foram, a gente ficava na lagoa do Abaeté, quando todo mundo terminava de lavar, a gente sentava para almoçar aí fazia aquele samba de bacía, batendo na palma da mão todo mundo sambando na lagoa. (DIANA DO PANDEIRO apud A LAGOA, 2020)

Figura 69 - Lavadeiras na Lagoa do Abaeté na década de 1980



Fonte: Arlindo Félix / Arquivo Ag. A Tarde.

Não eram só as mulheres que trabalhavam de ganho, que lavavam roupa no Abaeté. Apesar da minha avó Maria não lavar roupa de ganho, a minha família mantinha essa prática como foi relatado por minha mãe: “A gente lavava roupa no Abaeté, tinha água em casa, mas era costume lavar lá” (EDNALVA, 2019). Essa técnica, herdada da população africana que habitava a região, permaneceu mesmo após os processos de modernização ocorridos na região, que possibilitou dentre tantas modificações, o abastecimento de água. O costume de ir para a lagoa, lavar as roupas e levar as crianças para brincar se manteve até o início da década de 1990, antes da construção do Parque Metropolitano do Abaeté.

2.2.5 Os Aguadeiros

Infelizmente, atualmente eu não tenho contato com o meu pai João, pelas mesmas questões em torno do divórcio que afastou o meu avô Crispim da família. Porém, durante uma das conversas que eu realizei com a minha mãe Ednalva e a minha tia Conceição, a minha mãe recordou que o meu pai era um dos aguadeiros de Itapuã.

Ednalva: Ah Gustavo, seu pai tinha uma uma jeguinha, as pessoas vendiam água também nos jegues. Como é o nome daqueles negócios que o pessoal botava do lado dos jegues?

Conceição: Barril. Tinha uns barris de madeira assim Gustavo, que enchia de água, tampava e aí sai vendendo pelas ruas.

Ednalva: Tinha um furinho só.

Conceição: Cada barril era um preço de água. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida e Conceição Almeida, moradoras do bairro de Itapuã, em 05 de julho de 2021).

Antes de morar em Itapuã, o meu pai e o meu avô paterno João, nascido em Jaguaquara, um dos municípios do interior da Bahia, residia em uma casa no bairro de Periperi, localizado na região da Cidade Baixa de Salvador. Na década de 1970, com a intensificação da urbanização em Itapuã, eles passaram a morar em uma casa às margens da Lagoa do Abaeté, localidade que havia iniciado a ocupação também neste período.

Diversas vezes o meu pai fazia questão de contar, nos momentos que ele estava reunido comigo e meu irmão Thiago, sobre como no início de sua adolescência, vivenciada entre os anos de 1970 e 1980, ele trabalhava entregando água nos momentos que não estava na escola. Ele iniciou esta atividade quando conseguiu uma lata, que enchia com a água do Abaeté e levava na cabeça até algumas casas que ficava próxima a sua em troca de algumas moedas. Com o tempo ele conseguiu juntar dinheiro, comprou uma “jeguinha” e passou a ter um volume maior para entregar para mais pessoas. Ele também entregava coco verde, que colhia dos diversos coqueiros que havia na região. Com essas atividades, conseguiu juntar um valor que na época dava para ele comprar uma das barracas de praia. Porém como ele era menor de idade, o seu pai não deu autorização para ele fazer essa aquisição.

Trouxe essa história para destacar que além das lavadeiras, a presença dos aguadeiros marcava fortemente a paisagem do Abaeté e de toda Itapuã. Eles foram figuras essenciais nas dinâmicas cotidianas da população deste território até meados do século XX, antes da água encanada ser implantada em todas as regiões do bairro. Estes homens, que contavam com ajuda dos burros ou dos jegues, abasteciam os barris com água e saíam vendendo pelas ruas, entregando nas casas das pessoas. Os jegues e os burros, eram utilizados devido a sua baixa estatura em comparação aos cavalos, o que facilita o carregamento, além de serem fortes e bem resistentes.

Figura 70 - Aguadeiro na Lagoa do Abaeté



Fonte: Grupo do Facebook Principado de Itapuã.

2.2.6 As Cacimbas

O avô materno de Adroaldo Lima, além de tomar conta de alguns terrenos que ficavam localizados próximo ao Farol de Itapuã, era também responsável em abastecer de água as casas da região. Ele também tinha um burro, que carregava os barris com as águas da cacimba que havia em Itapuã, que ficava localizada na Rua da Cacimba, que tem esse nome justamente em referência à está fonte natural de água.

Cacimba são buracos perfurados, geralmente em terrenos úmidos para reter água, onde se perfura o solo até encontrar o nível do lençol freático. Esta técnica é utilizada com frequência no nordeste brasileiro. O solo de Itapuã é um território propício para a realização destas construções.

O Plano Urbanístico para Itapuã desenvolvido em 1986 pela Secretaria Municipal do Planejamento de Salvador, ao descrever sobre os aspectos da drenagem registrou a partir de seus estudos, que “o bairro de Itapuã apresenta uma hidrologia rica em córregos, lagos e “olhos d’água”.” Assim, além do Abaeté a paisagem de Itapuã contava com esses pontos e percursos naturais de águas doces, que também era utilizada pela população para abastecer as suas casas

e realizar as suas atividades cotidianas. Esses pontos eram extensões das moradias onde os moradores mantinham as dinâmicas e fortaleciam seus vínculos afetivos e suas relações de sociabilidade. Rosenilda (2021), relatou que até o período de sua infância ainda era possível ver o percurso dos afluentes que formam a Cacimba:

Tem um riacho, que corta pelo Dendê e sai ali pela Cacimba e atravessa a rua que vai sair lá na Sereia. A gente ficava brincando com aqueles bichos. Eu não gostava, porque naquela época já tinha virado esgoto, não era mais limpo não. E tinha um peixe, que pulava chamado Caboge, que pulava meu filho. Era areia, tudo areia, o pessoal jogava vôlei ali naquele lago da frente. (Fragmento da entrevista concedida por Rosenilda Souza, moradora do bairro de Itapuã, em 23 de novembro de 2021).

O córrego do bispo, conhecido também como “beira-rio”, é até os dias atuais um dos principais receptores dos demais córregos que cortam Itapuã. Antes de ser poluído com o lançamento dos dejetos de esgoto, era possível se banhar e pescar nesse rio. Esse foi um dos pontos que Adroaldo trouxe em uma das conversas que realizamos: “O Beira Rio, era um rio mesmo. Não tem a ponte do 17? A gente descia ali para pegar camarão, ali dava muito tatu e jacaré.” (Fragmento da entrevista concedida por Adroaldo Lima, morador do bairro de Itapuã, em 19 de novembro de 2020).

2.2.7 Os chafarizes e a barragem

Entre os anos de 1852 e 1905, a Companhia do Queimado forneceu a primeira rede de distribuição de água potável para Salvador. O serviço de abastecimento se iniciou com a venda de água através dos chafarizes e casas de vendagem, que foram substituídos posteriormente pelos sistemas de água encanada. Vale ressaltar que neste momento os limites da cidade englobavam apenas a região do Centro Histórico. Como já foi apresentado anteriormente, a região Itapuã era considerada um subdistrito de Salvador.

O primeiro momento que os órgãos públicos implantaram um sistema de abastecimento de água encanada em Itapuã, ocorreu durante a gestão do Vereador Genebaldo Figueiredo entre os anos de 1935 e 1936. Buscando suprir as necessidades dos poucos moradores que residiam neste período, foi construída uma barragem no final da Rua Olhos D’Água aos pés do Morro do Vigia, com o intuito de captar água para abastecer os chafarizes públicos e algumas casas mais próximas, abrangendo principalmente as casas do Porto de Cima, onde se instalavam os veranistas e os moradores com melhores condições financeiras. (GANDON, 2018, p. 372 -373)

Figura 71 - Lagoa da Barragem de Itapuã na década de 1970



Fonte: Grupo do Facebook Principado de Itapuã. Autor desconhecido.

Neste local onde a barragem foi construída, havia um pequeno córrego onde foi construído uma contenção para reter as águas para realizar o abastecimento deste sistema, formando uma “fonte grande”. Essas águas escuras, semelhante a do Abaeté, eram utilizadas apenas para tomar banho, lavar roupas e realizar a limpeza das casas. Junto ao muro de contenção desta barragem havia um cano, que escoava água possibilitando que as pessoas tomassem banho e lavar roupa lá mesmo. Os aguadeiros também abasteciam seus barris de água neste local para transportar com ajuda dos burros.

Próximo a barragem, em um nível mais abaixo, próximo a um pé de cajueiro havia a outra nascente conhecida também como “fontinha”. Os moradores utilizavam suas águas cristalinas para beber. Na conversa realizada com a minha avó Maria no dia 07 de março de 2022, ao questionar como era a paisagem da barragem, ela me deu a seguinte descrição:

Maria - Se você olhar da praia assim, dá para fazer a imaginação. O morro tá lá, não é? O morro tá lá. Aí o morro é o paredão, que você subia e descia. Aí essa lagoa já ficava cá embaixo no pé do morro, a água que a gente pegava era embaixo desse morro de areia. E a casa era como aqui assim. Tudo era mato, era grama, era pé de cajueiro, era estrada de chão. Mulher botava roupa para quicar em cima da grama, em cima da areia, passava sabão em cima da areia, enxugava roupa em cima dos pés de pau, nas cercas de arame. E ao lado esquerdo para lá, tinha uma fazenda de Sr. Belizário e o resto tudo para lá era mato, não tinha o Lomanto ainda não. No pé do morro, era cajueiro, bambuzal, piaçabeira.

Gustavo - E essa casa era como? Já era de alvenaria?

Maria - Era de alvenaria. Me lembro que tinha a varandinha assim, tinha um murinho assim igual a esse que a gente ficava sentado em cima. E os minadores, desciam pela beira da casa assim. Tudo era água e minador. Era legal Gustavo. (Fragmento da

entrevista concedida por Maria Guimarães, moradora do bairro de Itapuã, em 20 de março de 2022).

Assim como acontecia na Lagoa do Abaeté, este local da Barragem, além de suprir a necessidade em torno das águas, era também um de encontros dos moradores onde os laços de amizade e solidariedade se fortaleceram. Muitas crianças da época, desciam o morro sentados em palhas de coqueiros e depois se banhavam nas águas da Barragem.

Além da barragem, os chafarizes também marcavam a paisagem de Itapuã. As águas fornecidas pelos chafarizes eram utilizadas principalmente para beber. Diferente do Abaeté e das fontes naturais, a coleta de água nesses pontos passou a ter um custo.

Figura 72 - Chafariz que ficava na rua Aristides Milton, em frente à Praça Dorival Caymmi na década de 1960



Fonte: Arquivo do Tempostal de Antonio Marcelino / Autora Sascha Harnesch

Para a construção deste sistema de água encanada, neste primeiro momento, ocasionou na destruição de algumas das fontes naturais, que serviam para o abastecimento da população. Uma delas foi a “Fonte do Boi”, próximo ao local onde foi instalada a caixa d'água que abastecia a região, na atual Rua Nova Espera. Segundo alguns moradores esta fonte ficava onde encontramos o Bar Água de Pote. (GANDON, 2018, p. 371)

Em um momento posterior entre os anos de 1955 e 1959, durante o governo de Antônio, ocorreu a segunda etapa da implantação de água encanada para abastecimento das casas, onde a implantação ocorreu em paralelo a construção das casas da Vila Militar de Itapuã. Este sistema

abastecia as casas, fornecia também para outras residências localizadas no centro do então vilarejo de Itapuã. (GANDON, 2018, p. 373).

Além dos altos custos das tubulações, que tornava a aquisição inviável para muitos moradores, inicialmente estes dois sistemas de fornecimento de água, não alcançaram todas as regiões ocupadas de Itapuã. Assim, homens como o meu pai João e o avô de Adroaldo, permaneceram realizando as suas atividades como aguadeiros em Itapuã até o final da década de 1980.

2.2.8 A Casa de dona Maria da fonte

No século XIX, a presença das quintas nos lotes urbanos de Salvador é um elemento fundamental para as atividades domésticas, que vem possibilitando criar alternativas para suprir as ineficiências das estruturas coletivas, permitindo o cultivo de plantas e a captação de água naturais. Como Diana Catarino argumenta em sua tese “A Companhia do queimado (1852-1905): impactos desiguais na malha urbana de Salvador e na profissão do aguadeiro” (1989), ter casas com quintais, no momento em que não havia fornecimento de água era um privilégio, pois possibilitava o acesso abundante a água nos poços nativos. Evitando que houvesse o deslocamento em longas distâncias para realizar a coleta deste elemento essencial nas funções das casas. (CATARINO, 1989, p. 18 - 21)

Em meados do século XX, a presença das fontes dos quintais das casas de Itapuã, ainda era um elemento privilegiado, uma vez que as redes de água encanada não abasteciam todos os estabelecimentos. A residência de minha avó Maria era uma destas. Quando o meu avô Crispim adquiriu este imóvel em 1977, durante o processo de reforma, ele reconheceu que era necessário criar um sistema de drenagem devido às condições alagadiças do terreno e da região. Além disso, para aproveitar a abundância das águas ele reformou a fonte que já havia sido construída pelo antigo proprietário, como relatou a minha mãe Ednalva.

Como a gente morava aqui e era tipo uma roça, era um interiozinho mesmo, com pouquinhos casas construídas, tinha muitos minadores, na época de chuva parecia que a gente estava assim dentro de uma lagoa, mainha costuma dizer que “a gente morava dentro da lama”. Era por que realmente ficava, as terras molhadas aí a gente metia os pés e aí, ficava parecendo que estava na lama mesmo. Na frente da casa tinha muitos minadores, fica saindo água, até hoje (...) como a casa ficava muito fria, muito molhada, meu pai fez um dreno, para que essa água fosse para a rua e até tem esse dreno. Agora quando chove muito forte, ele sobe e a gente vê realmente a água subindo da terra.

Também aqui na casa tinha uma fonte, era uma fonte assim bem rasa, que a gente pegava água para lavar roupa, tomar banho, como a água era muito limpinha. Era muito fácil da gente escorregar e cair, porque tinha só o buraco mesmo com o lugar da água sair. Por dentro ela era toda feita de tijolo, e no finalzinho tem uns cascalhos bem branquinhos mesmo. Esse minador, minava muita água, de um dia para o outro ela enchia.

Como teve que fazer o muro, dividiu a fonte, para as duas casas. Meu pai reformou a fonte e construiu uma alvenaria para tampar e a gente não ficar caindo, porque às vezes a gente caía, era uma agonia para tirar de lá de dentro. Aí, para não correr esse risco da gente cair mais, ele reformou a fontezinha e passou o muro, tirou a cerca de arame farpado e dividiu ela para as duas casas. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, moradora do bairro de Itapuã, em 20 de julho de 2020).

Neste período a região já possuía abastecimento de água, porém este sistema era ineficiente e diversas vezes o fornecimento era interrompido. Os pontos onde os moradores poderiam conseguir água, eram relativamente distantes da Nova Conquista. Não podemos perder de vista, que neste período nem todos os locais eram pavimentados e a formação do relevo da região possuía muitas dunas, o que dificultava ainda mais o deslocamento com as trouxas de roupa, ou com os barris de águas. A fonte da casa de minha avó Maria, foi importante também para a realização das atividades cotidianas dos vizinhos que tinham esse ponto de apoio próximo.

Conceição: Faltava muita água naquele tempo. Em 1982 que as pessoas ligavam, aí vinha o carro pipa. A água vinha assim cheia de madeirinhas, não era Nena, parecendo uns fósforos.

Ednalva: Era uma água sem filtrar pior do que a água da fonte. Mas a gente tinha a fonte, não é? A fonte que abastecia. É Gustavo, coloca a história da Maria da Fonte, a fonte que abastecia um bocado de gente aí, por que nesses terrenos tudo aí não tinha casa, era um monte de capim, o pessoal vinha tudo lavar roupa aqui, até secar a coitadinha da fonte, deixava ela sequinha.

Como aqui era a única casa que tinha uma fonte, várias pessoas vinham lavar roupa e vinham colocar roupa para enxugar nesses terrenos que tinham na frente da casa. Essa fonte, serviu para muitas pessoas, durante muitos anos, mesmo que secasse ela durante o dia, quando dava 6 horas. Às vezes a fonte ficava vazia, sequinha mesmo, aí no outro dia quando a gente acordava, por incrível que pareça a fonte já estava cheia de água. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida e Conceição Almeida, moradoras do bairro de Itapuã, em 05 de julho de 2021).

Em meio a esse cenário dos anos de 1970 e 1980, em que estava ocorrendo a destruição das fontes de água naturais de Itapuã, os moradores conseguiam água sem nenhum custo financeiro e os sistemas de abastecimento de água encanada estavam implantados em processo de adaptação. Agindo em um sentido contrário a lógica que estava sendo imposta naquele momento, a minha avó “Maria da fonte”, compartilhando este elemento natural que brotava de seu terreno, manteve durante um longo período uma relação de solidariedade com seus vizinhos, semelhante ao que havia no Abaeté.

No final dos anos de 1980, com a intensificação das ocupações na Nova Conquista, a falta de um sistema de esgotamento sanitário era solucionada com a construção das fossas sépticas. Os lençóis freáticos foram contaminados, inviabilizando a captação das águas da fonte da casa de minha avó Maria. A minha família precisou vedar a fonte com uma tampa de concreto, para que as pessoas evitassem utilizar.

As águas que correm pela fonte e pelo minador da casa de minha avó, ainda percorrem com bastante força. Nos períodos de chuvas intensas é possível ver elas transbordando. Mesmo

com a comodidade da água encanada, a minha mãe Ednalva , minha avó Maria e a minha tia Conceição demonstram o forte desejo em realização da limpeza das águas, para voltar a utilização desta fonte.

Mas hoje a gente vê nitidamente que a fonte está brotando novamente, saindo a água limpinha. Se a gente tivesse condições hoje, de chamar alguém assim da Embasa ou de algum órgão assim, para poder tirar os resíduos ruins que estão lá dentro, a gente voltaria a ter essa fonte com a água limpa. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, morador do bairro de Itapuã, em 20 de julho de 2020).

Retomei inicialmente a narrativa do período em que a vizinha e amiga da família, estendia as batatas no quintal da casa de minha avó, com o intuito de criar um disparador para levantar uma reflexão, sobre como apesar do processo de urbanização impôs outras lógicas, que dentre elas inviabilizou a captura de água da fonte desta casa, e impediu que as pessoas deixassem as roupas secando nos terrenos baldios da Nova Conquista. As pessoas que vivenciaram este tempo não esqueceram a relação construída com a minha avó Maria e a sua fonte.

Da mesma forma que existe a referência da “casa de Maria da Fonte” existem outras localidades em Itapuã que são vestígios das dinâmicas das águas e se mantém viva na memória das pessoas e em seus nomes. Um dos exemplos é a localidade onde a minha avó se hospedou durante a primeira vez em Itapuã, a Rua Olhos D’água, que possui este nome por se localizar próximo a Barragem, local onde os moradores iam coletar água para o consumo. Outro local que podemos citar é a Rua da Cacimba, que possui este nome também por ser um local onde as pessoas iam para pegar água para consumo. Vale destacar também a Rua Beira, possui este nome devido ao fato de margear o Rio do Bispo, um dos últimos afluentes que ainda se mantém vivo. E a região da Água Suja, localidade conhecida por este nome, devido aos riachos que foram poluídos com a intensificação da urbanização.

2.3 OS MATOS E OS JARDINS DOS QUINTAIS

2.3.1 O mateiro ancestral

Após a segunda retomada ao templo das águas, Gustavo ainda não compreendia muito bem como ele poderia realizar essas viagens. Ele tinha um grande receio sobre o impacto que esses deslocamentos poderiam causar em seu tempo. Esse incômodo fez com que ele durante vários meses tentasse evitar pensar na possibilidade de uma nova retomada, entretanto ele esquecia dos grandes conhecimentos que ele havia conquistado naqueles momentos e passou a se questionar sobre quais eram as contribuições que ele estaria gravando em seu tempo.

Um certo dia, ao conversar com a sua avó Maria no jardim de sua casa, ele se lembrou de um amigo da família, que eles não via há muito tempo. Apesar das visitas frequentes, ele nunca contou onde morava. Algumas pessoas que também conheciam ele, diziam que ele morava nos matos de Itapuã. Ele era um homem que aparentava ter mais de 60 anos, negro, alto, que tinha a barba e os cabelos grisalhos, que sempre carregava um facão na cintura, uma sacola de linho daquelas de feira nas costas com várias espécies de folhas e frutos, que não são encontradas com facilidades nem mesmo nas barracas da feira que vendem ervas medicinais.

Em todas as visitas que este homem realizava, sempre fazia questão de tirar desta sacola alguma novidade ou algo raro que ele encontrava em suas buscas nos matos para mostrar a Gustavo quando era criança, que sempre ficava muito surpreso. Este homem também sempre levava folhas de bananeira para Maria embalar os abarás e as pamonhas, apesar de ela insistir para pagar, ele sempre se recusava e pedia apenas um prato de comida e um copo de café. Durante esta conversa, Maria contou a seu neto que desde quando a casa onde eles moravam foi construída, este senhor sempre teve a mesma aparência e manteve ao longo dos tempos o mesmo costume de levar folhas em troca de um prato de comida.

Ainda nesta conversa, entre avó e neto se lembram também das diversas espécies de plantas que eram vistas com frequência em Itapuã, porém já não eram encontradas com tanta facilidade. Inspirado nas andanças desse velho amigo, Gustavo passa a buscar por mudas e sementes das espécies que faziam parte do território de Itapuã, para compor o jardim de sua casa. Gustavo não tinha a intenção de plantar para apenas extrair o que elas poderiam lhe oferecer. Ele queria manter os saberes dessas plantas para que outras crianças de sua família também pudessem conhecer.

Alguns meses depois, após fazer várias buscas com a sua avó, Gustavo conseguiu juntar e plantar muitas espécies. Porém eles não encontraram uma pitangueira em nenhum dos lugares que ele havia passado e nem os seus conhecidos que cuidavam de plantas tinham essa árvore. Eles tinham um apego com a pitangueira que havia neste quintal. Esse pé foi plantado por Maria

antes de Gustavo fazer um ano de idade, logo depois dele comer fruta e tomar o chá com as folhas da pitanga no momento que ele estava com uma gripe forte. A pitangueira e Gustavo cresceram juntos, ele passou diversos dias brincando na sombra dessa pequena árvore e esperava ansioso pelo período que ele desse frutos.

Em uma outra tarde, enquanto Gustavo estava cuidando das plantas do jardim de sua casa o seu velho amigo apareceu para fazer uma visita a essa família. Ele fica muito surpreso e feliz pois já tinha muitos anos que eles não recebiam aquela visita. No primeiro momento aquele senhor, nem havia reconhecido Gustavo. Ao se lembrar, ele fez o mesmo ritual que sempre fazia com aquele menino, tirou de sua sacola uma flor chamada chapéu de couro e lhe contou uma história sobre como ele havia encontrado.

Gustavo contou a seu velho amigo, que após se lembrar dele havia começado também a busca pelas plantas que tinham sumido. Este senhor ao ver as plantas, ficou muito contente e conta para Gustavo que desde a sua infância ele via os seus avôs, depois os seus pais cuidarem das matas de Itapuã. Que passaram para ele a tarefa de manter vivo esse território. Vendo as casas tomando os lugares dos matos, ele passou a distribuir sementes e muda para que os moradores pudessem cultivar nos jardins que eram comuns em quase todas as habitações.

Em seguida este senhor contou que tinha um presente para essa família. Ao se sentar no passeio que fica na varanda em frente a esta casa, ele tira de sua sacola alguns frutos de pitanga. Gustavo que já estava desacreditado que poderia encontrar esse fruto, ficou muito surpreso. O velho amigo, contou também que ele sabia que o jardim desta família estava precisando desta planta. Ele dá também outras plantas que ainda não tinham. Este jovem, tem o mesmo brilho nos olhos que tinha quando era criança e seu velho amigo trazia as plantas.

Como de costume, além das sementes ele deixou algumas folhas de bananeira para Maria em troca de um prato de comida e um copo de café, se alimentou e despediu. Antes de ir embora, avó e neto perguntam onde ele morava, para não perderem o contato. Ele então relatou que apesar ser um andarilho, havia um lugar próximo a Lagoa do Abaeté que ele guardava as suas coisas e cultivava as suas plantas. Era o mesmo lugar que os seus pais e seus avós já cuidavam a muito tempo. Ele era o último de sua família que continuou neste local, porém acabou sendo expulso com a construção do parque. Ele ainda volta para cuidar das plantas, porém devido às perseguições ele acabou sendo proibido de permanecer naquele local e passou a morar para o lado de Lauro de Freitas, onde ainda havia matas. Por isso ele não tinha feito mais as visitas.

Ele diz para não se preocuparem, que ele aparecera novamente quando este jardim ou matos estiverem precisando da ajuda que esteja ao seu alcance. Apesar dessa família passar

mais longos períodos sem ver o velho amigo novamente, a sua presença se manteve viva neste jardim, através das diversas plantas que ele doou ao longo dos tempos para essa família.



2.3.2 Itapuã era tudo mato

Figura 73 - Registro feito por minha mãe Ednalva, enquanto eu estava brincando na varanda e a minha avó Maria tentava encontrar algum fruto de urucum para temperar o macarrão do almoço



Fonte: Acervo do autor (1999).

Durante a minha infância, vivenciada entre o final dos anos de 1990 e o início dos anos 2000, na Nova Conquista, local que eu moro até os dias de hoje, o caminhar e o permanecer nas ruas era mais confortável. Assim como a minha casa havia, outras repletas de árvores nas varandas e nos quintais. As mangueiras e amendoeiras que passavam os limites dos muros, faziam sombra sobre os passeios e perfumavam a maioria das ruas próximas do bairro. Os grandes quintais eram repletos de pés de banana, fruta pão, jambo, manga, jaca, dentre outras espécies de plantas tropicais da região. No verão, período da colheita da maioria destas frutas, era comum os vizinhos compartilharem com a minha família. Havia uma grande fartura, destas frutas, ao ponto de precisarem ser descartadas.

No jardim do quintal de minha avó materna Maria, tem até os dias de hoje, pitanga, mastruz e outras folhas que ajudam a curar quase todas as dores e também completam as refeições. Quando eu estava com mau olhado e era benzido por uma das vizinhas da rua, a rezadeira que é uma das vizinhas da rua de minha avó Maria, usava dois tipos de plantas que tinham também neste jardim. As Rosas, os cravos e outras flores que sempre deixam a casa perfumada e enfeitam o altar dos santos da sala de minha avó Maria, inclusive durante a trezena de Santo Antônio.

Quando essas plantas não davam conta, não precisavam ir muito longe para encontrar em algum terreno baldio ou nos matos do Abaeté. Me lembro de ir ao Beira-Rio com a minha

avó, catar na vegetação que ficava nas margens desse rio, raízes de dandá para ela fazer incenso para defumar a nossa casa. E flores de bananeira do mato para completar a arrumação do altar de Santo Antônio. No decorrer deste tempo, enquanto a minha avó mantinha através do cultivo de seu jardim essa relação com o território, eu pude ver os espaços que eram ocupados por estas vegetações desaparecendo, dando espaço aos poucos para as edificações.

Em momentos anteriores ao que eu vivenciei em Itapuã, o contato que os moradores tinham com os elementos naturais, incluindo as plantas, era muito mais intenso. Ao perguntar a minha avó Maria e a minha mãe Ednalva como era Itapuã, na maioria das vezes a primeira coisa que elas respondem é: “Itapuã era tudo mato”. O imaginário desta paisagem, faz parte também da memória de outros familiares e amigos que viveram neste território antes da década de 1990, como podemos ver no registro das falas a seguir:

Tudo cheio de mato, mato mesmo, esse espinho de pramatora... Pramatora era mato que tinha aqui. Era pramatora, era cambuí, era pau de ferro, era aroeira, só não tinha caxundé. [...] Areia, minha filha, que quentura que era a areia! Era uma areia! Era uma areia”... (Dona Senhorinha apud GANDON, 2018, p. 240)

Itapuã era pequenininha, não tinha luz, era tudo muito mato, ali onde era o mercado era tudo mato, era pequenininha mesmo (Dona Viturina apud GANDON, 2018, p. 240)

1927, eu era menina quando vim praqui. Não existia nada disso aqui. Isso tudo era praia, mato, coqueiro, coqueiral. Isto aqui [gesto] era o contrato de baleia, mas eu não alcancei o contrato de baleia, não. Mas ainda encontrei as paredes do contrato... era de Jubiabá, de sociedade com Antonio Fastino. (Dona Áurea apud GANDON, 2018, p. 240)

A fala de Dona Francisquinha aponta também para o vasto conhecimento e domínio que as Ganhadeiras de Itapuã possuíam sobre os elementos naturais que este território lhes oferecia, sendo fundamental no processo de comercialização dos peixes.

(...) Tinha muito peixe, você tomava o peixe para assar, aquele peixe era tratado, espetado com espeto de dendê e assado na grelha de ferro com coquinho pêco, coquinho. Sabe o que é coquinho pêco? Não tem coco grande? Aqueles coquinhos miúdos que caem do coqueiro; secava muito aqui na praia, e a gente tirava para fazer carvão. Fazia um fogo e quando virava brasa botava na grelha. Ia assando o peixe de acordo com o peixe... se eram esses peixes grandes, ou dourado - o dourado chama muita água - então ia assando em fogo lento, e se era moqueca de folha, de xixarro - que aqui tinha muito xixarro - era assado num fogo mais ativo, não era? Como diz, o fogo brabo era pro peixe grosso, pra ele não assar por fora e ficar podre por dentro. E esse peixe elas levavam na cabeça... bota um balaio de cipó grande, cheio de peixe, com uma toalha de saco, bem bonitinha, bem alvinha - que o povo de Abaeté era muito asseado, tinha muita água no Abaeté pra lavar roupa e quorar e tinha as lagoas - ... então elas aí forravam com folha São Gonçalinho - São Gonçalinho não da mosca - e botava esse pano, cobria o peixe e levava na cabeça. (Dona Francisquinha apud GANDON, 2018, p. 269)

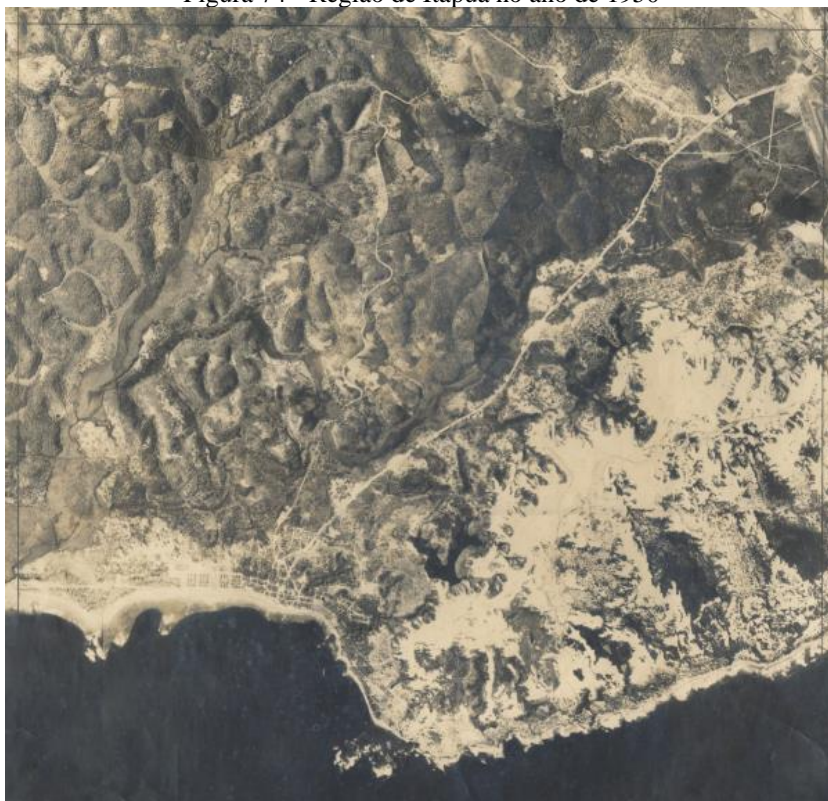
Informações sobre a família de meu avô materno Crispim, fazem parte dos vazios que tenho sobre a minha história. O divórcio de meus avôs maternos, ocasionou em um distanciamento de seus filhos da família paterna. Uma das poucas informações que eu pude ter conhecimento, foi que a minha bisavó Maria dos Reis Maciel de Brito, mãe de avó havia nascido e morou o início da fase adulta em alguma localidade de Lauro de Freitas, e que o meu

bisavô Bernardino Sena de Almeida, pai de meu avô era um negro retinto, dos olhos azuis que nasceu e sempre morou em Itapuã. Eles viveram durante as primeiras décadas do século XX, criaram seus filhos e netos na localidade que posteriormente passou a ser chamada de Rua Nova do Abaeté.

No dia 02 de julho de 2021, enquanto eu estava reunido com minha avó Maria, minha mãe Ednalva, meu irmão Thiago, meus primos Dandara e Ayrton, minhas tias Conceição e Dilza e meu tio Antônio, eu tive contato com outro fato importante, que atravessa esta discussão. A minha avó Maria contou que meu bisavô, era um mateiro que passava vários dias sem voltar para casa, caçando e colhendo plantas nos matos e nas dunas que haviam no bairro de Itapuã durante o momento que ele esteve vivo. Em um lugar próximo a lagoa do Abaeté, onde ainda hoje a mata é mais densa, ele tinha construído uma horta que plantava frutas e verduras para a sua família. Neste local ele construiu uma pequena fonte de água, que além de servir para regar essa plantação, era utilizada também para beber nos momentos que ele estava neste local. Havia também pequenas cabanas temporárias, que ele fazia com galhos e palhas de coqueiros para se abrigar durante a noite. Diversas vezes, a minha avó Maria e meu avô Crispim, iam a este local ajudar o meu bisavô na manutenção e na colheita desta horta. Durante esta conversa o meu tio Antônio ainda lembrou que o meu bisavô também coletava madeiras para fazer carvão para vender.

Curioso que apesar de meu bisavô ter a sua sobrevivência ligada diretamente a natureza e vivenciar no período em que Itapuã se caracterizava enquanto uma vila de pescadores, o meu bisavô não é lembrado pela minha família pela dedicação exclusiva à pesca, mas pelo domínio da técnica voltada ao cultivo dessa horta e as formas de sobrevivência construídas a partir dos elementos naturais disponíveis naquela época.

Figura 74 - Região de Itapuã no ano de 1950



Fonte: Município de Salvador.

Figura 75 - Região de Itapuã no ano de 1960



Fonte: CONDER

Figura 76 - Região de Itapuã no ano de 1976



Fonte: CONDER.

Figura 77 - Região de Itapuã no ano de 1989



Fonte: CONDER.

Figura 78 - Região de Itapuã no ano de 1998



Fonte: CONDER.

Figura 79 - Região de Itapuã no ano de 2005



Fonte: Google Maps.

Figura 80 - Região de Itapuã no ano de 2011



Fonte: Google Maps.

Figura 81 - Região de Itapuã no ano de 2022



Fonte: Google Maps.

Como podemos perceber através destas imagens, Itapuã era de fato um território repleto de matos, entretanto isto não é um sinônimo de que não havia produção de técnicas. Como já argumentei anteriormente, o domínio de tecnologias específicas era um dos fatores que mobilizaram o deslocamento forçado da mão-de-obra escrava para as Américas no período colonial. Ângela Gomes em sua tese “. Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro africana: terreiros, quilombos, quintais da Grande BH”, defende que entre os séculos XV e XVIII, os saberes africanos sobre as formas de produção e implantação de plantios foi um dos pontos centrais das trocas comerciais. A diáspora africana além das pessoas,

dispersou plantas e conhecimentos deste continente pelo mundo, aprimorando a agricultura em diversos lugares. Atualmente os alimentos mais consumidos pela população brasileira, são sustentados pela agricultura familiar, são herdados da etnobotânica africana.

A domesticação do *Oryza glaberrima* (arroz), do *Phaseolus vulgaris* (feijão), do *Abelmoschus esculentus* (quiabo), da *Manihot esculenta* (mandioca) são alguns dos inúmeros exemplos do conhecimento dos usos e manejo das plantas por parte dos povos migrados forçadamente da África. (GOMES, 2009, p. 87)

Gomes (2009) argumenta ainda que além da alimentação o domínio que os povos africanos possuíam sobre os sistemas de curas a partir das plantas tropicais, foi fundamental no suporte desta população, assim como para os indígenas escravizados, os colonizadores europeus e seus descendentes que viviam no Brasil. Apesar da inexistência das mesmas plantas que eram utilizadas pelos africanos, a semelhança ambiental possibilitou a realização de experimentações que ampliaram o universo simbólico, mitológico, agrícola e terapêutico. É importante destacar que:

Sabe-se, entretanto, que diversas práticas religiosas e ecológicas de povos africanos, como iorubas, jeje e banto, tiveram papel fundamental na conservação da biodiversidade. A natureza é vivenciada e compreendida a partir de uma lógica integradora e interdependente, em que elementos místicos e litúrgicos não se separam dos físicos e biológicos. Possivelmente essa cosmovisão contribuiu para a melhor distribuição da biodiversidade, ou ainda, para que as regiões de metabiodiversidade se encontrem nos países do Terceiro Mundo. (GOMES, 2009, p. 90)

Como argumenta Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo em seu livro “Colonização, Quilombos: modos e significados” (2015), a população africana ao chegar no Brasil além do ambiente semelhante, encontrara na população indígena modos e relações semelhantes com as que eles tinham com a natureza, onde ambas têm em comum em suas ideologias cosmovisões politeístas que consideram fundamental a biointeração com todos os elementos. A relação entre estes povos foi fundamental nas lutas contra as imposições da colonização como Santos ressalta:

(...) mesmo tentando tirar nossa língua, nossos modos, não tiraram a nossa relação com o cosmo. Não tiraram a nossa sabedoria. É por isso que nós conseguimos nos reeditar de forma sábia, sem agredir os verdadeiros donos desse território que são os irmãos indígenas. Nós tivemos essa capacidade porque os nossos mais velhos que estavam em África, apesar de sermos proibidos de voltar para lá, vieram pela cosmologia. (SANTOS, 2018)

Seguindo em um sentido distinto a lógica de conhecimento produzido pelas ciências modernas, que fragmenta os conhecimentos, desvinculando as relações da vida com o meio natural, a permanências das cosmovisões herdadas dos povos originários que habitaram Itapuã inicialmente, possibilitou a permanência da biodiversidade local durante um longo período. A permanência desses matos, estava ligada diretamente com o modo de viver.

Dentre as histórias que a minha mãe Ednalva conta sobre a sua infância vivenciada entre as décadas de 1970 e 1980, sempre aparecem relatos sobre como ela, a nossa família e os outros

moradores da Nova Conquista, tinham menos limitações em suas relações cotidianas no território de Itapuã e mais biointeração (SANTOS, 2015), não só com as plantas, mas com todos os elementos naturais que faziam parte da paisagem neste momento.

A rua (Rua Nossa Senhora da Vitória) era tudo mato, tinha pé de banana, caju, araca, capim santo, erva cidreira, era tudo de graça, a gente entrava e pegava, a gente comia muita fruta, as merendas da gente eram isso aí, tinha muitas mangas, fruta pão. No terreno de Sr. Crispim tinha pé de feijão, a gente pegava um monte de saco e quando chegava debulhava no chão mesmo. Na hora de ir para escola os meninos iam tudo junto. A gente ficava de noite conversando, falando de lobisomem, mula sem cabeça (risos).

A gente andava mais pela rua da areia para ir para a escola. Dificilmente a gente ia pela rua de cima (Avenida Dorival Caymmi). Tinha muita mangueira ali perto de sua avó, da ponta até lá embaixo era tudo mangueiral, era um monte de mangueiras, coqueiro, cajueiro, pé de goiaba, era uns terrenos tudo aberto. Mas naquela época, não tinha como tirar foto nem nada, era tudo na cabeça mesmo.

Ali, onde Nadir mora, não tinha Júlio nem aquelas casas dali não, aliás já tinha a casa da mãe dela, que ali é um bequinho, que antes tinha uma horta. A horta era um minador puro, que a gente precisava passar por cima de uma pontezinha de madeira, para chegar na casa dele que ficava lá no fundo, o nome dele é Sr. Pedro, os filhos dele também estudaram com a gente. Na horta, tinha muitas flores, muitos temperos, que ele saía pela rua vendendo. E lá na rua que tem a escolinha, onde é a casa de Ana Vilma, por ali assim, a gente entrava para a outra horta também de Sr. Pedro, que era do pessoal Português que tem aí em baixo, no ponto das topiques, eles eram donos desse terreno que era tipo uma fazendinha, que hoje em dia é o terreno da Igreja Maanaim. Que a gente sempre passava para o lado de lá, quando precisava comprar flores, comprar, essas hortaliças, e o pessoal de lá estudou com a gente também. Aí depois de muito tempo aí foi que desfez a horta, vendeu o terreno e virou a igreja Maanaim.

Ali na casa de Caio e Caqui, os gêmeos, seus colegas, tinha a horta de Sr. João, onde é a casa deles. Sr. João era o dono daquele terreno ali também. Aí quando os filhos cresceram, ele fez a casa para os filhos. Ali atrás é o Loteamento D. Rosa, que só tinha a casa dela lá em cima, que era uma fazenda também, sempre a gente ia lá pegar feijão fradinho feijão de andu, pegar essas coisas assim que os pessoal davam para a gente. Aí na Rua de Lilian, era daquele rapaz que se chama Crispim, o pai dele tinha umas vacas que ele vendia leite para todo mundo daqui da rua, montado em um cavalo. Era tudo mato Gustavo, tudo fazendinha assim.

Na frente da casa, era os terrenos vazios, onde tinha muitos pés de mangueira, goiabas, coqueiros, cajueiros e era essas frutas que acabavam sendo as nossas merendas do nosso dia a dia. Como os terrenos eram abertos, não tinha dono dos terrenos ali da frente. Se tinha dono, os donos não compareceram, como era tudo aberto, a gente não aguentava ver uma manga madura, que a gente estava lá arrancando tudo (risos). Então da ponta da rua, até o final era tudo cheio de pé de mangueira, de pé de fruto, aí a gente se fazia com essas frutas. Durante a noite, a gente não ficava na rua de a partir das cinco horas da tarde, porque tudo deserto, era tudo mato, era como se a gente estivesse morando em uma roça assim, aí mainha não deixava a gente ficar na rua não. A gente via anoitecendo, quando as cigarras começavam a cantar, “zique, zique, zique”, a gente sabia “6 horas, entra, entra, entra, todo mundo para dentro de casa.” (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, morador do bairro de Itapuã, em 20 de julho de 2020).

Através dos relatos da minha mãe, podemos perceber que as dinâmicas sociais-espaciais dos moradores tinham uma forte influência dos elementos naturais. Neste período o território era repleto de árvores era um ambiente favorável, para que as cigarras possam também habitar, e com seu canto que além de se protegerem e atrair as fêmeas, também alertava as crianças que estava anoitecendo e era a hora de acabar com a brincadeira na rua. Ruas que não eram guiadas

por placas, nem marcadas pela presença do asfalto para facilitar o deslocamento dos carros. Se deslocar por estes caminhos, dependia das condições das chuvas e do conhecimento sobre onde era possível transitar em meio aos areais e minadores, para conseguir chegar em certos lugares.

As poucas habitações e a inexistência de muros de alvenaria, delimitando os loteamentos possibilitou que os moradores tivessem acesso ao que nasciam nestes terrenos sem ocupação humanas. A farta diversidade de espécies, inclusive dos pés das frutas locais, era alimento que complementava as refeições desta população. Era por meio destas plantas que também eles conseguiram a cura para enfermidades do corpo e da alma. Sem a predominância da lógica capitalista mercadológica, nestas terras também se estabeleciam relações de solidariedade a partir do compartilhamento de espécies específicas que algumas pessoas cultivavam em suas hortas.

Dentre as diversas transformações ocorridas na paisagem de Itapuã ao longo dos tempos, a forma como esses matos foram desaparecendo é o aspecto principal que evidencia a forma como a urbanização ocorreu neste território. O período da infância e adolescência de minha mãe, coincide com o momento em que se inicia a intensificação da urbanização em Itapuã. Não eram só os seres das matas, que se mantêm invisíveis nessas terras, mas se que se mantivessem presentes nas conversas, havia também a presença dos donos dessas terras, que marcavam as localidades e não apareciam no cotidiano. Minha mãe tinha medo dos seres das matas, que podiam aparecer à noite, mas quem fez mal realmente ao território foram os donos dos terrenos que nunca apareceram.

As formas de organizações socioespaciais atrelada aos valores da escravização estabelecidas no Brasil, durante a colonização não foram eliminadas após a abolição da escravatura. A elaboração de sistemas simbólicos através da ciência moderna, inclusive dentro do campo de estudos do urbanismo, fortalecendo a criação de argumentos que favoreciam os privilégios raciais e espaciais das elites brancas. O processo de modernização das cidades brasileiras, intensificou no final do século XIX e início do século XX, as segregações tanto nos espaços rurais quanto urbanos. Nesse processo:

Os saberes acumulados, produzidos a partir de outras matrizes civilizatórias principalmente africanas e indígenas (povos que inclusive já possuíam cidades antes das cidades ocidentais), presentes em vilas, cortiços e favelas do Brasil, são desvalorizados pela ciência arquitetônica e urbanista moderna de base ocidental. A riqueza do multiculturalismo fica ofuscada no planejamento moderno, e até pós-moderno, pela busca da homogeneização cultural pela monocultura do saber. (GOMES, 2009, p. 121)

Preciso ressaltar que, com a Expansão Neocolonial liderada pelos Estados Unidos, realizada após a Segunda Guerra Mundial, impôs um cenário político fundamentado na acumulação e distribuição financeira a partir dos processos industriais. As cidades brasileiras,

incluindo Salvador e o bairro de Itapuã, passam a ser atravessadas pelos valores ético-estéticos do capitalismo industrial. (LUZ, 2012, p. 97).

Uma questão que atravessa as narrativas de minha mãe Ednalva, é sobre como a intensificação do processo de urbanização em Itapuã no período de sua adolescência a partir dos anos de 1980, impôs ao longo dos tempos os limites e classificações visando alcançar as dinâmicas capitalistas, restringem as relações socioespaciais que a população nativa tinha com os elementos naturais.

A gente não passava fome. A mulher vai vender a casa aí da frente, tire foto, se uma construtora comprar vai cortar tudo, é o último registro das plantas daqui. Hoje em dia é uma rua bem feita, uma rua mais organizada, os terrenos foram comprados e as pessoas foram fazendo suas casas e hoje a gente vê de longe algumas manguieras ainda, que algumas pessoas deixaram no fundo de suas casas, mas a gente não tem mais acesso a entrar nesses terrenos. (Fragmento da entrevista concedida por Ednalva Almeida, morador do bairro de Itapuã, em 20 de julho de 2020).

Itapuã era de fato, tudo mato. Entretanto, em meio a estas imposições, a permanência das relações construídas neste território, através da influência das cosmovisões dos povos indígenas e africanos, possibilitou que a conservação biodiversidade local.

Apesar da presença imperialista e seus valores puritanos positivas e consumistas há com muito vigor um processo dinâmico e estratégico de subversão espaciotemporal, por parte das gerações de descendência africana em Itapuã, que procura estabelecer outros caminhos, que constituam uma ética do futuro que reforça essa realidade adversa a sua existência. (LUZ, 2012, p. 122)

Seguindo um sentido contrário, a lógica que idealiza a localização da fauna e flora fora dos ambientes habitados pelos seres humanos, atualmente os jardins dos quintais urbanos cultivam plantas voltadas para ornamentação, alimentação e ervas medicinais essenciais para a manutenção da vida. Nestes espaços os saberes herdados dos ancestrais, voltado tanto na elaboração das hortas orgânicas, nos usos terapêuticos e litúrgicos se mantêm e se renovam ao longo dos tempos.

2.3.3 Os jardins dos quintais

Figura 82 - Maria e o jardim de sua casa



Fonte: Acervo do autor. (2021)

Mesmo inserido nesta paisagem de Itapuã onde tudo era mato, em ambas as casas que o meu avô Crispim construiu para a nossa família, ele fez um espaço junto ao pátio na frente dos lotes, destinado para o plantio de pequenas plantas. Na casa da Nova Conquista, além deste espaço, havia também o quintal fundo que ficava localizado no fundo da casa, onde a minha família cultivava galinhas, patos, passarinhos e algumas plantas maiores, como as bananeiras. Os jardins estão presentes também nas outras casas que o meu avô construiu.

Os quintais nas áreas urbanas são as áreas residuais dos lotes das casas brasileiras, que ocupam o fundo, a frente, nas calçadas, nos becos ou até mesmo as lajes. Estes espaços abrigam as festas de aniversário, churrascos, casamentos e as demais relações de trocas entre as vizinhanças, além de preservar nos jardins as tecnologias do tempo rurais, abrigando dinâmicas que possibilitam a biointeração entre as pessoas, as plantas, pequenos animais e a natureza.

A Educadora, brasileira, militante, líder comunitária e religiosa Valdina de Oliveira Pinto, conhecida como Makota Valdina dentre as suas contribuições, construiu reflexões importantes que atravessam esta discussão sobre a presença dos jardins nas casas de Itapuã. No documentário “Jeito negro de viver” (2005), Makota ressaltou que durante a época de sua infância era comum as casas terem os terreiros e os quintais. Ela destaca, que atualmente a

palavra terreiro é utilizada apenas para se referir aos terreiros de candomblé. Os terreiros eram os espaços livres que ficavam localizados na frente das habitações onde se tinham as varandas onde as pessoas se reuniam, brincavam e contavam histórias.

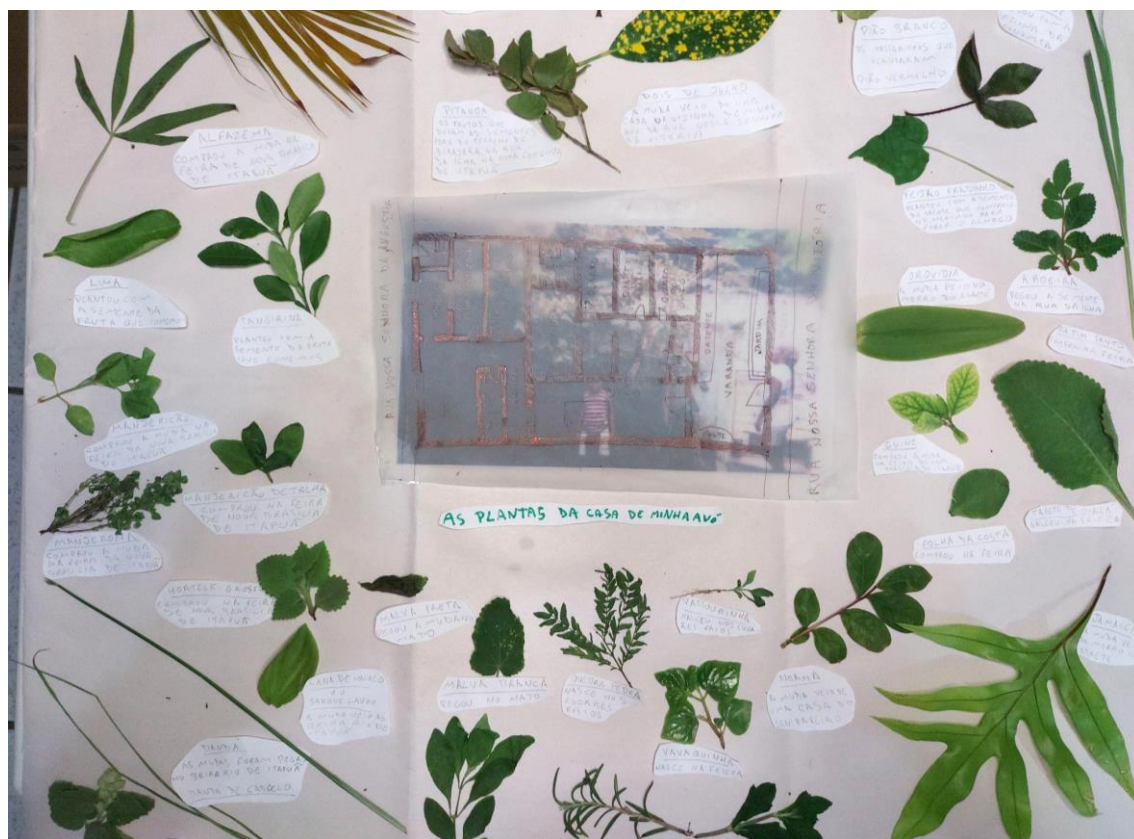
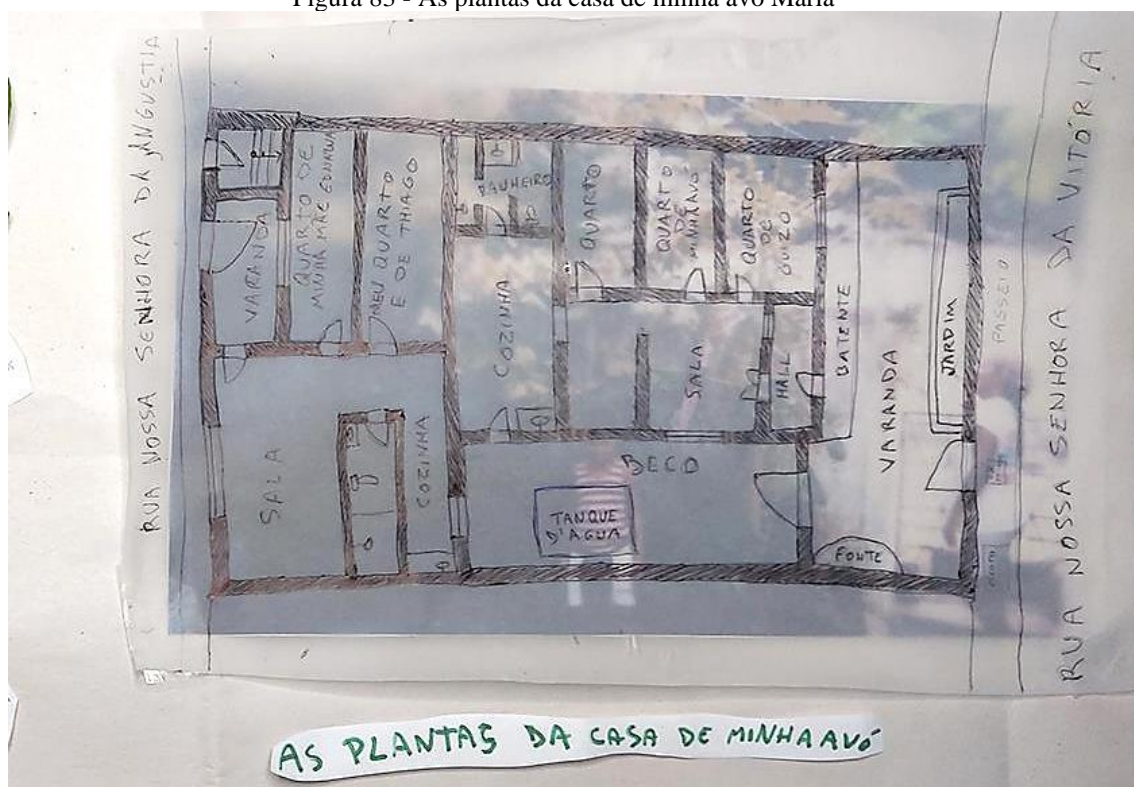
O Engenho Velho, um dos bairros de Salvador, onde Makota nasceu na década de 1940 e viveu a sua infância, assim como Itapuã tinha a sua paisagem repleta de matos, fontes d'água e pequenos córregos. Neste período, era comum os quintais de uma casa se conectarem através dos matos, com a casa de outras famílias. Era nesses quintais que elas e as outras crianças brincavam e aprendiam convivendo com os mais velhos e interagindo com os matos.

2 de julho é o dia em que se comemora a Independência da Bahia, lembrando sobretudo em seu cortejo que conta com apresentação do Caboclo e da Cabocla, a importância da população que indígena na vitória do combate que expulsou as tropas portuguesas em 1823. É o momento que as religiões de matrizes africanas também se reverenciam o Caboclo, o dono da terra, que não ser dominado pelo processo de colonização. 2 de julho é também a data do aniversário de minha avó Maria, esta mulher afro-indígena que em meio a uma série de batalhas, também conquistou através dos tempos os conhecimentos sobre as matas.

Apesar da minha avó Maria trabalhar desde a sua infância e de viver somente até os seus nove anos de idade no interior de Cascavel, esse curto tempo no ambiente rural foi importante para a sua formação. Ela sempre comenta sobre as plantas que tinham na região e como as pessoas utilizavam. Com a sua vinda para Salvador, estes saberes não se perderam, na verdade a sua bagagem de conhecimentos foi reforçada ao longo do tempo que ela passou a morar em Itapuã. Onde ela encontrou inicialmente, uma paisagem até então com aspecto rurais, que possibilitou a confluência de conhecimentos com os moradores de Itapuã.

A minha avó Maria pode acompanhar as imposições atreladas aos processos de urbanização em Itapuã que atravessaram o tempo vivido por mim, pela minha mãe Ednalva, e pelo meu bisavô. Em meio às diversas transformações ocorridas ao longo dos tempos, o cultivo de seu jardim foi uma estratégia que possibilitou preservar os saberes das plantas, que vão para além destas quatro gerações. Mas o que se planta e que se colhe neste jardim? O que as plantas da casa de minha avó podem revelar?

Figura 83 - As plantas da casa de minha avó Maria ¹⁰



Fonte: Acervo do autor. (2021)

¹⁰ Parte da produção áudio visual elaborada por Gustavo Santiago apresentada durante o dia 4 do ciclo de conversas do Partilhas Transatlânticas – 2ª edição, organizado pelo grupo de Estudos Corpo, Discurso e Território, realizado no dia 23 de julho de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/Bmx2PqZrNdE>

O primeiro passo que eu tomei neste processo de investigação foi perguntar a minha avó Maria, como ela havia aprendido todas as informações sobre as plantas, ela me respondeu de uma forma muito simples, que aprendeu ouvindo o que as pessoas falavam e testando para ver se realmente funcionava. Neste momento, eu percebi que o pouco que eu sabia sobre as plantas, eu tinha aprendido da mesma forma que a minha avó aprendeu e que provavelmente os mais velhos que ensinaram para ela também aprenderam.

Tendo em vista os diversos apagamentos promovidos tanto para as populações africanas quanto para as indígenas e seus descendentes no Brasil desde o início de sua colonização, a oralidade continua sendo um elemento fundamental na transmissão dos conhecimentos e perpetuação dos saberes.

Além de auxiliar a minha avó nas diversas atividades da casa, a tia Maria da Conceição também ajuda a cuidar do jardim. São elas que preparam os alimentos, preparam os alimentos para nossa família e sabem quais são os temperos verdes que tem no jardim. Elas também sabem quais são as ervas medicinais que irão ajudar a resolver algumas dores. O papel que delas realizando estas atividades apontam para a importância da presença do matriarcado negro nas dinâmicas de Itapuã.

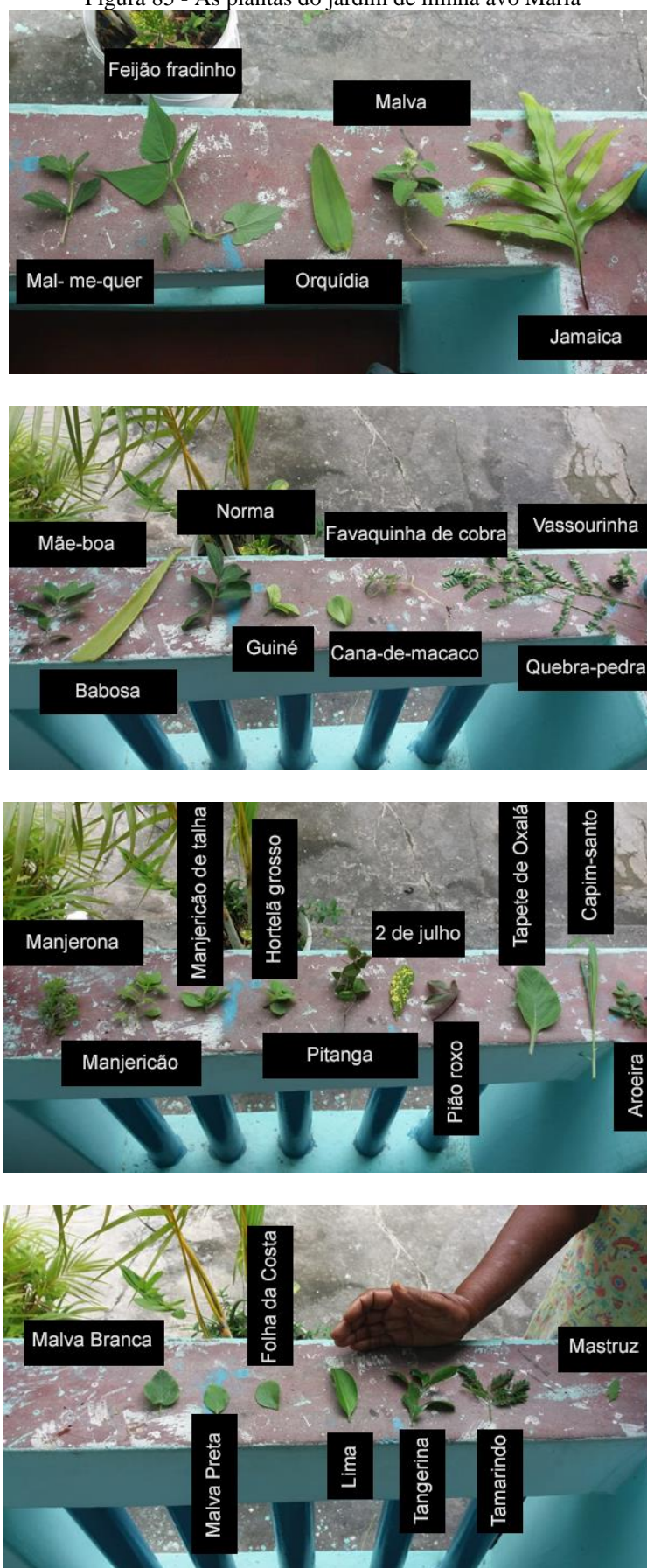
Figura 84 - "Quebranto" - rezadeiras



Fonte: di lua. (2019)

Nesse exercício de entender mais sobre as plantas, a minha avó e a minha tia fizeram questão de tirar folhas de cada espécie deste jardim para que, além de eu saber os seus nomes e as suas funções, eu pudesse sentir os cheiros, as texturas e ver de perto as suas diferentes tonalidades.

Figura 85 - As plantas do jardim de minha avó Maria



Fonte: Acervo do autor. (2021)

Analisando quais são as plantas desse jardim ocupado por plantas alimentares, medicinais e ornamentais, conseguimos perceber a permanência de uma lógica integrada e interdependente, que se distancia das concepções do paisagismo moderno, em que prioriza apenas as plantas de acordo com a sua estética, para se diferenciar da aparência da natureza, demonstrando um aspecto de ordem.

Contrariando a lógica mercadológica da indústria farmacêutica que induz ao consumo constante visando no fundo alcançar os objetivos comerciais, jardins de quintais semelhantes ao da casa de minha avó Maria são as farmácias vivas, onde as pessoas podem encontrar as plantas que irão controlar os sintomas ao seu alcance.

Reconhecer de onde essas plantas vieram e como elas chegaram até aqui, revela muito sobre as relações socioespaciais que a minha avó e os demais moradores tinham em Itapuã. A maioria das plantas do jardim do quintal de minha avó, vinham das dunas do Abaeté e das vegetações que margeiam o Rio do Bispo, conhecido também como Beira Rio. Estes matos são os últimos remanescentes de áreas verdes públicas da região

Com a construção do Parque Metropolitano do Abaeté e a delimitação da Área de Proteção Ambiental das Lagoas e Dunas do Abaeté no ano de 1993, uma série de limitações foram impostas aos moradores que mantinham relações com este espaço. Ao longo dos tempos, estas restrições estimularam a minha avó a deixar de frequentar esse espaço. Atualmente existem placas informando que não é permitido coletar plantas nem animais dentro desta área.

Figura 86 - Sinalização restritiva nas margens da Lagoa do Abaeté



Fonte: Acervo do autor. (2021)

Ao longo dos tempos, com o desaparecimento das demais áreas verdes e a imposição das restrições ocorridas no Abaeté às margens do Beira-rio, foi por muito tempo o único local que a minha avó conseguiu ter contato com os matos. Me recorro das diversas vezes que eu acompanhei a minha avó até este local para catar dandá para fazer incenso ou para procurar flores de bananeira do mato para colocar no altar nas trezenas de Santo Antônio e outras plantas para fazer chás e banhos.

Atualmente essa região vem passando por uma intervenção viária promovida pela Prefeitura Municipal de Salvador através do Plano de Mobilidade Sustentável. Esta proposta prevê canalizar o rio, ampliar as vias e implementação de sistema de esgotamento sanitário. Ao analisar este plano, não identifiquei nenhum planejamento voltado para o remanejamento das espécies das plantas locais. Como consequência desta intervenção já é possível ver o desaparecimento da vegetação que margeia este percurso.

Figura 87 - Obra de canalização do Rio do Bispo conhecido como Beira-Rio



Fonte: Acervo do autor. (2022)

Apesar de não ser mato, outro local onde a minha avó consegue até os dias de hoje encontrar plantas é nas barracas da Feira de Itapuã. Apesar das diversas adaptações ocorridas ao longo dos tempos, este espaço ainda mantém em seu cotidiano a presença de elementos herdados das dinâmicas do mercado africano, sobretudo nas relações de amizade formada entre os comerciantes e os consumidores.

Neste ponto além da venda de frutas, verduras, frutos do mar, quitutes, adereços, roupas encontramos também folhas medicinais, mudas, sementes e raízes variadas que não encontramos em outros comércios. Algumas dessas plantas são cultivadas pelos próprios feirantes em suas casas, que não ficam localizadas em Itapuã, como São Francisco do Conde, Simões Filho e outras localidades da Região Metropolitana onde há mais áreas verdes. Estas localidades ainda não foram totalmente ocupadas e possuem áreas verdes que possibilitam o cultivo de pequenas hortas familiares.

Figura 88 - Barraca das folhas



Fonte: Google Maps. (2022)

Outro aspecto importante que contribuiu para a formação deste jardim, foram as relações de solidariedade construídas através da troca e doação das folhas, mudas, frutos e sementes tanto com conhecidos quanto com os desconhecidos. Neste aspecto Gomes ressalta que:

Os saberes produzidos e guardados pela memória, reproduzidos pela oralidade, dão significação aos espaços dos quintais e das plantas neles inseridas. Os saberes etnobotânicos dos afrodescendentes, indígenas, mulheres e pobres manifestados na gestão e planejamento de seus quintais refletem os vínculos rurais e urbanos que parecem abrir caminho para a compreensão de novas territorialidades e desses espaços, importantes para construção de redes de solidariedade e trocas de saberes. (2009, p.123)

Foi justamente através dessas redes de solidariedade e dessas trocas de saberes, que algumas das espécies foram doadas de outras casas, para compor o jardim de minha avó Maria. Acredito que sejam essas técnicas, que a minha avó se remete ao falar sobre os velhos tempos que estariam voltando. Uma delas foi a roseira. A minha avó sempre passava por um terreno na Nova Brasília de Itapuã perto da casa da mãe de Márcia, quando ainda não tinha nem asfalto, que tinha uma roseira maior que a casa e dava umas flores grandes que perfumavam a rua toda. Um dia ela pediu um muda a dona, que deu duas, duas galhas pequenas e quase todas secas, que vingaram e ainda se mantêm vivas.

Figura 89 - Jardim de Maria



Fonte: Acervo do autor. (2020)

A foi a pitangueira, quando eu tinha 2 anos de idade, em um momento que eu estava com uma gripe forte, a minha avó procurou em Itapuã por esta árvores, para tirar as folhas para fazer chá e os frutos para eu chupar. Ela encontrou um pé no terreno baldio na Rua da Ilha, que na época pertencia ao seu amigo Ubirajara. Com a semente dos frutos que ela me deu para chupar, ela plantou e nasceu a pitangueira que permanece até hoje em seu jardim.

É comum no período do verão, recebermos a visita de famílias diversas das ararinhas para comer os frutos do peão-roxo ou as pitangas. Elas são pontuais, aparecem sempre ao amanhecer e no entardecer para fazer a sua refeição. Destaco este fato, para evidenciar que em meio a todo processo de devastação das áreas verdes, a permanência dos jardins dos quintais, não oferece benefícios apenas para nós seres humanos, estes espaços são áreas de respiro entre tantas edificações, que oferece alimentação e refúgio para muitas espécies de seres vivos.

Figura 90 - Visita das ararinhas ao jardim de Maria em um fim da tarde



Fonte: Acervo do autor. (2022)

Eu também sou um fruto dessa terra. Os conhecimentos que eu obtive ainda em minha infância brincando no jardim ouvindo a minha avó e minha tia conversarem sobre as plantas, foi fundamental para despertar um olhar crítico sobre a ausência e a presença das áreas verdes nos espaços urbanos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

3.1 MAPA DO RETORNO ¹¹

Incêndios e explosões com causas inexplicáveis ocorridas em 2070 em todas as hidrelétricas brasileiras, afetou a dinâmica urbana nas capitais do país e vem se estendendo até os dias atuais de 2080, assim como ocorreu no Amapá em 2020. O sistema de distribuição de energia elétrica que passou a ser totalmente integrado, entrou em colapso afetando também os sistemas de fornecimento de água e as redes de comunicações. As feiras e os mercados em poucos dias já não estavam sendo abastecidos e iniciou uma situação extremamente caótica no Brasil. As fontes de energias renováveis que ainda não estavam totalmente implantadas, se mantêm em fases de teste. Por estarem conectados ao sistema convencional de distribuição com esses grandes apagões, eles acabaram também enfrentando em pane e logo deixaram de funcionar.

O Brasil, mobilizado com a implementação da Lei Geral de Proteção de Dados em 2020, passou a digitalizar em massa todos os documentos. Desde as atas das escolas aos livros raros das bibliotecas. Com o passar do tempo, nem os documentos originais considerados históricos eram mais obrigados a serem preservados. Com o passar dos tempos, bibliotecas, livrarias, passaram a se desfazer de seus arquivos físicos, e transformam os seus espaços em cyber espaços com acesso a computadores e a redes de internet, que possibilitou o acesso às informações digitalizadas tanto nacionais quanto internacionais. Com a facilidade do acesso à tecnologia dos smartphones, nem as fotografias pessoais eram mais impressas e guardadas nos álbuns de família.

Entretanto, a digitalização das informações que parecia inicialmente ser uma coisa vantajosa, com crise elétrica que se estendia por 20 longos anos, se tornou um fiasco. Sem carga para abastecer os servidores e os computadores, as pessoas não tinham mais acesso a informações que foram totalmente digitalizadas e já não havia mais arquivos físicos, uma vez que estes foram descartados para desocupar os espaços.

Com a pandemia do Covid 19, as instituições de ensino, do ensino primário às pós-graduações, acabaram aderindo a metodologia de vídeo aula. As crianças que nasceram após essa geração, já não tiveram mais acesso a livros físicos nem a interação das aulas presenciais. E agora em 2080, com a crise da eletricidade elas já não iam mais às escolas, tudo que se aprendia era através da fala dos mais velhos.

¹¹ Produção áudio visual elaborada por Gustavo Santiago como resultado final da Disciplina da PPGAU FAU UFBA, Narrativas Cartográficas (2020.1), ministrada pela Prof. Doutora Gabriela Leandro. Disponível em: <https://youtu.be/PsANILRR0hc>

Com todo este caos, a vida aos poucos precisava ser reinventada. A falta de comida e de água, fez com que as pessoas fossem se abastecer nas áreas verdes. Ou utilizaram os espaços de suas casas para cultivar plantas para as suas alimentações. Com pouco conhecimento, as pessoas precisavam se virar muito mais pelo instinto do que por tutorial ensinados em ebooks online, como a maioria das pessoas estavam acostumados. Conhecer outras tecnologias agora sem dúvidas é fundamental.

Em meio a este cenário caótico, Steven ao se deparar com esta situação não se esquecia o quanto que a sua vida na infância em meio às dificuldades do sistema capitalista, não deixou de ser farta se entendida por outras formas de ver a vida. Contar histórias de sua vida, carregadas de saudades aos seus dois filhos, era o que os animava e os motivava a seguir em busca de uma situação de vida melhor. Aprender a cultivar vegetais com a sua bisavó paterna, foi fundamental para que logo no início da crise ele transformasse a sua casa em um viveiro de plantas tanto comestíveis quanto medicinais.

Com a falta de abastecimento de água, este homem fez um sistema de captação das águas da chuva para poder abastecer a sua casa. Entretanto este sistema, que ele aprendeu com o seu pai que era arquiteto, dependia das condições climáticas. E a região da cidade de Salvador, que ele residia, estava passando por um longo período de seca, comprometendo a sobrevivência de sua família. Os rios e lagoas, próximos a sua casa, estavam totalmente poluídos em virtude dos projetos de saneamento básicos ocorridos no início dos anos 2000, que passaram a lançar os dejetos dos esgotos sem tratamento nestas bacias.

Este homem, se lembra que Gustavo o seu pai, havia feito trabalhos para a captação e tratamento de água diretamente do solo, mas ele não quis aprender como era que feito, achando que nunca precisaria disto e agora não sabia como poderia executar. Até que ele se lembrou que o seu pai ao perceber o movimento de digitalização, guardou em um baú todos os seus projetos e estudos e pediu para que independente do que acontecesse, ele não jogasse fora.

Em dia enquanto este homem vasculha suas coisas em busca roupas adequadas para poder sair em busca de comida para a sua família ele encontra um caderno de registros feitos por seu pai durante a faculdade, nomeado por ele como o mapa do retorno. O seu pai, percebendo todo esse movimento de digitalização, pediu para que não jogasse esse mapa fora independente do que acontecesse, e isto foi feito.

Ao vasculhar este baú, ele acaba não encontrando este estudo, mas acaba encontrando um caderno de registros escrito na capa “Mapa do Retorno”. Continha fotos de seus antepassados, registros de como era a casa que o seu pai viveu na infância, que foi também a que ele passou alguns anos, alguns relatos de como Itapuã, o bairro que se localizava nesta casa

era antigamente. E uma foto de sua avó próximo a uma fonte, o que mais lhe chamou atenção, por ser a única coisa relacionada ao sistema de captação de água que ele estava procurando.

Ao mostrar esses registros aos seus filhos, eles puderam ver uma realidade que já não existia mais e ver parentes que não puderam conhecer. Os filhos ficaram curiosos em saber como era este local, e pedem para que seu pai os leve até este local. Para pelo menos tentarem ver se encontram algum vestígio dessas histórias. O pai inicialmente ficou com resistência, por achar que aquele poderia ser apenas um trabalho de faculdade e que aqueles registros poderiam ser uma ficção, por ele não se lembrar de como era o mundo antigamente. Mas os seus filhos acabam convencendo-o. Uma vez se eles não encontrassem como construir este sistema de captação de água, os seus filhos teriam a oportunidade de ver o lugar que é o cenário de suas histórias da infância.

Ao retomarem, este local assim como o restante do país já não era mais como antes. Muitos dos prédios caíram, o que impactou a transição pelas ruas. Para chegar até esta casa, eles tiveram que ficar subindo e descendo as ruas. Isso veio na memória do pai, de quando ele era criança e subia e descia as ruas desse lugar com o seu pai, era a mesma coisa que o seu avô fazia com o seu pai para passar o tempo.

Ao chegarem nesta casa, eles se deparam com duas senhoras negras, que estavam sobrevivendo bem neste local e não tinham interferência dos problemas que o mundo vivia. Graças ao cultivo das plantas que elas tinham em sua casa e a captação das águas das chuvas. Elas foram muito receptivas lhes disseram que há muito tempo não recebia visitas e não sabiam o porquê.

Todo o entorno da casa indicada no mapa, estava em destroços, mas ela se mantinha de pé com a mesma cor verde indicada no Mapa do Retorno e com a vegetação mais viva e cheia do que estava nos registros. Antes deles avistarem as senhoras negras, elas os viram primeiro e perguntaram se eles estavam bem e os chamaram para poder entrar. Ao entrarem eles perceberam, que elas tinham uma aparência de pessoas saudáveis e foram muito receptivas com eles, lhe oferecendo imediatamente água. O que na realidade em que eles viviam era algo raro de se ter.

Estas senhoras, eram as pessoas que estava cuidando da casa naquele momento, as outras pessoas haviam saído para caçar. Conta que a família que vivia ali, estava sobrevivendo bem neste local e não tinham interferência dos problemas que o mundo vivia. Graças ao cultivo das plantas que elas tinham em sua casa e a captação das águas das chuvas. Elas se queixam de não receber visitas e não sabem o que estava acontecendo no mundo, por estarem isoladas já há um bom tempo.

O pai, ainda estava muito resistente de que aquelas senhoras poderiam ter algum parentesco com ele. Até que elas lhe contam que aquela casa era a casa do Barão da Conquista e de Dona Maria da Fonte. As crianças ficam curiosas e pedem para eles contarem a história daquela casa.

Enquanto esta história era contada, a outra senhora que era mais calada vai até o quarto e pega algumas fotografias e começa a mostrar a esta família. Neste momento o pai começa a chorar e percebe que ela a sua bisavó e sua tia bisavó e ao mostrar o mapa do retorno a elas, todos entram em uma grande comoção.

Após todos conterem a emoção ele conta o por que eles haviam ido até lá e a situação que o Brasil estava vivendo. Elas ensinam para o seus bisnetos e seus tataranetos as técnicas que possibilitaram elas se manterem vivas e seguras e a partir deste momento eles começam a reconstruir o mundo a partir dos conhecimentos de suas ancestrais.



3.2 FAZENDO REGISTRO, GUARDANDO MEMÓRIAS E RECONSTRUINDO O FUTURO

No início das investigações deste trabalho identifiquei nos debates urbanos uma lacuna relacionada a produções que abordassem a contribuição da população preta na construção das cidades brasileiras e a ausência da perspectiva destas pessoas nestes debates. O processo de revisão bibliográfica e documental, sobretudo dos planejamentos urbanos, trouxe à tona evidências que indicam sobre como Itapuã também é um desses espaços.

Em um primeiro momento, analisar criticamente esses documentos públicos, com um olhar de quem nasceu e permanece morando em Itapuã, sem deixar de lado as diversas informações encontradas neste território, possibilitou ampliar as percepções sobre como as lacunas das produções teóricas estão atreladas as tentativas de aniquilação, que a população afro-indígena e os seus saberes vêm sofrendo ao longo dos tempos no Brasil.

Entretanto, precisamos reconhecer que vem ocorrendo um aumento de produções acadêmicas brasileiras, realizadas justamente pelas pessoas que vivenciam os territórios. Com novas percepções e informações estão sendo evidenciadas. Essa mobilização é fruto da luta de muitas pessoas, que já vem sendo realizada a muitos anos e se fortaleceu ainda mais nas últimas duas décadas.

Durante a realização desta pesquisa eu me deparei com trabalhos que discutem Itapuã e elaboram reflexões neste caminho. Não foi possível incluir todos ao longo do texto, porém vale frisar que as produções da Narcimaria Luz (2012), Sófia Costa (2019) e Tania Gandon (2018), deram um suporte fundamental para a elaboração desta escrita, sobretudo por conter informações que só poderiam ser reconhecidas através do contato com as pessoas do território. Algo que em um determinado momento da pesquisa era inviável, devido às restrições da Pandemia do Covid-19.

O trabalho final de graduação da Sófia Costa (2019), em especial foi uma referência importante. A sensibilidade e a complexidade das questões que ela mobiliza a partir das narrativas das mulheres de sua família junto a outras moradoras de Itapuã e em paralelo as fotografias dos acervos pessoais, é uma inspiração metodológica potente sobre como construir reflexões sobre as cidades.

Ainda que na maioria das vezes ocorra sem intenção, é em nossas casas nos álbuns de famílias guardado por nossas mães e tias, que no plano de fundo das fotografias dos aniversários, dos eventos das datas comemorativas ou de outros eventos do cotidiano, encontramos registros também sobre as cidades, que na maioria das vezes não fazem parte dos discursos oficiais. Pensando na relação das famílias negras que habitam os territórios em que a

maioria dos moradores são afrodescendentes, este aspecto tende a se fortalecer ainda mais. Foi justamente neste arquivo pessoal família que encontrei vestígios ausentes das lacunas que me incomodavam.

Vale lembrar que a cosmopercepção do Sankofa nós ensina que nunca é tarde para voltar e pegar o que ficou para trás. Acredito que eu pude realizar esse movimento, durante o processo de rever com o olhar atento os meus álbuns fotográficos, prestando mais atenção as narrativas que ressurgiam a partir desses registros, contados pelas mulheres da minha família. Para além das ricas informações que foram encontradas e apresentadas ao longo dessa dissertação, esse gesto de retomar aos meus arquivos familiares para resgatar fragmentos da história de Itapuã foi fundamental para evidenciar a importância que mulheres negras que assim como a minha avó Maria, minha mãe Ednalva e a minha tia Conceição, que apesar de serem historicamente no Brasil silenciadas e inviabilizadas, são as principais responsáveis pelas lutas contra os apagamentos das populações afrodescendentes brasileiras e pela preservação das vidas e memórias nas e das cidades. Esse trabalho, escrito no século XXI por um homem negro, só se tornou possível graças aos saberes, cuidados e esforços dessas três mulheres negras.

Realizar este movimento de retomada é também uma das possibilidades de evidenciar os construtores como o meu avô Crispim que dominam as técnicas e edificam as localidades, as donas de casa que assim como a minha avó Maria, cultivam em seus jardins saberes ancestrais da natureza, ou pessoas como a minha mãe Ednalva e a minha tia Conceição, que lutam para fazer registros e guardar a memórias de suas famílias.

Neste sentindo, a compreensão da cosmopercepção do Sankofa, foi mais uma vez fundamental para entender a importância de retomar e incluir nos debates urbanos as falas, as fotografias e os demais registros dos tempos contidos nos vestígios da paisagem. Acredito que essa estratégia é sobretudo, uma forma de disputa contra o racismo, que permite tensiona e abrir novas possibilidades para enxergar para além da ideia de uma história única, já tem predeterminado quem pode construir as narrativas, como elas serão e quando serão contadas.

Como foi apresentado, as fabulações transmitem por muitas gerações fatos importantes de Itapuã e de seu povo, dois grandes exemplos são o mito do Zumé e a lenda do Abaeté. No momento que intensifiquei a realização das conversas e as práticas da esculta, me dei conta que em meio as narrativas das populações negras a criação de realidades fantásticas é um elemento presente. Sobretudo, no início da pandemia em meio aos maiores picos de contaminação, vislumbrar o passado e as trajetórias, marcados ao mesmo tempo por agressões e triunfos, que permitiram chegar até aquele momento, e possibilidade de conseguir sonhar com um futuro

diferente daquele presente caótico, foi uma ferramenta importante para a sociedade conseguir manter a esperança de que um dia as coisas ficariam bem.

Imerso neste cenário, a incorporação dos textos criativos inspirados no movimento do Afrofuturismo, foi uma estratégia que potencializou esta investigação acadêmica. Utilizar as Ficções Visionárias e as Afrofabulações no processo da síntese das informações, possibilitou gerar uma alternativa para refletir e narrar sobre a complexidade das vidas negras nas cidades, sem abandonar a força da criação de imaginários, que é tão presente nas formas de contar histórias sobre o Itapuã.

A elaboração desta dissertação, partiu da hipótese de que em meio ao processo de urbanização que se intensificou em Itapuã a partir de segunda metade do século XX, impondo valores socio culturais norte americanos e europeus a cultura local, as técnicas herdadas da população tupinambá e africana, que habitou este território em outros momentos, permanecem presentes até os dias de hoje. A possibilidade de seguir um caminho metodológico construído a partir de uma lente investigativa situada, permitiu que as técnicas presentes no meu cotidiano assim como nos demais moradores pudessem ser evidenciados.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, ouvindo e entendendo as narrativas sobre Itapuã, foi possível confirmar como as cidades refletem a presença e as trajetórias de sua sociedade. Elas evidenciam como a presença no território dos vestígios materiais e imateriais construídos através das experiências corporificadas dos Itapuãzeiros.

Não perdemos de vista que o conceito de vestígios, empregado como guia conceitual nesta investigação, foi formulado a partir das conversas que eu tive com a avó Maria. A concepção a partir dessa ideia, transpassa o significado desse termo enquanto sinônimo de ruína ou algo que está soterrado, direcionando a compreensão para as marcas no território que se mantem presentes em meio as transformações impostas e as tentativas de apagamentos.

Entender os vestígios a partir dos saberes da minha avó, foi uma ferramenta essencial para ajudar a compreender como na paisagem de Itapuã em meio as águas salgadas do mar, as pedras da praia, as águas doces das lagoas, os córregos, as casas construídas na segunda metade do século XX, os pequenos jardins e os poucos matos que ainda restam, são potências de reexistências que mantem e reformulam técnicas acumuladas de tempos distintos.

A localização e a formação das poucas casas que ainda podemos encontrar no “Porto de Cima” ou no “Porto de Baixo” revelam como a relação com a praia influenciou morfologia de Itapuã. Em meio aos diversos comércios as últimas duas casas da Rua Genebaldo Figueiredo são vestígios das primeiras habitações desta antiga vila de pescadores. O quintal de muitos moradores de Itapuã foi literalmente a praia. É importante destacar também, que os

proprietários destas casas ainda mantem as relações de sociabilidades com os feirantes, guardando os equipamentos nos períodos em que a o comercio de rua não está funcionando.

Apesar de não ser somente uma vila de pescadores é nas águas salgadas do mar de Itapuã que alguns moradores ainda utilizam as canoas e os saberes dos antepassados para conseguir através da pesca sustentar suas famílias. As pedras permanecem protegendo a costa de Itapuã, conduzindo os pescadores que estão no mar, indicam os frequentadores da praia os melhores lugares para se banhar e seguem guardando em seus nomes os saberes da natureza herdado dos ancestrais tupinambás.

O movimento inicial de modernização e urbanização que impulsionou o surgimento novas ocupações para além do núcleo que era havia a vila de pescadores de Itapuã, não eliminou completamente as relações que os moradores tinham com a natureza. São nas casas semelhantes à da minha avó Maria, que ainda mantém dentro dos muros baixos, em seus quintais, jardins, varandas e demais espaços, formas de produção de vida e de espaços elaboradas em muitos momentos distintos.

Não podemos mais encontrar as jaguaribes no rio que limitava o acesso ao bairro, as lavadeiras e os aguadeiros no Abaeté, ou ainda a cacimba, as fontes e os chafarizes que concediam água para os moradores, esses afluentes nutriram fortes laços de sociabilidade que perduram até os dias atuais entre alguns moradores. O grupo musical “As Ganheiras de Itapuã” e a luta dessas mulheres para preservar o “samba de panela” é um dos vestígios mais evidentes. O fato de eu ter sido reconhecido como o neto de “Dona Maria da fonte” é também um vestígio disto.

A permanência dos jardins dos quintais das casas é o vestígio que nos ajuda a entender como nessa terra de Itapuã onde “era tudo mata”, não havia uma distinção entre as relações sociais e a natureza e os vínculos formados entre os moradores eram influenciados por uma lógica distinta do pensamento mercadológico do capitalismo. É nos jardins, que técnicas ancestrais sobre as plantas são cultivadas mantendo para além da ornamentação, as farmácias vivas e as relações com o sagrado. Uma questão que ficou a desejar neste trabalho e precisa ser aprofundada, é se definição de jardim da conta de simbolizar a complexidade e a relevância que estes espaços possuem nos territórios negros.

Esse trabalho poderia contar uma coleta de dados mais ampla no campo e com um número maior de entrevista com os moradores, o que possibilitaria o surgimento de outras narrativas, assim como outros vestígios seriam descobertos. Porém as restrições do isolamento social ocasionado pela Pandemia do Coronavírus, iniciada no meio da pesquisa, contribuiu para que isto se tornasse inviável. Entretanto, acredito que refletir sobre Itapuã neste trabalho

acadêmico, tendo como disparador a história da casa de minha família, trouxe à tona a presença da pluriversalidade na construção do território, rompendo silenciamentos de diversos tempos, honrando os esforços dos ancestrais.

Por fim, vale destacar que ao longo da pesquisa pude acompanhar duas transformações significativas ocorridas na paisagem de Itapuã, em decorrência da construção da estação elevatória de esgoto as margens da Lagoa do Abaeté e a construção de um templo Cristão em um dos poucos trechos das dunas de areia branca ainda resta. Ambas intervenções, que estão localizadas dentro dos limites da APA do Abaeté, apesar de terem sido realizadas com a aprovação dos órgãos governamentais, não seguiram as restrições determinadas para a APA e não foram concebidas a partir de um diálogo com a população local. A implementação destes elementos, seguiu a mesma lógica das intervenções urbanas ocorridas em tempos anteriores. Além das demandas da população não fazerem parte da elaboração destes projetos, as relações socioespaciais Itapuãzeiros sofreram uma nova tentativa de apagamento, neste espaço da APA do Abaeté que é um dos últimos espaços naturais.

Esse trabalho guiado pela cosmopercepção do Sankofa é também uma fabulação. Que vislumbra alertar as pessoas que viram depois de mim, para que possam refazer o futuro sem cair nos mesmos abismos deste momento presente. Seja buscando as narrativas apagadas, promovendo a inclusão dos arquivos pessoais das famílias negras, ou criando novas ficções de mundo, ou derrete tudo isso junto ou até então incorporando outras questões, cabe as próximas investigações acadêmicas que iram estudar Itapuã, continuar esta busca pelos vestígios elaboradas pelos tupinambás, aos africanos e seus descendentes presentes neste território. Para que outros fundamentos que influenciam o pensamento urbanístico possam surgir.

REFERÊNCIAS

Bibliografias

AZEVEDO, Thales de. **O Povoamento da Cidade de Salvador**. Salvador, Tip. Beneditina, 1949.

BLVCK VRCHIVES. **Um arquivo da Vida Negra**. Disponível em: <<http://www.blvckvrchives.com/>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2020.

BLACK FLORIDA. **O Projeto**. Disponível em: <<https://www.blackflorida.org/the-project>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2020.

BRAND, Dionne. **A map to the door of no return** – notes to belonging. Canada: Vintage, 2001.

BUTLER, Octavia Estelle. **Kindred Laços de Sangue**. São Paulo: Morro Branco, 2017.

CARNEIRO, Aparecida. **A Construção Do Outro Como Não-Ser Como Fundamento Do Ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CALVIN, Ritch. **An Octavia E. Butler Bibliography (1976-2008)**. *Utopian Studies*, vol. 19, no. 3, 2008, pp. 485–516. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20719922>>. Acesso em 19 de abril de 2021.

CATARINO, Diana Margarida. **A Companhia do queimado (1852-1905): impactos desiguais na malha urbana de Salvador e na profissão do aguadeiro** / Diana Margarida Catarino. – Salvador, 2019. 145 p.

COSTA, Ana de Lourdes R. **Ekabo: trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX**. 1989. 932 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1989.

COSTA, Sofia de Carvalho. **Corpo - Casa – Memória: Narrativas de mulheres negras em Itapuã**. 2019. Pags. 59. Trabalho Final de Graduação Corpo (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, Salvador. [Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gabriela Leandro Pereira].

CUNHA, Henrique. **Bairros Negros, A Forma Urbana Das Populações Negras No Brasil: Disciplina da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 10, n. 1, 2020**

CUNHA JR., Henrique. **Metodologia afrodescendente de pesquisa**. Revista Ethnos, São Paulo, ano 5, n.1, jun. 2008.

CUNHA Jr. Henrique. **Tecnologia Africana na Formação Brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP/MEC. 2010. Disponível em: <http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/268> Acesso em: 10

de outubro de 2021.

DERY, M. “**Black to the future**: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose”. In: *Flame Wars: the discourse of cyberculture*. Durham, NC: Duke University Press, 1994.

FERREIRA, Abílio (org.). **Tebas**: Um negro arquiteto na São Paulo escravocrata (abordagens). São Paulo: IDEA, 2018, 128 p.

FUNARI, Pedro Paulo A. *A Arqueologia*. São Paulo: Contextos, 2003.

GANDON, Tania Risério d'Almeida. **A voz de Itapuã**. Salvador: EDUFBA, 2018. P. 498.

GOMES, Ângela Maria da Silva. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro africana**: terreiros, quilombos, quintais da Grande BH / Ângela Maria da Silva Gomes. – 2009. 220 p.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1982.

FREITAS, K (org.). **Afrofuturismo**: cinema e música em uma diáspora intergaláctica. São Paulo, Catálogo Caixa Cultural: Novembro, 2015.

FREITAS, Kênia. **Afrofabulações e opacidade**: as estratégias de criação do documentário negro brasileiro contemporâneo. RICARDO, L. (org). *Pensar o documentário, textos para um debate*. Recife: UFPE, 2020, p. 201-227.

HARTMAN, Saidiya. **Venus in Two Acts**. In: *Small Axe*, 1 June 2008.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

HOOKS, bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IMARISHA, Walidah. **Reescrevendo o Futuro**: Usando Ficção Científica Para Rever a Justiça, trad. Jota Mombaça. 2016.

JEMISIN, Nora. **Nós somos a cidade**. Tradução Helen Pandolfi. Suma, 2021. p. 410.

KABRAL, Fabio. **Afrofuturismo**: Ensaios sobre narrativas, definições, mitologia e heroísmo.

Fábio Kabral. 12/jul/2018. Disponível em:

<https://fabiokabral.wordpress.com/2018/07/12/afrofuturismo-ensaios-sobre-narrativasdefinicoes-mitologia-e-heroismo/>, acesso em 06/02/2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

LIMA, Lúcio Máximo Gonzaga de. **Os prenomes no Cartório de Itapuã** / Lúcio Máximo Gonzaga de Lima. - 2014. 126 f.: il.

LEANDRO, Gabriela. **Direito à cidade e questões raciais**. Coletiva, junho de 2019.

Disponível em: <https://www.coletiva.org/direito-a-cidade-e-questoes-raciais>. Acesso em: maio

2021.

LUZ, Narcimária do Patrocínio. **Itapuã: da ancestralidade africano-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. Salvador: EDUFBA, p.151, 2013.

MAESTRI, Mário. **Terra do Brasil: a conquista lusitana e o genocídio Tupinambá**. São Paulo: Moderna, 1993.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo do tempo espiralar**, poéticas do corpo-tela/ Leda Maria Martins. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. P.256

MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros et al. **Ocorrência simultânea de COVID-19 e dengue: o que os dados revelam?**. Cadernos de Saúde Pública [online]. 2020, v. 36, n. 6 [Acessado 15 março 2021] , e00126520. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00126520>>. Epub 17 Jun 2020. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00126520>.

MORTIMER, J. **Pensar por imagens**. In: JACQUES, P; PEREIRA, M. *Nebulosas do pensamento urbanístico*. Salvador: Edufba, 2018a.

MOTTA, Aline. **Filha Natural**. Aline Motta, 2019. Disponível em: <<http://alinemotta.com/Filha-Natural-Natural-Daughter>>. Acesso em 15 de setembro de 2020.

NASCIMENTO, Elisa L. (org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NYONG'O, Tavia. **Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life**. New York: NYU Press, 2018.

RAMOSE, M. B. **Ensaio Filosófico**. Volume IV - outubro/2011.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. 1976. In: *Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição*. Maria Beatriz Nascimento. *Diáspora África: Editora Filhos da África*, 2018. P. 97-104.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2006.

QUERINO, Manuel. **O colono preto como fator da civilização brasileira**. Jundiá: Cadernos do mundo inteiro, 2017.

RAMOS, Maria Estela. **Bairros Negros: uma Lacuna nos Estudos Urbanísticos Um estudo empírico-conceitual no Bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)**. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Salvador, 2013.

REIS, João José. **Há duzentos anos: a revolta escrava de 1814 na Bahia**. Topoi (Rio de Janeiro) [online]. 2014, v. 15, n. 28 [Acessado 20 Setembro 2021] , pp. 68-115. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/2237-101X015028003>>. Epub Jan-Jun 2014. ISSN 2237-101X.
<https://doi.org/10.1590/2237-101X015028003>.

REIS, João José Reis & GOMES, Flavio Gomes (orgs.). **Liberdade por um fio: histórias dos quilombos no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

REIS, João. **Quilombos e revoltas escravas no Brasil**. Revista USP, 1996, 14-39 p. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p14-39>> Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

RIBEIRO, Darcy. Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Volume 2. **Tecnologia Indígena**. 2. ed, Petrópolis: Ed. Vozes/FINEP, 1987.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional** (5th ed.). Editora Nacional. 1997.

SANTOS, Jocélio Teles dos (coord.). **Mapeamento dos Terreiros de Salvador**. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2008. Disponível em: <<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília, 2015.

SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

SANTOS, M. A. **A Cidade e o Urbano como Espaço-Tempo**. In: Seminário de História Urbana, N.1,1990, Salvador. Cidade e História: Modernização das Cidades Brasileiras no Século XX. Disponível em: <<http://xvishcu.arq.ufba.br/anais-i-shu/>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SANTOS, M. A. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2005.

SANTOS Milton. **Da paisagem ao espaço: uma discussão**. Anais do II ENEPEA. São Paulo: Universidade São Marcos/ FAUUSP, 1996. p. 33-42.

SANTOS, M. A. **O tempo nas cidades**. Coleção Documentos Série Estudos Sobre o Tempo, IEA - USP - São Paulo, n.2, 1991.

SILVA, Paulo R. Guimarães da. **Identidade, territorialidade e ecologismo: o caso da Lagoa do Abaeté**. *Cad. CRH*, Salvador, n.18, p.117-137, 1993. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2122>> Acesso em 06 de dez. de 2019.

SCHWARTZ, Stuart. **Cantos e Quilombos numa conspiração de escravos Haussás**. Bahia, 1814. In: REIS, João José e GOMES, Flavio Santos (ogs.). **Liberdade por um Fio: histórias dos quilombos no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravos, roceiros e rebeldes**. São Paulo: Edusc, 2001 – Tradução de

Jussara Simões.

SOARES, Cecília Moreira. **Mulher negra na Bahia do século XIX**. Salvador: EDUNEB, 1994.

ROSA, Thaís Troncon. **Pensar por margens**. In: JACQUES, P.B; PEREIRA, M. da S. (Org.). *Nebulosas do Pensamento Urbanístico*. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2018, v. 1, p. 176-205.

UNESCO. **Osun-Osogbo Sacred Grove**. 2005 Disponível em: < > Acesso em 08 de janeiro de 2022.

VERGER, Pierre. **Orixás: Deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. São Paulo, Corrupio, 1997. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega

VESTÍGIO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/vestigio/>>. Acesso em: 18/07/2022.

Womack, Ytasha. **Afrofuturism: the World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture**. Chicago :Chicago Review Press, 2013. P. 213.

Canções

DOMINIO PÚBLICO. **Canto da Lavadeira**. As Ganhadeiras de Itapuã. Álbum da letra: As Ganhadeiras de Itapuã. 2016. Disponível em: <<https://coaxodosapo.bandcamp.com/track/canto-da-lavadeira-prelu-dio-das-a-guas>>. Acesso em 9 de março de 2021.

PASSOS, Jenner. **Com a Alma Lavada**. As Ganhadeiras de Itapuã. Álbum da letra: As Ganhadeiras de Itapuã. 2016. Disponível em: <<https://coaxodosapo.bandcamp.com/track/bando-das-ganhadeiras-com-a-alma-lavada>>. Acesso em 9 de março de 2021.

ROCK E.; BROWN M. **Negro Drama**. Racionais Mcs. Álbum da letra: Nada como um dia após o outro dia. 2002. Disponível em: <<https://youtu.be/u4lcUooNNLY>>. Acesso em 9 de março de 2021.

SANTOS, Eunice. **Passado e Presente**. As Ganhadeiras de Itapuã. Álbum da letra: As Ganhadeiras de Itapuã. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qu-KtL9D1fM&ab_channel=CoaxodoSapo>. Acesso em 9 de março de 2021.

VELOSO, Caetano; LARA, Ivone. **Força da imaginação**. Ivone Lara. Álbum da letra: Bodas de Ouro. 1997. Disponível em: <<https://youtu.be/aIz2mxbhZyQ>>. Acesso em 9 de março de 2021.

Documentários

AS GANHADEIRAS de Itapuã. Direção: Jenner Salgado. Produção: TV UFBA. YouTube. Abril de 2015. 29 minutos e 27 segundos. Disponível em: <<https://youtu.be/fx6586NGVb8>>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

AS GANHADEIRAS de Itapuã: As Ganhadeiras da Viradouro (Carnaval 2020). Direção: Alice Fernandes. Produção: Unidos da Viradouro. YouTube. Fevereiro de 2020. 15 minutos e 53 segundos. Disponível em: <<https://youtu.be/8Tzbf5PGFFg>>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

A LAGOA escura, em defesa do Abaeté. Direção: Carlos Pronzato. La Mestiza Audiovisual: Carlos Pronzato. YouTube. Outubro de 2020. 55 minutos e 34 segundos. Disponível em: <<https://youtu.be/QSV8WU5yO5k>>. Acesso em: 01 de novembro de 2020.

MAKOTA Valdina: Um jeito negro de viver. Direção: Joyce Rodrigues. Produção: Ana Verena Carvalho e Lua Onawale. YouTube. 2005. Minutos. 19 minutos e 29 segundos. Disponível em: <<https://youtu.be/sa0HXc48yIE>>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

NUNCA é noite no mapa. Direção: Ernesto de Carvalho. Vimeo. Abril de 2016. 6 minutos e 11 segundos. Disponível em: <<https://vimeo.com/175423925>>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

VIDA da Ganhadeira de Itapuã Helena Passos. Direção: Bruno Saphira. Produção: Fundação Gregório de Mattos. G1. 6 minutos e 13 segundos. Disponível em <<https://g1.globo.com/ba/bahia/video/video-sobre-a-vida-da-ganhadeira-de-itapua-helena-passos-8361306.ghtml>>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

Entrevistas

Ednalva Sena de Almeida. **Entrevista sobre a história de sua casa [20 de abril de 2019]**. Entrevistador: Gustavo S. de A. Santiago. Salvador, 2019.

Ednalva Sena de Almeida. **Entrevista sobre a Nova Conquista durante a sua infância [20 de junho de 2020]**. Entrevistador: Gustavo S. de A. Santiago. Salvador, 2020.

Ednalva Sena de. **Entrevista sobre a construção de sua casa na Nova Conquista [05 de julho de 2020]**. Entrevistador: Gustavo S. de A. Santiago. Salvador, 2020. 04-1 Ednalva Almeida.mp3 (13 minutos).

Ednalva Sena de Almeida; Maria Conceição Sena de Almeida. **Entrevista sobre a fonte [05 de julho de 2021]**. Entrevistador: Gustavo S. de A. Santiago. Salvador, 2021. 04-2 Ednalva Almeida.mp3 (4 minutos).

Maria Guimarães. **Entrevista sobre como era a praia de Placaford [08 de julho de 2021]**. Entrevistador: Gustavo S. de A. Santiago. Salvador, 2021. 06-1Maria Guimarães.mp3 (41 minutos).

Maria Guimarães. **Entrevista sobre a barragem [20 de março de 2022]**. Entrevistador: Gustavo S. de A. Santiago. Salvador, 2022. 06-2 Maria Guimarães.mp3 (17 minutos).

Adroaldo Pereira Lima. **Entrevista sobre a história de sua casa [19 de novembro de 2020]**. Entrevistador: Gustavo S. de A. Santiago. Salvador, 2020. 09 Adroaldo Lima.mp3 (42 minutos).

José Manoel de Assis Souza. **Entrevista sobre a história de sua casa [20 de maio de 2019]**. Entrevistador: Gustavo S. de A. Santiago. Salvador, 2019. 02 Jose Souza.mp3 (2 horas e 15 minutos).

Rosenilda do Santos Souza. **Entrevista sobre a história de sua casa [23 de novembro de 2020]**. Entrevistador: Gustavo S. de A. Santiago. Salvador, 2019. 10 Rosenilda Souza.mp3 (1 horas e 38 minutos).

Projetos Urbano

SALVADOR.Fábrica de Equipamentos Comunitário. **Programa Viva o Bairro**: projeto básico de nova Brasília. Salvador: [s.n.], 1987. Cópia xerox, não paginada + mapas em anexo.

SALVADOR. Orgão Central de Planejamento. **Imagem ambiental urbana da cidade do Salvador**. Salvador: [s.n.], 1978. Edição impressa, 301 p. (Coleção PLANDURB/FINEP, 19).

SALVADOR. Órgão Central de Planejamento/PRODESO. **Itapuã**: Programa de Urbanização Popular. Salvador: [s.n.], 1977. 20 p. + anexos e mapas color.à mão.

SALVADOR. Orgão Central de Planejamento. **Projeto da orla marítima**. GT-PLANDURB. Salvador: [s.n.], 1977. Documento em cópia il. A3.

SALVADOR. Secretaria Municipal do Planejamento. **Plano de estruturação da orla marítima de Salvador**: trecho Amaralina - Itapuã. Salvador: [s.n.], 1988. Obra em 16 cadernos, divididos em 2 v.

SALVADOR.Secretaria Municipal do Planejamento. **Plano urbanístico para Itapuã**. Salvador: [s.n.], 1986. 4 v il.